UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional

Giovanni Paolo de Jesus Donadia

QUAL EDUCAÇÃO FÍSICA PARA QUAL BARÃO? CONSTRUÇÃO DE UM PLANEJAMENTO PARA/COM OS ALUNOS DO 6ºANO DA ESCOLA ESTADUAL BARÃO DO RIO BRANCO

Belo Horizonte - MG
2025

Giovanni Paolo de Jesus Donadia

QUAL EDUCAÇÃO FÍSICA PARA QUAL BARÃO? CONSTRUÇÃO DE UM PLANEJAMENTO PARA/COM OS ALUNOS DO 6ºANO DA ESCOLA ESTADUAL BARÃO DO RIO BRANCO

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação Física

Orientadora: Cássia Danielle Monteiro Dias Lima

Belo Horizonte - MG

2025

D675q 2025

Donadia, Giovanni Paolo de Jesus
Qual educação física para qual barão? [recurso eletrônico] : construção de um planejamento para/com os alunos do 6º ano da Escola Estadual Barão do Rio Branco / Giovanni Paolo de Jesus Donadia. – 2025.
1 recurso online (208 f. : il.) : pdf.

Orientadora: Cássia Danielle Monteiro Dias Lima

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

Inclui bibliografia.

1. Educação física – Estudo e ensino – Teses. 2. Educação física para crianças – Teses. 3. Professores de educação física – Teses. 4. Planejamento educacional – Teses. I. Lima, Cássia Danielle Monteiro Dias. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. III. Título.

CDU: 371.73

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Sheila Margareth Teixeira Adão, CRB 6: n° 2106, da Biblioteca da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG.

FOLHA DE APROVAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA/MP

UFMG

ATA DA DEFESA DA DISSERTAÇÃO DO ALUNO
GIOVANNI PAOLO DE JESUS DONADIA

Realizou-se, no dia 25 de junho de 2025, às 14:30 horas, no CEMEF, da Universidade Federal de Minas Gerais, a 39ª (trigésima nona) defesa de dissertação, intitulada *QUAL EDUCAÇÃO FÍSICA PARA QUAL BARÃO? CONSTRUÇÃO DE UM PLANEJAMENTO PARA/COM OS ALUNOS DO 6º ANO DA ESCOLA ESTADUAL BARÃO DO RIO BRANCO*, apresentada por GIOVANNI PAOLO DE JESUS DONADIA, número de registro 2023664645, graduado no curso de EDUCAÇÃO FÍSICA, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em EDUCAÇÃO FÍSICA, à seguinte Comissão Examinadora: Prof(a).Cássia Danielle Monteiro Dias Lima – Orientadora (UEMG), Prof(a). Meily Assbú Linhales (UFMG), Prof(a). Tarcisio Mauro Vago (UFMG).

A Comissão considerou a dissertação:

(Y) Aprovada

( ) Reprovada

A versão final da dissertação, devidamente corrigida, deverá ser entregue até 60 dias após sua defesa.
Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.

Belo Horizonte, 25 de junho de 2025.

Prof(a). Cássia Danielle Monteiro Dias Lima (Doutora)

Prof(a). Meily Assbú Linhales (Doutora)

Prof(a). Tarcisio Mauro ~~Vago~~ (Doutor)

Dedico este trabalho à minha filha Ana Clara, a alegria e o amor da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, fonte de toda inspiração e força, que me guiou em cada etapa desta jornada, iluminando meu caminho e me concedendo a perseverança necessária para alcançar este objetivo.

Aos meus pais, meu eterno amor e gratidão. Por terem me ensinado os valores mais importantes e por sempre acreditarem em mim, mesmo quando eu duvidava.

À minha esposa, sua ajuda foi essencial para que eu pudesse me dedicar a este trabalho. Agradeço pelo apoio que me deu forças para seguir em frente.

À minha filha, minha maior alegria e motivação. Você é a luz que ilumina meus dias e a razão do meu esforço. Ver seu sorriso e saber que estou construindo um futuro melhor para você me dá forças para seguir em frente, mesmo diante dos desafios.

À minha orientadora, Cássia, minha profunda gratidão. Sua orientação sábia, paciência e incentivo foram essenciais para o desenvolvimento deste trabalho. Agradeço por cada reunião on-line, por cada encontro presencial, cada sugestão e por me mostrar o caminho a seguir. Sua dedicação e profissionalismo me inspiraram e me fizeram crescer como pesquisador e como professor.

Ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), minha sincera gratidão pela oportunidade de aprimorar meus conhecimentos e desenvolver minhas habilidades. Agradeço a todos os professores e colegas pelas trocas de experiências e pelo apoio durante o curso.

E, por fim, aos meus queridos alunos, minha eterna gratidão. Vocês são a razão de ser do meu trabalho e a inspiração para buscar sempre o melhor. Agradeço por cada sorriso, cada pergunta, cada aprendizado compartilhado. Vocês me ensinaram muito mais do que eu jamais poderia imaginar e me mostraram a importância de acreditar no potencial de cada um. Este trabalho é dedicado a vocês, com todo meu carinho e admiração.

RESUMO

Este estudo teve como objetivo desenvolver um planejamento participativo com os alunos do sexto ano da Escola Estadual Barão do Rio Branco - o Primeiro Grupo Escolar de Belo Horizonte. Uma escola que, apesar de sua reconhecida história, conta com espaços e materiais insuficientes para o desenvolvimento de diversas práticas corporais. Neste estudo utilizou-se a metodologia “pesquisa-ensino”, nessa abordagem o professor busca identificar os problemas que o desafiam em sua prática e propõe-se a superá-los, visando a produção do conhecimento articulada à sua condição docente. Durante o desenvolvimento desta pesquisa buscou-se conhecer um pouco sobre a história da escola e sobre como as práticas corporais estiveram presentes e foram mobilizadas ao longo de mais de cem anos de história. Foi importante também conhecer os alunos, seus sonhos, seus objetivos e as práticas que desenvolviam fora da escola. Após um período de reconhecimento, o planejamento participativo foi elaborado ao longo do primeiro bimestre e desenvolvido nos segundo e terceiro bimestres do ano de 2024. Nesse movimento, os alunos puderam selecionar quais práticas corporais seriam desenvolvidas em quatro unidades temáticas: os esportes, as danças, as ginásticas e as práticas corporais de aventura. Essas unidades foram selecionadas tendo por base o que dispõe a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o Currículo Referência de Minas Gerais (CRMG). As práticas escolhidas pelos alunos foram Futebol, Funk, movimentos básicos de Ginástica artística (movimentos básicos) e *Parkour*. O desenvolvimento deste estudo trouxe diversos desafios e oportunidades, que proporcionaram aprendizado, reflexão, revisão e aprimoramento da atuação como docente. Nesse sentido, esse processo contribuiu para a (re)construção da minha identidade docente, ao mesmo tempo em que os alunos puderam vivenciar novas práticas corporais e conhecer diferentes manifestações da cultura corporal de movimento. Além disso, houve um processo de ressignificação da relação estabelecida com a escola, com seus espaços e materiais, bem como dos vínculos com os alunos.

Palavras Chave: Educação Física Escolar, Planejamento Participativo, Práticas Corporais, BNCC.

ABSTRACT

This study aimed to develop a participatory planning process with sixth-grade students at Escola Estadual Barão do Rio Branco – the first public school established in Belo Horizonte. Although the school has historical recognition, it faces challenges related to limited spaces and insufficient materials for the development of various physical practices.This research adopted the "teaching-research" methodology, in which the teacher seeks to identify the challenges present in their practice and aims to overcome them, producing knowledge connected to their role as an educator.During the course of this research, efforts were made to learn about the school's history and how physical practices have been present and mobilized throughout more than one hundred years. It was also important to get to know the students—their dreams, goals, and the activities they engaged in outside of school.After a period of familiarization, the participatory planning process was developed during the first academic term and implemented throughout the second and third terms of the 2024 school year. In this process, students were able to choose which physical practices would be developed within four thematic units: sports, dance, gymnastics, and adventure physical practices. These units were selected based on the guidelines of the Brazilian National Common Curricular Base (BNCC) and the Curriculum Reference of Minas Gerais (CRMG). The practices chosen by the students included Soccer, Funk dance, basic Gymnastics movements, and Parkour.The implementation of these practices brought a range of challenges and opportunities that fostered learning, reflection, revision, and the enhancement of my teaching practice. This process contributed to the (re)construction of my professional identity, while also allowing students to experience new physical practices and engage with different expressions of the body culture of movement. Furthermore, it led to a process of re-signifying my relationship with the school, its spaces and materials, as well as the bonds formed with the students.

Keywords: School Physical Education, Participatory Planning, Body Practices, BNCC.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1	Alunos do Barão sendo recepcionados pela Professora Meily na exposição “A Educação Física nas escolas da cidade”.....	29
Imagem 2	Eu e os alunos após assistir aos vídeos da exposição……..	30
Imagem 3	Fotografia da capa do livro do Jubileu de Ouro do Grupo Escolar Barão do Rio Branco…….	36
Imagem 4	Fotografia da Capa da Revista “Tempo e Educação”.....	37
Imagem 5	Fotografia da Capa do livro: Barão Centenário - 100 Anos da Escola Estadual Barão do Rio Branco……	40
Imagem 6	Foto do 1º Grupo Escolar da Capital no primeiro endereço……..	45
Imagem 7	Fotografia da Avenida Paraúna – em evidência os Grupos Escolares Bueno Brandão e Barão do Rio Branco…….	46
Imagem 8	Fotografia da fachada do Grupo Escolar Barão do Rio Branco…..……	47
Imagem 9	Inauguração da quadra da Escola…….	53
Imagem 10	Professora de Educação Física Maria Lúcia Borges e os alunos que participaram do primeiro jogo da quadra……...	54
Imagem 11	Fotografia da Escola Barão do Rio Branco durante a Reforma…….	55
Imagem 12	Alunos do Barão Realizando Movimentos Ginásticos…….	59
Imagem 13	Fotografia de 1959: alunas de Natália Lessa dançando no auditório do Grupo Escolar Barão do Rio Branco…….	61
Imagem 14	Fotografia de 1959: alunas do Barão Fazendo uma Apresentação de Ginástica com Arcos…….	62
Imagem 15	Desfile de Abertura dos Jogos Olímpicos de 1981……..	63
Imagem 16	Aluno Marco Antônio, campeão do salto em distância, recebendo a premiação……...	63
Imagem 17	Quadra da Escola Estadual Barão do Rio Branco. Carinhosamente apelidada de “Gaiola”.....	68
Imagem 18	O auditório da Escola Estadual Barão do Rio Branco…….	97
Imagem 19	Placa Inauguração da Escola……..	101
Imagem 20	Alunos contemplando a fachada da escola……..	102
Imagem 21	Alunos contemplando a fachada e produzindo seus próprios registros……..	103
Imagem 22	Alguns desenhos produzidos pelos alunos……	106
Imagem 23	Alunos acessando o QR Code para participarem do Planejamento Participativo……	115
Imagem 24	Alunos medindo as dimensões da quadra……	128
Imagem 25	Alunos medindo as dimensões da quadra……	128

Imagem 26 Alunos cobrando pênaltis com gol com dimensões semelhantes às do Futebol de Campo..... 129
Imagem 27 O campeonato de futebol..... 142
Imagem 28 O campeonato de futebol..... 142
Imagem 29 Produções dos alunos sobre o futebol..... 144
Imagem 30 Ensaio do Funk da turma 603..... 153
Imagem 31 Os alunos no auditório da escola durante a apresentação das coreografias criadas durante as aulas de Educação Física..... 156
Imagem 32 Turma 603 apresentando a coreografia da música Vou Passar Cerol na Mão do Bonde do Tigrão..... 157
Imagem 33 Desenho produzido pela aluna Sophia Ferreira dos Santos - turma 601..... 160
Imagem 34 Alunos transportando e montados os tatames..... 166
Imagem 35 Alunos transportando e montados os tatames..... 166
Imagem 36 O tatame montado..... 167
Imagem 37 Registro dos alunos das aulas de Ginástica..... 173
Imagem 38 Aluna executando o movimento Precision Jump..... 177
Imagem 39 Aluno executando o movimento Precision Jump..... 178
Imagem 40 Aluno realizando o movimento Safety Vault..... 179
Imagem 41 Sequência de imagens do aluno realizando o movimento execução do Tic-Tac..... 180
Imagem 42 Sequência de imagens de um aluno realizando o *Wall Run*..... 181
Imagem 43 Aluno realizando o Wall Run simplificado..... 182
Imagem 44 Aluna realizando a aterrissagem..... 182
Imagem 45 Registros dos alunos das aulas de Parkour..... 184
Gráfico 1 Percentual de participantes por categoria..... 117

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1	1º Bimestre: Planejamento prévio…….....	90
Quadro 2	2º Bimestre: Planejamento Prévio……	91
Quadro 3	Práticas Corporais mais Citadas em cada Unidade Temática……..	118
Quadro 4	Atividades Realizadas no 2o Bimestre …….	130
Quadro 5	Artistas e músicas pré-selecionadas para a montagem das coreografias……	151
Quadro 6	Planejamento das aulas do terceiro bimestre……..……	162
Tabela 1	Dados dos Alunos…….……	94
Tabela 2	Práticas Corporais Realizadas Pelos Alunos em Escolinhas…….	95

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UNI-BH	Centro Universitário de Belo Horizonte
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
UFOP	Universidade Federal de Ouro Preto
UFLA	Universidade Federal de Lavras
CAT	Certificado de Avaliação de Título
PROEF	Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional
EEFFTO	Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
ALMG	Assembleia Legislativa de Minas Gerais
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
AVA	Ambiente Virtual de Aprendizagem
CRMG	Currículo Referência de Minas Gerais
COEP	Comitê de Ética em Pesquisa
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TALE	Termo de Assentimento Livre Esclarecido
CEMEF	Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer
CP	Centro Pedagógico
IEPHA	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais
EEsepe	Escola Experimental dos Serviços de Estudos Pedagógicos
Edese	Escola de Demonstração e Experimentação da Secretaria de Educação
LEDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
CF	Constituição da República Federativa do Brasil
UFC	Universidade Federal do Ceará
PPP	Projeto Político Pedagógico da escola
CAED	Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação

UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
DJ	Disc Jockey
MC	Mestre de Cerimônias
MTG	Montagem
FIG	Federação Internacional de Ginástica
OBS	Observação
DP	Distrito Policial

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....16
1.1 UM POUCO DE MINHA HISTÓRIA.....16
1.2 O BARÃO, A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E EU.....18
1.3 O PROEF: MINHA INSERÇÃO NO MESTRADO PROFISSIONAL.....22
1.4 AS DELIMITAÇÕES DO ESTUDO.....24
1.4.1 Objetivo Principal:.....25
1.4.2 Objetivo Secundário:.....25
1.4.3 Metodologia.....26
1.4.4 Recurso Educacional.....27
1.5 ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO.....30
1º CAPÍTULO.....32
O BARÃO E SUA EDUCAÇÃO FÍSICA: PASSADO E PRESENTE.....32
1.1 VESTÍGIOS DA HISTÓRIA DO BARÃO DO RIO BRANCO: O PERCURSO DE ESTUDO E PESQUISA DO PROFESSOR/PESQUISADOR.....33
1.2 O PRIMEIRO GRUPO ESCOLAR DA CAPITAL.....41
1.2.1 A Gymnástica, a Educação Física e o Barão do Rio Branco.....55
1.2.2 Alguns Detalhes Do Barão Atual.....67
2º CAPÍTULO.....68
A EDUCAÇÃO FÍSICA: DIRETRIZES OFICIAIS E A FORMAÇÃO DO PROFESSOR/PESQUISADOR.. 69
2.1 - EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.....70
2.2 - NORMATIVAS NACIONAIS E ESTADUAIS: IMPLICAÇÕES NO PLANEJAMENTO E O COTIDIANO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.....72
2.3 - PLANEJAMENTO DOCENTE: ALGUMAS BALIZAS TEÓRICAS.....77
3º CAPÍTULO.....85
DO PREVISTO AO VIVIDO: O DESENVOLVIMENTO DE UM PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA DO BARÃO.....85
3.1 PREPARAÇÃO PARA O INÍCIO DO ANO LETIVO.....85
3.2 CONTATO INICIAL COM OS ALUNOS: O PRIMEIRO BIMESTRE.....93
3.2.1 Conhecendo o Barão: o tour guiado pela escola.....96
3.3 REVENDO OS RUMOS, ADEQUANDO O PERCURSO….....108
3.4 A CONTINUIDADE: O SEGUNDO BIMESTRE.....111
3.5 PREENCHIMENTO DO FORMULÁRIO: COMPUTAÇÃO E ANÚNCIO DAS ESCOLHAS. 115
4º CAPÍTULO.....124
O DESENROLAR DAS AULAS: VIVENCIANDO O PLANEJADO COLETIVAMENTE.....124
4.1 O FUTEBOL.....124
4.1.1 – As primeiras aulas de futebol no Barão: testando ideias, construindo

alternativas.....126
4.1.2 – Construindo o futebol do/no Barão..... 133
4.1.3 - A culminância: o campeonato de Futebol de Sete do Barão..... 138
4.2 AS DANÇAS URBANAS..... 145
4.2.2 O Funk..... 147
4.2.5 A Culminância: A apresentação de Funk do Barão.....155
4.3 GINÁSTICA..... 160
4.3.1 Desenvolvendo a Ginástica do Barão..... 162
4.4 O PARKOUR..... 174
4.4.1 Práticas Corporais de Aventura..... 175
4.4.2 Conhecendo o Parkour..... 176
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....186
REFERÊNCIAS..... 194
APÊNDICES.....200

INTRODUÇÃO

Minha relação com a Escola Estadual Barão do Rio Branco começou no ano de 2004 enquanto realizava meus estágios obrigatórios da licenciatura. Nesses vinte e um anos, dei aula para uma grande quantidade de alunos e vivi todos os tipos de situações que se pode viver dentro de uma escola. Algumas vezes acertei, outras errei; os erros me levaram a refletir sobre mim, sobre a minha conduta e a minha prática profissional.

Todo esse longo percurso me fez perceber que precisava melhorar a maneira como trabalho, como desenvolvo meus planejamentos e como posso utilizar melhor o tempo e o espaço das minhas aulas.

Nesse sentido, este estudo descreve a experiência de realizar um planejamento valorizando a participação dos alunos, ou seja, dando a oportunidade para a comunidade se pronunciar sobre quais práticas corporais gostaria de vivenciar nas aulas de Educação Física e de como desenvolvê-las em uma escola com espaços restritos e poucos materiais disponíveis.

1.1 UM POUCO DE MINHA HISTÓRIA

Sempre gostei de praticar atividades físicas. Quando era criança gostava de jogar “futebol” e andar de bicicleta. Eu morava numa casa que tinha um grande quintal, onde passava horas fazendo essas atividades e brincando.

Nesse quintal, o meu pai tinha dois canteiros em que plantava diversas flores como hortênsias, bougainvilles, margaridas, rosas, onze horas, além de um gramado e, fora dos canteiros, ainda havia duas mangueiras.

Nessa época, eu também jogava bola com os meus vizinhos, que tinham mais ou menos a mesma idade. Normalmente jogávamos na garagem do prédio da frente, pois a maioria das crianças com quem eu brincava, principalmente os meninos, moravam lá. Também andávamos de bicicleta e brincávamos de “lutinha”. Quando as meninas da rua brincavam com a gente, jogávamos queimada, “corta três” ou brincávamos de pegador.

Na adolescência, fui, aos poucos, perdendo o interesse pelo quintal. Já não achava graça em chutar bola sozinho, e a bicicleta, coitada, foi abandonada. Porém, nessa época, eu comecei a praticar alguns esportes. Fiz aula de natação, de vôlei e,

posteriormente, pratiquei musculação em uma academia no bairro em que eu morava. Cheguei até a entrar para o time de vôlei da minha escola, mas, infelizmente, como a equipe tinha poucos alunos interessados nos treinamentos, o projeto acabou.

Nessa época, com meus dezesseis anos, já no ensino médio, ainda estava perdido sobre qual profissão seguir. Pensava em três muito distintas uma da outra. A primeira era estudar informática; gostava muito de computador e tinha muita facilidade para aprender. A segunda era ser professor de História, sempre gostei muito de História e meus melhores professores sempre foram os dessa disciplina. A terceira era ser professor de Educação Física, pois eu gostava muito de praticar esportes.

Minha decisão foi tomada em uma conversa com meu pai, que foi professor até se aposentar. Um dia, enquanto voltávamos para casa, depois da aula, contei a ele que estava pensando em estudar Educação Física. Lembro-me que ele me apoiou de imediato e disse que Educação Física era uma ótima área, que eu podia dar aulas em escolas, que não precisaria ficar em sala de aula e que teria uma vida saudável.

Dois anos depois, concluí o ensino médio e prestei vestibular. Naquela época, no ano de 2000, havia poucas instituições em Minas Gerais que ofereciam o curso de Educação Física. Em Belo Horizonte, eram apenas duas: o Centro Universitário de Belo Horizonte (UNIBH) e a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Assim, no primeiro vestibular, tentei Educação Física na UFMG; cheguei na segunda fase, mas, infelizmente, fui eliminado.

Nessa época, o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) ainda estava em sua primeira edição e não garantia acesso direto às vagas nas universidades. No entanto, por ter realizado a prova e obtido uma boa pontuação, avancei diretamente para a segunda fase nos processos seletivos da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e da Universidade Federal de Lavras (UFLA). Como nenhuma das duas oferecia o curso de Educação Física, optei por tentar uma vaga em Ciência da Computação, mas, felizmente, também não fui aprovado.

Após os resultados desses processos seletivos, me matriculei em um cursinho preparatório para a UFMG com o objetivo de participar novamente do vestibular no final do ano seguinte. Porém, no meio do ano de 2001, fiz vestibular para o UNIBH e

fui aprovado. Por se tratar de uma universidade privada, matriculei-me no segundo semestre, mantendo, porém, o objetivo de continuar estudando para tentar novamente uma vaga na UFMG. O tempo foi passando, o segundo semestre acabou e, como estava gostando muito da UNIBH e das amizades que fiz, acabei desistindo de tentar o vestibular na UFMG.

No início dos anos 2000, quem cursava Educação Física se formava nas duas habilitações: licenciatura e bacharelado. Iniciei o curso, no segundo semestre de 2001, pensando em trabalhar com a licenciatura, mas durante o curso, aos poucos, fui mudando de ideia.

O curso de Educação Física da UNIBH tinha o foco voltado mais para a área da Saúde; talvez por isso, as disciplinas dessa área — mais relacionadas com o Bacharelado — despertaram meu interesse, principalmente: Fisiologia Humana, Fisiologia do Exercício, Cinesiologia, Biomecânica, Treinamento Esportivo e Atividades Físicas para Grupos Especiais. Além disso, eu considerava as disciplinas voltadas para a licenciatura chatas e cansativas e, mais do que isso, como eu já estava atuando em academias, as discussões que aconteciam durante as aulas nessas disciplinas não faziam sentido para mim, pois eu não havia vivenciado, como professor, questões relacionadas à prática pedagógica dentro da escola.

Em decorrência da minha preferência pelas disciplinas do Bacharelado, acabei realizando os meus primeiros estágios em academias. Trabalhei com musculação e avaliação física por quase dois anos. Gostava muito de trabalhar em academia; porém, a remuneração era muito ruim. Com o objetivo de conseguir uma remuneração maior, tentando atuar tanto na academia quanto em uma escola, tirei o Certificado de Avaliação de Título (CAT), que era uma licença especial fornecida pelo estado de Minas Gerais para quem ainda não era formado, porém queria dar aula em escolas estaduais.

1.2 O BARÃO, A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E EU...

Como fazia estágio em academias à noite, tinha as tardes livres. Assim, no ano de 2004, resolvi adiantar meus estágios de licenciatura. Eu morava no bairro Funcionários, a apenas três quarteirões da Escola Estadual Barão do Rio Branco. E, numa dessas tardes, fui à escola para ver se poderia realizar meus estágios. Ao chegar à escola conversei com a diretora, que na época era a Beth Gresse, e ela me

apresentou à Maria Lúcia Borges, uma professora que estava quase se aposentando. Conversei com ela e fui aceito como estagiário.

A Lúcia era uma professora muito interessante, estava há muitos anos no Barão. Era muito brava, impunha respeito aos alunos e tinha um perfil bem “esportivista”. Ensinava alguns esportes e jogos para os alunos: Vôlei, Futsal, Basquete, Peteca, Queimada. Realizava campeonatos, e os alunos gostavam muito dela. Aprendi muito com a Lúcia, sempre foi muito gentil comigo e com todos, mas, mesmo assim, tinha um pulso muito firme, principalmente com os alunos.

Terminei os estágios obrigatórios da licenciatura no final daquele ano e continuei a trabalhar em academias. No primeiro semestre de 2005, meu último semestre na faculdade, consegui um estágio remunerado em uma escola especial da rede privada, que se chamava Creia Educação Especial, por indicação de um amigo. Em razão deste estágio, tive de sair da academia em que trabalhava, pois, devido ao horário em que eu saía da escola, não conseguia chegar a tempo de realizar minhas atividades na academia.

Tive muita dificuldade em trabalhar nessa escola. Era muito inexperiente e, na época, as discussões sobre educação especial ainda estavam engatinhando. Mesmo assim, após a minha formatura, fui contratado e trabalhei até o final de 2006.

Em abril de 2006, o Barão voltou à minha vida. Desde que concluí meus estágios de licenciatura, em 2004, não havia retornado à escola. No entanto, por uma dessas coincidências — ou não — da vida, ao sair da escola em que trabalhava, passei pela Metropolitana A, no bairro Santo Antônio, e vi um aviso de designação para o Barão. Tratava-se de uma vaga temporária, para uma substituição de 30 dias.

Preparei a documentação e, no outro dia, no horário marcado, estava na escola. Fui reconhecido pela diretora, pela vice e pelas secretarias que estavam realizando a designação. Como havia trabalhado também no Instituto Pestalozzi — uma escola especial do estado — durante quatro meses (de agosto a dezembro de 2005), esse tempo contou para que eu ficasse com a vaga.

Na hora que eu fui assinar o contrato, a diretora me disse que havia acontecido um erro no edital da designação: o prazo da substituição, apresentado como de 30 dias, na verdade era de 15 dias. Ela explicou que, caso quisesse desistir de assinar o contrato, não havia problema, já que o erro foi da escola, e que ela não

me “daria balão”[1]. No entanto, afirmei que gostaria de ficar com a vaga assim mesmo.

Eu estava substituindo uma professora que conhecia dos tempos de estágio; se eu não me engano seu nome era Cíntia. Ela havia sido aprovada em um concurso da Prefeitura de Belo Horizonte e estava resolvendo questões burocráticas para a sua posse e foi tirando várias licenças. Isso fez com que meu contrato fosse prorrogado várias vezes. Quando ela finalmente pediu exoneração, eu assinei um contrato até o final do ano de 2006.

No início de 2007, os contratos foram renovados automaticamente e fiquei mais um ano na escola. No final deste ano, em cinco de novembro, o governo de Minas promulgou a Lei 100, uma lei que equiparou os direitos de todos os professores designados aos dos servidores efetivos, inclusive concedendo direito à estabilidade.

Essa Lei vigorou por muitos anos, até que em 2014, o Supremo Tribunal Federal declarou que era inconstitucional e deu prazo, até 31 de dezembro de 2015, para que todos os servidores que haviam sido efetivados por ela fossem demitidos. Achei que minha história com o Barão havia se encerrado nesse ponto, mas…

No ano de 2016, eu havia conseguido algumas designações na escola, todas por um prazo muito pequeno. Nessa época, a escola estava instalada temporariamente e precariamente em um anexo do Instituto de Educação para que fosse feita uma reforma em seu prédio.

Em 2018, o estado de Minas realizou um concurso para professores. Eu estava em dúvida entre me inscrever para o cargo de História ou de Educação Física. Na verdade, eu já tinha feito minha inscrição para História. Mas resolvi “dar um pulinho” no Barão. Tinha dois objetivos: pegar minha contagem de tempo e ver como havia ficado a escola reformada.

Ao chegar, encontrei a diretora Valéria, que me convidou para fazer um tour pela escola. Durante a visita, ela me contou que Érica — professora efetiva de Educação Física desde a época em que fiz meu estágio — havia se aposentado por motivos de saúde e que “minha vaga” na escola já estava “esperando” para mim. Fiquei muito feliz.

---

[1] O “balão” é uma espécie de punição que a secretaria de educação aplica para os professores que assinam contrato e não o cumprem até o final, proibindo que o professor assine novos contratos por um tempo determinado, que se não me engano é de trinta dias.

Terminado o *tour,* fui direto para casa. Ao chegar, a primeira coisa que fiz foi refazer a minha inscrição e alterar a minha opção de cargo. Mudei de professor de História para professor de Educação Física. Prestei o concurso, fui aprovado e, em dezembro de 2018, tomei posse e entrei em exercício na escola, onde trabalho até hoje. Paralelamente, trabalho no Colégio Tiradentes da Polícia Militar e durante muitos anos atuei no Claretiano Centro Universitário como tutor nos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Educação Física.

De todos os lugares em que trabalhei, o Barão é, sem dúvida, o que mais aprecio. Não apenas pelo tempo que estou na instituição, mas também pelas amizades construídas ao longo percurso, pelo ambiente aconchegante e acolhedor, pela confiança que tenho na direção e nos alunos, além da autonomia e do respaldo que me são concedidos dentro da escola. Até brinco com minha esposa que, quando eu ganhar na Mega Sena, vou pedir exoneração do Tiradentes e ficar trabalhando apenas no Barão, como se fosse um *hobby*.

Considerando o estágio, já são vinte anos — entre idas e vindas — que estou vinculado a essa escola. É quase metade da minha vida. E, nesse tempo, muita coisa mudou: cheguei aqui sem ser formado, era inexperiente, completamente “cru”.

O tempo passou; jamais pude sonhar que ficaria tanto tempo na instituição. Quando entrei aqui, era jovem, solteiro, sonhador, muito bravo e até mesmo um pouco autoritário.

Os anos foram passando e algumas coisas mudaram: já não sou mais jovem, casei-me, tenho uma filha — que é o meu maior amor — e, talvez por causa dela, meu coração ficou mais sensível. Continuo bravo, mas “pego um pouco mais leve” com meus alunos.

Há doze anos, pratico Aikido, uma arte marcial japonesa que, entre outros ensinamentos, valoriza a harmonia entre as pessoas. Essa prática me leva a refletir sobre minha relação com os alunos e, sempre que possível, evitar conflitos com eles ou resolvê-los da forma mais pacífica possível.

Mas nem tudo mudou: continuo sonhando. Ainda sonho em ganhar na Mega Sena e trabalhar somente no Barão, mesmo sem jogar na loteria. Sonho em ser um bom professor e, por meio das minhas aulas, contribuir para que os alunos se tornem bons cidadãos: responsáveis, conscientes de seus deveres e direitos, aptos

para lutar por aquilo em que acreditam e capazes de construir sua própria autonomia.

Mesmo com todo o carinho que tenho por essa escola e por seus alunos, há algumas questões que dificultam a realização desse sonho, principalmente relacionadas ao espaço e aos materiais oferecidos.

1.3 O PROEF: MINHA INSERÇÃO NO MESTRADO PROFISSIONAL

Desde a época em que cursava a graduação, almejava ingressar em um programa de mestrado. Logo após me formar, participei duas vezes do processo seletivo do mestrado em Fisiologia do Exercício da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO), mas, como não fui aprovado, acabei desistindo. Mesmo assim, de vez em quando, continuava buscando informações sobre as opções de mestrado disponíveis na UFMG.

Em 2023, acessei o site da EEFFTO e entrei na página da pós-graduação em Educação Física Escolar. Lá, conheci o Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF). Li o edital com atenção e me inscrevi no processo seletivo. Na mesma época, eu também estava me preparando para o concurso da Assembleia Legislativa de Minas Gerais (ALMG), o que me deixou em dúvida sobre participar ou não do processo seletivo do ProEF. Mesmo tendo feito a inscrição, deixei para pagar a taxa apenas no último dia, pois ainda não tinha certeza se conseguiria conciliar os estudos.

De fato, não tive muito tempo para me preparar, pois estava focado nos estudos para o concurso da ALMG. Lembro-me de que a prova do ProEF foi em um domingo à tarde. Naquele dia, enquanto brincava com minha filha, pedi a ela “um tempinho” para estudar. Peguei a BNCC de Educação Física e fiz uma rápida revisão. Depois almocei e fui fazer a prova.

Achei a prova bastante difícil, mas tive a sensação de ter conseguido um bom desempenho. O resultado final do processo seletivo foi divulgado enquanto eu estava viajando de férias. A cada parada durante a viagem, acessava o site do ProEF na esperança de ver o resultado. No entanto, só consegui consultá-lo ao chegar ao meu destino — e quase não acreditei no que vi. Fiquei imensamente feliz por, finalmente, ter sido aprovado em um processo seletivo de mestrado.

Após realizar minha matrícula no ProEF, comecei a frequentar as aulas e a participar das atividades no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA). No primeiro encontro presencial, fomos calorosamente recebidos pela Meily e pelo Tatá — e que recepção acolhedora! Naquele instante, tive a certeza de que havia feito a escolha certa ao ingressar neste programa de mestrado.

As aulas presenciais do curso foram espetaculares. Já as atividades no AVA, embora algumas tenham sido excelentes, nem sempre mantiveram o mesmo nível, e algumas deixaram um pouco a desejar. Ainda assim, em todos os encontros presenciais, especialmente na disciplina de Problemáticas da Educação Física, cada texto estudado e discutido servia como uma provocação que me levava a refletir profundamente e a repensar minha prática docente.

A leitura desses textos me fez perceber que minha realidade se assemelhava muito à de outros professores, assim como os desafios que enfrentava e que tanto me incomodavam. Essa nova percepção, aliada ao estudo dos artigos, me levou a compreender a importância de revisar minha prática docente, e que, ao fazer isso, poderia encontrar respostas para os dilemas que vivenciava.

Até que um dia, quase como um 'sussurro divino', a palavra 'planejamento' surgiu inesperadamente na minha mente. Naquele instante, “caiu a ficha”: percebi que precisava melhorar a forma como elaborava e desenvolvia o planejamento escolar, e que, talvez, esse fosse o tema ideal para aprofundar durante o mestrado. Com o tema definido, segui com as leituras até que me deparei com o livro “*Pedagogia do Oprimido”*, de Paulo Freire. Já havia tentado lê-lo duas vezes antes, mas não consegui concluí-lo.

Hoje, até me envergonho de admitir, mas nas tentativas anteriores achei o livro muito chato. Agora entendo que não era a obra em si, mas sim eu que não estava preparado para uma leitura tão densa e poderosa como essa.

Lembrei-me de um comentário do professor Max, que leciona História no Barão, sobre como a leitura desse livro é realmente difícil. Ele disse que cada capítulo, página, parágrafo, frase e palavra carrega lições e aprendizados para serem refletidos e aplicados por toda a vida.

Dessa vez, porém, foi diferente. "Engoli o livro" em poucos dias. Rabisquei-o, fiz anotações e referências, e gastei uma caneta marca-texto inteira destacando as

partes mais importantes. O livro me encantou e, durante a leitura, outra palavra me veio à cabeça: participativo.

Esse movimento de leitura ocorreu quando o pré-projeto, que seria apresentado na disciplina de projetos do mestrado, já estava praticamente pronto. Não havia como modificá-lo de última hora. No entanto, no dia da apresentação, adicionei um novo tópico aos slides: "Planejamento participativo? (Possibilidade de última hora)".

Findada a apresentação, durante a fase de debate dos pré-projetos, a ideia foi muito bem recebida e, enfim, consegui definir o tema deste estudo.

1.4 AS DELIMITAÇÕES DO ESTUDO

O Barão do Rio Branco foi o primeiro grupo escolar de Belo Horizonte. Uma escola que, além de contar com uma bela fachada, apresenta uma rica história construída há mais de cem anos pelos professores e professoras, alunos e alunas e pelos demais membros da comunidade escolar. Uma história que deve ser estudada e valorizada.

Em razão das mudanças ocorridas ao longo do tempo, — impulsionadas principalmente pelo crescimento urbano em seu entorno, pelos documentos orientadores e pelas mudanças nos valores e costumes da sociedade —, a escola mudou bastante, e, como consequência, as aulas de Educação Física também sofreram transformações.

Esses problemas, relativos a espaços e materiais, me causam angústia e, muitas vezes, um sentimento de frustração diante da impossibilidade de desenvolver minha prática pedagógica como gostaria. Tais sentimentos se refletem também nos próprios alunos, que gostariam de ter algumas vivências que essa escola não tem condições de propiciar.

Com base nisso, surge a pergunta: Será que é possível desenvolver um planejamento que conte com a participação da comunidade escolar e que, a partir dele, consigamos encontrar um equilíbrio entre o exigido pelos documentos orientadores, o que a comunidade escolar espera do componente curricular Educação Física, e as possibilidades e limitações dessa instituição escolar? E, indo além, será que a compreensão do processo histórico dessa escola poderia nos ajudar a responder essa questão?

Diante de tais questionamentos, busquei desenvolver um planejamento democrático e participativo, fundamentado em Menegola e Sant'Anna (2022). Trata-se de um planejamento que não foi imposto, mas que buscou ouvir e dar abertura para que todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem — alunos, pais, professores de outras disciplinas, funcionários e a direção pedagógica — pudessem interagir e agir. Essa abordagem colaborativa teve como objetivo unir esforços para que juntos pudéssemos refletir sobre como desenvolver uma Educação Física que atendesse ao que é exigido pelos documentos orientadores e que construísse possibilidades de desenvolvimento dos conteúdos, ampliando o repertório de práticas dos estudantes dentro da nossa realidade objetiva, tão carente de espaços e materiais.

Durante este estudo observamos que a realidade da Escola Estadual Barão do Rio Branco é semelhante à de muitas escolas do Brasil, principalmente em relação à carência de espaços e materiais. Assim, este trabalho apresenta o movimento de construção de um planejamento participativo, para/com os alunos do 6º ano. Perspectiva-se que essa construção possa incentivar docentes com situações semelhantes, para que se sintam motivados a desenvolver outros conteúdos junto aos seus alunos.

1.4.1 Objetivo Principal:

O objetivo deste estudo foi construir um planejamento para/com os alunos do 6º ano da Escola Estadual Barão do Rio Branco. Buscou-se equilibrar as exigências das normativas educacionais, especialmente a BNCC e o Currículo Referência de Minas Gerais (CRMG), com as expectativas da comunidade escolar em relação à Educação Física, e conciliá-los às possibilidades e limitações dessa instituição, especialmente no que se refere a condições de espaço e material oferecidos.

1.4.2 Objetivo Secundário:

Buscou-se identificar, na história da escola, elementos que indiquem como as práticas corporais foram desenvolvidas nas décadas anteriores, com intuito de entender um pouco sobre o modo como professores e alunos vivenciaram essas práticas.

1.4.3 Metodologia

Para alcançar os objetivos propostos e responder às questões apresentadas, realizamos inicialmente pesquisas sobre a história da Escola Estadual Barão Rio Branco. Por meio de registros históricos, conversas informais, pesquisas na internet e mobilizando documentos guardados pela própria escola, buscamos compreender o processo de constituição da instituição desde sua criação até os dias atuais, com especial atenção à presença da Educação Física nesse percurso.

Posteriormente foi realizada uma revisão dos documentos orientadores em vigor – especialmente a BNCC e o CRMG – para que encontrássemos os subsídios legais obrigatórios, que foram levados em consideração na elaboração do planejamento participativo. Nesse exercício, busquei encontrar um equilíbrio entre o que esses documentos solicita e minha autonomia e autoria docente. Foi, então, construído um planejamento com a participação dos alunos, que puderam escolher quais práticas iríamos desenvolver durante dois bimestres (o 2º e o 3º) do ano de 2024.

Esta pesquisa é norteada pelos pressupostos da metodologia Pesquisa-Ensino, na qual o pesquisador estuda e analisa a própria prática pedagógica. Segundo Penteado (2010 p.36) “Denomina-se pesquisa-ensino a que é realizada durante ato do docente… Essa atuação visa à vivência de condutas investigativas na prática de ensino…”. Nessa perspectiva, o professor-pesquisador assume papel de protagonista nesse movimento de reconhecer os problemas/angústias presentes em sua atuação e projetar ações transformadoras para essa realidade cotidiana, problematizando e reconstruindo sua própria prática docente. Portanto, ao propor um planejamento que conte com a participação dos alunos, avalio sua pertinência para auxiliar nos encaminhamentos das questões propostas neste estudo, ao mesmo tempo em que reflito, avalio e repenso minha atuação, dando prosseguimento à (re)construção da minha identidade docente.

Neste estudo foi utilizado como instrumento de pesquisa o caderno de campo. Nele foram registrados tanto o desenvolvimento das atividades quanto minhas percepções sobre sua execução, bem como da percepção dos alunos sobre as aulas, expressas por meio de comentários espontâneos ou observadas a partir do comportamento da turma durante a realização das atividades.

Além do diário de campo, foram realizados registros fotográficos, de áudio e vídeo dos alunos, utilizando-se o celular como ferramenta. Também foram coletados desenhos e relatos escritos produzidos durante as avaliações mensais e bimestrais, por meio de questões subjetivas que ofereciam aos alunos a oportunidade de se expressar sobre aspectos relacionados ao estudo e aos conteúdos desenvolvidos.

O projeto de pesquisa foi submetido à análise do Comitê de Ética em Pesquisa (COEP) da UFMG, que emitiu parecer favorável ao seu desenvolvimento (nº 79568824.3.0000.5149). Além disso, foram aprovados a Carta de Anuência (Apêndice 1), o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Apêndice 2) e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – TALE (Apêndice 3)

Por se tratar de uma pesquisa em que os voluntários são menores de idade, os responsáveis assinaram o TCLE, enquanto os próprios alunos assinaram o TALE.

Este texto narra as etapas do desenvolvimento deste estudo, discorrendo sobre as dificuldades, os obstáculos e as adaptações que foram construídas em razão dos imprevistos e da dinâmica inerente à instituição escolar. As impressões dos alunos sobre as atividades desenvolvidas também compuseram as descrições e análises dessa pesquisa.

1.4.4 Recurso Educacional

O recurso educacional desenvolvido neste estudo consiste em um relato de experiências, organizado no formato de e-book, que documenta as principais etapas e atividades realizadas ao longo do estudo. Ele apresenta dados coletados por meio de registros visuais e textuais, bem como relatos dos estudantes obtidos a partir de gravações de áudio e produções textuais escritas. Adicionalmente, são incluídas as respostas dos alunos às questões subjetivas das atividades avaliativas aplicadas durante o ano letivo.

Com a criação do e-book, objetiva-se construir uma memória do desenvolvimento desta pesquisa que apresente o percurso trilhado e possa ser mobilizado por outros docentes na construção de outros projetos para a Educação Física escolar. A escolha do e-book como instrumento de registro e divulgação justifica-se pela sua capacidade de facilitar o acesso às informações e ações desenvolvidas, tanto em ambientes físicos quanto eletrônicos. Essa flexibilidade amplia significativamente as possibilidades de disseminação do conhecimento, permitindo que um público mais amplo se beneficie dos resultados do estudo.

Também integram este produto educacional os registros do processo de construção da exposição "A Educação Física nas escolas da cidade", inaugurada em novembro de 2024 no Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer (CEMEF/UFMG). Nessa atividade, o Barão do Rio Branco compôs a trama junto a outras três escolas: duas da capital e uma da região metropolitana de Belo Horizonte. Participaram desta exposição a professora Giovanna Camila da Silva, representando o Centro Pedagógico (CP) da UFMG; Nathalie Amâncio Pereira da Silva Santos, da Escola Municipal Professor Pedro Guerra; Cássia Danielle Monteiro Dias Lima, que pesquisou o Complexo Educacional Fazenda do Rosário; e eu, representando a Escola Estadual Barão do Rio Branco, todos supervisionados pela professora Meily.

Cada pesquisador/a buscou, junto à instituição que representa, registros fotográficos, textos, vídeos e outros documentos que revelassem um pouco da história de cada uma das escolas, bem como das práticas corporais desenvolvidas em cada uma delas. Ao longo do segundo semestre de 2024, foram realizadas diversas reuniões, tanto virtuais quanto presenciais, com o objetivo de construir os materiais para a exposição. Foram produzidos vídeos, textos e painéis, além da exposição de objetos e materiais pedagógicos utilizados nas aulas de Educação Física.

A Escola Estadual Barão do Rio Branco contribuiu para a exposição, principalmente, com imagens e dois vídeos: o primeiro narra um pouco da história da escola e o desenvolvimento deste estudo; o segundo apresenta depoimentos dos alunos sobre a experiência de participarem da pesquisa.

A exposição foi aberta em 8 de novembro de 2024, com a palestra do professor António Nóvoa , intitulada "A escola e a cidade: diálogo com os professores (as)". Após a palestra do professor Nóvoa, fomos convidados a participar da cerimônia de mudança do nome da Biblioteca da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. A biblioteca, que antes homenageava o militar e professor Jair Jordão Ramos, passou a se chamar Hebert de Almeida Dutra, em homenagem ao professor que contribuiu para o processo de federalização da escola e foi diretor da unidade entre 1963 e 1971.

A organização de uma excursão educacional à exposição na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) representou um marco significativo para o

desenvolvimento acadêmico dos alunos. Realizada em 12 de dezembro, a visita contou com a participação de aproximadamente quarenta estudantes do Barão, acompanhados por mim e pelas professoras Michele (Geografia) e Núbia (apoio).

A experiência foi estruturada em duas etapas: enquanto um grupo explorava a exposição, o outro participava de um *tour* pelas instalações da EEFFTO/UFMG, incluindo a piscina, quadras e laboratório de musculação, além de presenciar um treino de Ginástica Artística. Posteriormente, os grupos alternaram as atividades.

O impacto da visita foi notável, evidenciado pelo entusiasmo dos alunos ao se reconhecerem em fotos e vídeos da exposição (Imagens 1 e 2), bem como, pela admiração que sentiram pelo campus da UFMG.

Imagem 1: Alunos do Barão sendo recepcionados pela Professora Meily na exposição “A Educação Física nas escolas da cidade”.



Fonte: Arquivo do próprio autor.

Imagem 2: Eu e os alunos após assistirmos aos vídeos da exposição.



Fonte: Arquivo do próprio autor.

1.5 ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO

Este estudo será dividido em quatro capítulos. No primeiro capítulo, denominado “O Barão e sua Educação Física: passado e presente”, foi apresentado o resultado das buscas que realizei sobre a história dessa escola centenária e de como a Educação Física se fez presente ao longo do tempo, dialogando com as mudanças na cidade e no campo da Educação Física.

O segundo capítulo, intitulado: “A Educação Física: diretrizes oficiais e a formação do professor/pesquisador”, apresenta a discussão sobre quais normativas legais norteiam os conteúdos a serem desenvolvidos pela Educação Física escolar. Além de abordar alguns pressupostos conceituais que orientam as ações e análises realizadas, refletindo como o professor/pesquisador mobilizou essas diferentes referências e se formou por meio desse percurso.

“Do previsto ao vivido: o desenvolvimento de um planejamento participativo para a Educação Física do Barão” foi o título atribuído ao terceiro capítulo, no qual apresentamos o início do ano letivo, como foi realizado o desenvolvimento das primeiras atividades deste estudo e como o planejado e o vivido se chocaram, exigindo adaptações e reestruturações no desenvolvimento do estudo. Além disso, nesse capítulo, o processo de construção do planejamento até a apuração dos resultados das escolhas realizadas pela comunidade escolar foi descrito, tecendo reflexões sobre o processo.

O quarto capítulo, com o título “O desenrolar das aulas: vivenciando o planejado coletivamente”, aborda o desenvolvimento dos conteúdos escolhidos pela comunidade escolar. Nele são enfatizadas as atividades desenvolvidas, os resultados alcançados, bem como o processo de avaliação.

1º CAPÍTULO

O BARÃO E SUA EDUCAÇÃO FÍSICA: PASSADO E PRESENTE

Este capítulo tem como objetivo apresentar um pouco da história da Escola Estadual Barão do Rio Branco – o primeiro grupo escolar da capital – evidenciando o(s) modo(s) como as práticas corporais foram sistematizadas, desenvolvidas e vivenciadas dentro dos seus muros em mais de um século de história.

Conhecer o processo de formação dessa instituição foi um caminho importante para desconstruir o olhar e ampliar a compreensão, enquanto docente, do lugar de minha atuação pedagógica. Buscar vestígios, que informam sobre os tempos, os saberes, os espaços e os sujeitos que compuseram a Educação Física dessa escola ao longo do tempo, foi uma escolha que teve como objetivo ampliar os horizontes, tanto do professor pesquisador quanto dos estudantes do sexto ano. Acreditamos que esse conhecimento poderia auxiliar na construção de respostas aos problemas cotidianos que mobilizaram este estudo. Apostamos ainda, que o contato com essa história qualificaria minha atuação no presente, não baseada apenas nas ausências e limitações, mas também nas possibilidades.

Nesse percurso, busquei estudar referências sobre a história da cidade, da Escola e de sua Educação Física bem como de produções acadêmicas sobre o campo. Esse movimento de estudo não se justificou apenas pela necessidade de produção da dissertação, mas principalmente para me preparar para as intervenções que me propus a realizar com os estudantes, no intuito de que eles conhecessem e compreendessem melhor a instituição, sua história e o que os professores (as) de outras épocas desenvolveram.

Para além do conhecimento e valorização do local em que estão se formando, acredito que acessando esses registros poderiam optar pelos conteúdos de maneira mais consciente da realidade que a escola oferece, reconhecendo suas carências, mas também suas potencialidades. Além disso, tornariam-se mais sensíveis ao patrimônio e à relevância da instituição, sentindo-se pertencentes a ela.

Para subsidiar esse exercício, empreguei esforços para encontrar alguns documentos guardados pela Escola e outros disponibilizados em sítios virtuais. As informações e os dados encontrados nesta fase foram sistematizados e apresentados aos alunos do sexto ano.

Durante o processo de apresentação da escola, de sua história e de seus espaços, os alunos demonstraram tanto interesse e formularam questionamentos tão relevantes que tornaram necessária a revisão e o aprofundamento dos estudos sobre a história da escola. Esse movimento — como um ciclo virtuoso — levou os alunos a novas reflexões e questionamentos, motivando-me a conhecer ainda mais sobre a trajetória da instituição.

Nessa parte da narrativa, apresentarei o contexto que possibilitou a criação do Grupo Escolar de Belo Horizonte, relacionando este fato com o processo de construção da nova capital do Estado de Minas Gerais. Para a escrita desse capítulo identifiquei a pertinência do diálogo com as seguintes referências: Vago (2002; 2010; 2011); Moreno e Vago (2011); Riancho (1894), Rocha (2008), Faria Filho (1997), entre outros/as.

É importante destacar que este capítulo, embora tenha empregado alguns princípios metodológicos de pesquisa histórica para seu desenvolvimento, não tem a intenção de tornar este estudo efetivamente e formalmente uma pesquisa histórica. Trata-se do relato de um percurso de estudo que realizei e da análise de documentos preservados no interior da escola que, como professor, tive acesso.

Documentos antigos, que muitas vezes estavam guardados nos porões da escola, e que resistiram à ação do tempo. Além disso realizei buscas em sítios virtuais – como *Google* Imagens, *Google* Acadêmico –, em redes sociais (*Instagram* e *Facebook)*, além de sites oficiais de órgãos governamentais, como do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA), da Secretaria Estadual de Educação, entre outros.

1.1 VESTÍGIOS DA HISTÓRIA DO BARÃO DO RIO BRANCO: O PERCURSO DE ESTUDO E PESQUISA DO PROFESSOR/PESQUISADOR

Durante este estudo, procurei na escola vestígios de sua história e da Educação Física que foi construída em seu interior. Tinha a esperança de encontrar muitos documentos e registros que pudessem contar um pouco como foi o desenvolvimento da escola e da Educação Física.

Iniciei minhas buscas conversando com a vice-diretora Maria Nazareth Arruda Mari, que é a servidora que está há mais tempo no Barão. Ela me informou que a maior parte dos documentos antigos estavam armazenados em uma cristaleira que

se encontrava no *Hall* de entrada. Porém, muitos outros documentos antigos foram perdidos na mudança da escola que aconteceu entre os anos de 2011 e 2018, em que o atual prédio passou por um longo processo de reforma.

Nessa cristaleira encontrei alguns documentos, são eles:

1) Pasta intitulada “Revivendo o ‘Barão’ de 1920 a 1956” - contendo muitas fotografias;
2) Livro do Jubileu de Ouro do Grupo Escolar Barão do Rio Branco, escrito em 1956;
3) Dois exemplares iguais da Revista Tempo e Educação (ano 1 - nº1 publicada em 1976) e que se dedicou exclusivamente aos 70 anos da fundação da escola.
4) Pasta com o título: “Comemorações dos 75 anos da Escola – 1981”. Com uma série de imagens e documentos da comemoração do aniversário dessa instituição;
5) Pasta com documentos do centenário do Barão, produzida em 2006;
6) Um exemplar do Livro “Barão Centenário: 100 anos da Escola Estadual Barão do Rio Branco”;

Esses registros documentais marcam datas comemorativas de significativa relevância para a história da instituição escolar. Constituem documentos de valor inestimável, contribuindo para a construção de uma narrativa da trajetória do primeiro grupo escolar de Belo Horizonte. Contudo, esses registros representam, lamentavelmente, apenas vestígios de um acervo muito maior e estão vinculados, em sua maioria, aos/às eventos/atividades celebrativas.

A perda de outros registros ao longo do tempo — seja pela falta de cuidado adequado com documentos históricos, seja pela ausência de compreensão sobre a importância de registrar e preservar esses documentos — priva-nos de uma compreensão mais aprofundada do cotidiano da escola, bem como dos sujeitos e acontecimentos que marcaram sua existência.

Em um primeiro momento, neste tópico iremos apresentar os documentos, focando na materialidade dos mesmos; posteriormente, serão mobilizados em

diálogo com produções acadêmicas sobre a história da escola, da cidade e da Educação Física.

1) Na pasta intitulada “Revivendo o Barão de 1920 a 1956”, encontrei os documentos mais antigos da escola. Ela contém 51 fotos em preto e branco, sendo as duas mais antigas datadas de 1920, e registram alguns objetos construídos pelos alunos para uma exposição de trabalhos manuais.

As próximas imagens contidas na pasta datam de 1929. São seis fotos que retratam uma série de trabalhos produzidos durante o ano pelas professoras e alunos. Os títulos dos trabalhos são: “A Galinha o Pato”, “A Terra - Centro de Interesses”, “A Terra - Minerais e Seus Produtos”, “A Terra, Meios de Defesa dos Animais” e “Brasil Septentrional”. Todos os trabalhos foram elaborados pelas professoras e seus alunos, a maioria deles produzida em cartolina com muitos desenhos e colagens.

Na pasta, há alguns plásticos vazios, e me pergunto se realmente não havia fotos neles ou se elas “sumiram” com o tempo. Infelizmente acredito que nunca saberemos o que aconteceu.

No ano de 1942, está registrada a Semana da Criança. Há duas fotos que mostram uma grande quantidade de pacotes, aparentemente alimentos destinados a doação. Na legenda de uma das fotos está escrito: “Contribuição dos alunos para IMANI” (não há explicação sobre o significado da sigla).

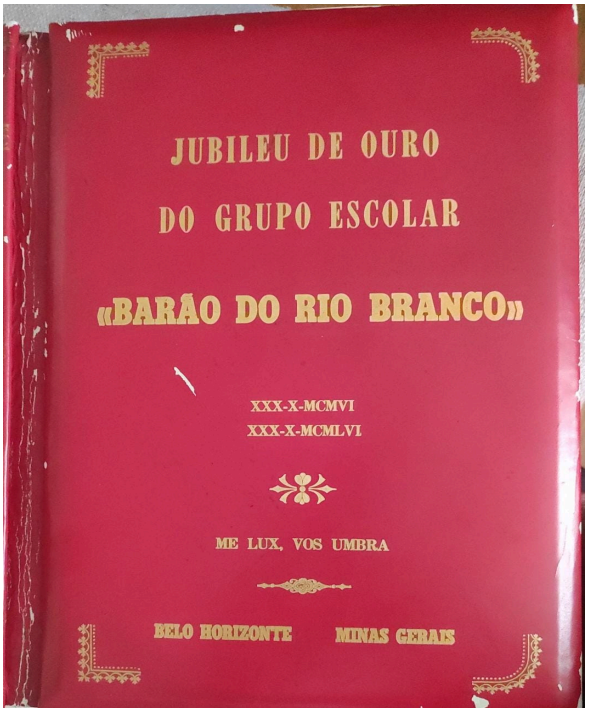
Há 13 fotos de 1943 que destacam o pátio da escola, enfatizando os 'primeiros tempos do Flamboyant', árvore que foi cortada em 1978. Do ano de 1944, há cinco fotos: duas mostram o pátio e três exibem os alunos em um altar construído pelo pai de Dona Andina do Amaral

No ano de 1950 há 16 fotos. Uma delas mostra os alunos no pátio e na legenda está escrito “sorteio em 08-11-150”. As outras fotos registram as festas religiosas que aconteceram dentro e fora da escola.

Há ainda seis fotos que registram o roubo e a depredação da biblioteca da escola, além de uma imagem de alunos recebendo uma faixa de condecoração, porém sem legenda. A pasta também contém plásticos vazios com papéis identificados como “1953” e “1956”, mas sem imagens.

2) O próximo documento analisado é o livro Jubileu de Ouro do Grupo Escolar Barão do Rio Branco. Trata-se de um volume robusto, com uma imponente capa vermelha e um total de 300 páginas, das quais 228 contêm registros sobre a história da escola, suas diretoras e as festividades do cinquentenário. As páginas restantes estão em branco.

Imagem 3: Fotografia da capa do livro do Jubileu de Ouro do Grupo Escolar Barão do Rio Branco



Fonte: Arquivo do próprio autor.

Neste livro ainda estão fixados a flâmula e a medalha do cinquentenário da escola. Há também a letra manuscrita do Hino da Escola, com os versos de Luzia Machado Brandão.

Além disso, há diversos registros fotográficos — 55 no total —, todos em preto e branco, que evidenciam as personalidades e os eventos que marcaram a comemoração dos 50 anos da escola. Entre as personalidades, destacam-se Francisco Negrão de Lima prefeito do Distrito Federal e Celso de Melo Azevedo prefeito de Belo Horizonte no ano do centenário, ambos ex-alunos da escola; o Secretário de Educação da época, Dr. Abgar Renault; e o deputado Pimenta da Veiga.

Quanto aos eventos comemorativo, há várias fotos que registram as horas cívicas, bem como demonstrações de ginástica, danças e missas realizadas no interior da escola.

A maioria dos textos deste livro é redigida à mão e assinada por Guerino Casamata. Além desses, há diversos documentos datilografados anexados ao livro, como discursos, cartas de agradecimento, telegramas e outros registros relacionados às festividades do cinquentenário.

Apesar de ter sido construído há quase setenta anos, o livro apresenta um bom estado de conservação, assim como as fotografias nele contidas.

3) A revista “Tempo e Educação”, ano 1, nº 1, é inteiramente dedicada ao aniversário de 70 anos da escola. Foi publicada em outubro de 1976 e possui 80 páginas.

Imagem 4: Fotografia da Capa da Revista “Tempo e Educação”



Fonte: Arquivo do próprio autor.

Na capa da revista, chama a atenção o registro amplo da fachada da escola. Ao todo, ela possui 85 páginas, sendo 77 páginas numeradas e mais 8 páginas contendo apenas fotografias de trabalhos desenvolvidos ao longo do ano, além de

uma fotografia em homenagem ao Senhor José Cotta, zelador da escola, e à Antonia Rezende do Nascimento, da equipe de serventes da escola. Há ainda um convite para o lançamento da revista “Tempo e Educação” e, na última página, a errata.

Ao todo, a revista apresenta 40 fotografias, todas em preto e branco, retratando momentos importantes como: a festa da família; a Feira de Frutas, Flores e Plantas ornamentais, que contou com a participação das mães dos alunos; trabalhos desenvolvidos na Semana do Folclore; uma Sessão de Hora Cívica; a eleição para o Clube Cívico; atividades recreativas desenvolvidas no pátio; a Guarda escolar; e da Feira de Exposições organizada na escola.

Já na página 4 desta Revista, encontrei uma informação bastante interessante, o nome de todos dos professores efetivos da escola naquele ano, entre eles os nomes das professoras de Educação Física. Eram elas: Morla Amélia de Castro, Nelma Lúcia Leão Mota Dias e Márcia Lafetá O. Kolasco.

No interior da revista, há várias páginas com fluxogramas que destacam a organização escolar e alguns processos pedagógicos. O restante da revista apresenta projetos, além das atividades desenvolvidas ao longo do ano de 1976. Nas páginas 6 e 7, há um texto sobre o histórico da escola, cujas informações foram atualizadas, principalmente no que se refere às diretoras.

Ainda nessa revista, é apresentado uma série de atividades desenvolvidas para comemorar o aniversário da escola, como a Festa da Família, o torneio dos Jogos da Primavera, sessões de cinema, feiras de ciências, entre outros.

A observação das fotografias da festa da família revela a presença de atividades esportivas, documentadas por registros de uma partida de voleibol entre estudantes e familiares, evoluções de ginástica e coreografias de dança. Além disso, destacam-se elementos que evidenciam a organização e a estrutura da instituição escolar. Observa-se uma seção intitulada “recreação”, composta por três imagens, na qual se sobressai o registro de um professor demonstrando a execução de um rolamento sobre um plinto para um aluno. Outro aspecto relevante é a presença da Guardinha Escolar, um grupo de alunos selecionados com o objetivo de manter disciplina no ambiente escolar, principalmente durante os recreios.

4) Na pasta comemorativa dos 75 anos do Barão do Rio Branco — que ocorreu em 1981 —, o principal acontecimento foi o “Desfile de Abertura das Olimpíadas”, em homenagem ao jubileu de diamante do Barão. Esse evento aconteceu no dia 2 de outubro daquele ano.

O desfile realizado na Avenida Getúlio Vargas, em frente à escola, foi registrado em 46 páginas contendo 117 fotografias coloridas. O evento contou com a participação dos alunos do pré-primário até a quarta série, que desfilaram trajando uniformes de equipes de futebol, fantasias de super-heróis e heroínas, trajes de ginástica e balé, além de outras fantasias diversas. Notavelmente, algumas turmas participaram do desfile utilizando bicicletas. As imagens capturadas evidenciam a atmosfera festiva e alegre do evento, que também contou com a presença da banda da Polícia Militar.

Na segunda parte da pasta, destaca-se novamente a presença marcante do esporte na escola, com o encerramento das Olimpíadas e a cerimônia de entrega de troféus e medalhas. São oito páginas contendo 16 fotos coloridas que retratam os alunos e as equipes campeãs das Olimpíadas.

Após as fotos das turmas e da premiação, há ainda 17 plásticos contendo os regulamentos das Olimpíadas e da Gincana realizadas naquele ano.

Na capa desta pasta há um adesivo com o número 11.6. Em outra pasta — intitulada “Revivendo o Barão de 1920 a 1956” — há um adesivo semelhante, porém com o número 11.1. Suponho que tenham existido outras pastas numeradas de 11.2 a 11.5, mas acredito que se perderam ao longo do tempo, uma perda irreparável.

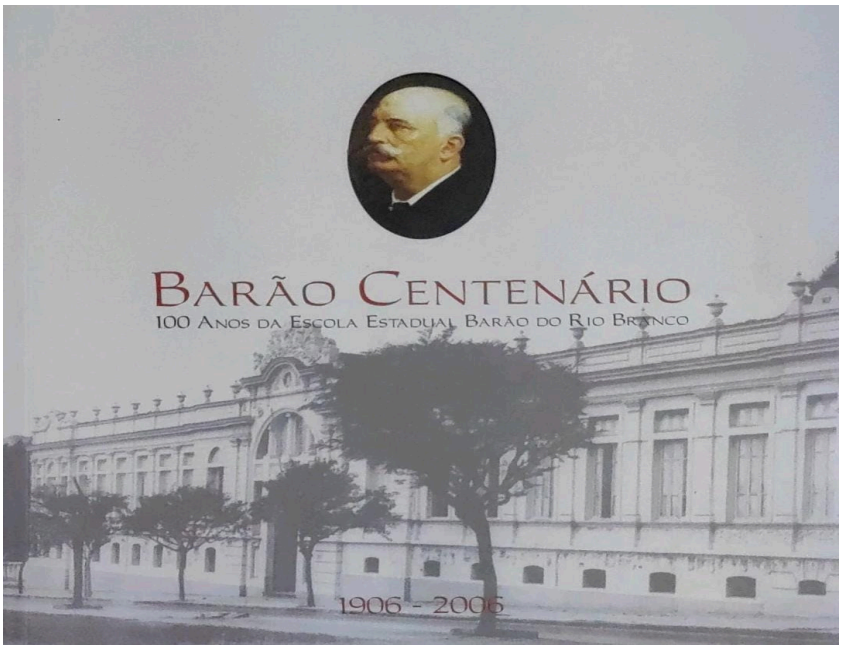
5) Ainda na cristaleira do *hall* de entrada da escola, havia uma pasta do Barão Centenário, confeccionada durante o ano de 1996. Apresenta capa de couro marrom e preta. Essa pasta possui 77 plásticos, nos quais estão destacados projetos realizados durante o ano do centenário, como a rádio escolar e o “Barão Informa” — um jornal que tinha como objetivo registrar os principais acontecimentos da escola naquele ano. Além disso, há muitas fotos que mostram momentos marcantes de 2006: a inauguração dos laboratórios de informática e de ciências, a festa junina, a participação da escola em eventos externos, como o Torneio Intercolegial Mercantil do Brasil de futebol, além de excursões a parques e museus.

Há também, nesta pasta, uma série de fotografias que denunciam os problemas estruturais enfrentados pela escola, retratando salas com infiltrações, mofo e pichações.

Esta pasta, em particular, traz-me recordações muito boas, pois foi no ano de 2006 que comecei a trabalhar no Barão. Assim, participei de grande parte dos eventos comemorativos realizados naquele ano. Além disso, pude reconhecer muitos colegas de trabalho que ainda atuam na escola, bem como outros que já se aposentaram ou não trabalham mais nela. O mais importante, porém, foi reconhecer nas fotos vários estudantes que foram meus alunos, alguns dos quais ainda me recordo até de características de sua personalidade.

6) Por último, há um exemplar do livro “Barão Centenário: 100 Anos da Escola Estadual Barão do Rio Branco”.

Imagem 5: Fotografia da Capa do livro: Barão Centenário - 100 Anos da Escola Estadual Barão do Rio Branco



Fonte: Arquivo do Próprio Autor

Trata-se de um livro com 54 páginas, contendo 56 fotografias — algumas coloridas e outras em preto e branco — que ajudam a contar um pouco da história

dos 100 anos da escola. A maior parte dos documentos utilizados neste livro foi retirada dos documentos, pastas e livros citados anteriormente.

A análise desses documentos teve como objetivo buscar vestígios que nos permitissem compreender um pouco da história da escola e de como as práticas corporais foram desenvolvidas ao longo do tempo. Para essa narrativa, adotamos a cronologia como eixo condutor. O desenvolvimento das práticas corporais ao longo da história da escola será abordado em um subtópico específico, dividido em quatro fases distintas. Esse agrupamento baseou-se na análise dos documentos sob guarda da escola. Vestígios que evidenciam algumas alterações na organização e nas ênfases atribuídas às práticas. Dinâmica mobilizada pelas ações dos sujeitos que assumiram a docência na instituição, estabelecendo, cada um/a ao seu modo, diálogos com o campo da Educação Física e com o tempo/contexto de atuação.

1.2 O PRIMEIRO GRUPO ESCOLAR DA CAPITAL

A análise de algumas referências e mobilização de alguns documentos permitem estabelecer uma relação entre a transferência da capital de Minas Gerais, de Ouro Preto para Belo Horizonte, e a implementação de um novo modelo educacional, alinhado aos ideais republicanos e às demandas sociais. Nesse contexto, foi criado — o primeiro grupo escolar da capital — evidenciando o compromisso com a consolidação de um sistema de ensino pautado nos valores e objetivos republicanos.

Vago (2010) explica que o fim do ciclo do ouro provocou estagnação econômica em Minas Gerais, especialmente em Ouro Preto, sua antiga capital. Aliado a isso, a ascensão das oligarquias do café, especialmente das regiões sul e da zona da mata mineira, ameaçava a unidade territorial do estado. A solução encontrada para evitar a sua desintegração foi a construção de uma nova capital, que seria fundada como polo econômico para reativar a sua economia (VAGO, 2002).

Após longos e calorosos debates, ficou decidido que a nova capital seria construída na região central do estado, no local onde estava localizado o Curral D'el Rey, um pacato arraial que, na época, contava com aproximadamente 2600 habitantes (VAGO, 2002). A construção da nova capital do estado teve início em

março de 1894. Belo Horizonte foi planejada a fim de se contrapor a antiga capital do estado — Ouro Preto — além de servir de espelho da república e vitrine para as novas cidades (MORENO E VAGO, 2011).

Uma cidade planejada, com ruas retas e largas. O seu planejamento e edificação foram orientados pelas novas experiências sociais e urbanas do final do século XIX, com uma concepção do social e do cultural que enfatizava a importância da ciência, em contraposição com práticas consideradas retrógradas e tradicionais (VAGO, 2011).

Conforme enfatizam Moreno e Vago (2011, p. 69), “O objetivo era obrigar seus habitantes, antigos e novos, a nascer de novo com ela”. Ainda segundo os mesmos autores:

> Belo Horizonte foi uma invenção de republicanos abrigados no governo mineiro, construída sobre o arraial do Curral D’el Rey. Fazer desaparecer (ou ao menos apagar, esquecer) sua marca colonial exigiu não apenas destruir seu corpo arcaico e caótico: era preciso fazer nascer outro corpo – um *divino corpo da República,* moderno, higiênico, marco zero de outra civilidade, em contraste com Ouro Preto. Seus habitantes deveriam, eles também, “nascer de novo" naquele jardim da República (MORENO E VAGO, 2011).

Riancho (1894), ao forjar representações sobre a população que habitava o Arraial do Curral Del Rey, afirma que: “O tipo geral do povo é doentio. Magros, amarelados, pouco desempenados na maioria; havendo uma grande proporção de defeituosos, aleijados e raquíticos”.

Aparentemente, a descrição construída pelo autor era, de certa forma, preconceituosa, estereotipada e tinha como objetivo constranger os sujeitos que ali moravam antes da construção da capital. Mais do que isso, era uma maneira de criticar, os hábitos, a cultura e a organização social do local, buscando construir e idealizar um modelo de cidadão digno de ocupar na nova capital. Era necessário que os antigos cidadãos do Curral Del Rey fossem transformados em cidadãos dignos de viver em uma capital nova e moderna.

Invenção da cidade, invenção de corpos (MORENO E VAGO, 2011). Os corpos dos moradores da cidade deveriam refletir a arquitetura da cidade e, para isso, era necessário endireitar os corpos dos habitantes novos e antigos (VAGO, 2002). Assim, para assegurar seus objetivos, construíram e disseminaram que “Cultivar os corpos dos habitantes, era fazê-los ir à escola, capaz da façanha de

produzir uma mutação nos corpos de crianças" (MORENO E VAGO, 2002 p.69). Receber as crianças pobres e fazer delas cidadãos republicanos. Receber as crianças apenas para que aprendessem a ler, escrever e contar já não era mais suficiente. Segundo os anseios renovadores, era também preciso instruir, educar e dar uma profissão (VAGO, 2011).

> Muito mais que o ensino dos rudimentos das primeiras letras às crianças, especialmente às provenientes das populações mais pobres, o modelo escolar que surgia encarnou a esperança de intervir o quanto mais profundo possível em sua formação: civilizá-las, arrancá-las do estado de indigência, impor-lhes uma transfiguração que faria delas potenciais construtores da prosperidade do Estado (VAGO 2002 p. 13)

Importa ressaltar que, entre a última década do século XIX e a primeira década do Século XX, o ensino primário público era realizado em escolas isoladas. Esses estabelecimentos eram caracterizados por uma grande precariedade material, com ambientes improvisados, que contavam com pouca iluminação e eram abafadas. Não havia mobiliário adequado para alunos e professores, tampouco livros didáticos. Nessas turmas, estudavam alunos com idades diferentes, o que tornava a tarefa de ensinar e aprender ainda mais penosa (VAGO, 2002).

Essa situação chamou a atenção dos governantes da época, que perceberam que a precariedade da educação era um problema crônico, que poderia emperrar o desenvolvimento econômico do estado (VAGO, 2002)

Com o objetivo de lidar com essa questão, João Pinheiro, recém empossado Presidente do estado, decretou uma ampla reforma do ensino primário por meio da Lei nº 439 de 1906[2]. A grande novidade dessa reforma foi a construção de espaços próprios para educação escolar, "agrupando" em um só prédio escolas isoladas que estavam espalhadas, o que provocou o surgimento dos grupos escolares. Essa estrutura teve inspiração em práticas realizadas nos Estados Unidos e na Europa (VAGO, 2002).

Rocha (2008) cita que a Reforma João Pinheiro introduz importantes mudanças no ensino primário como: a instituição do ensino graduado com quatro anos de duração, a criação de turmas homogêneas niveladas de acordo com o nível de aprendizagem e a definição de horários específicos. A autora ainda cita que cada

[2] Essa Reforma ficou conhecida como Reforma João Pinheiro.

grupo teria um professor específico para cada ano e um diretor ou diretora responsável pela administração da escola.

Representado bem o espírito dessa nova proposta educacional, o pesquisador Luciano Mendes Faria Filho (apud BARÃO CENTENÁRIO, 2006, p. 5) explica:

> Todos os grupos escolares, excetuados dois, funcionam em prédios próprios, adaptados para o fim ao qual se destinam. Em geral, esses prédios são os melhores das localidades onde estão situados.

No contexto dessas mudanças causadas pela Reforma João Pinheiro, surge o primeiro grupo escolar, a partir do compromisso da república com o novo. Assim, era mais do que natural que o primeiro grupo escolar mineiro fosse instalado em Belo Horizonte “a filha primogênita da República” (BARÃO CENTENÁRIO, 2006).

Foi publicado no Jornal Minas Gerais, de 11 de novembro de 1906, o ato de criação da do primeiro Grupo Escolar do estado.

> Está fundado o primeiro Grupo Escolar [...] este estabelecimento funciona no prédio da Avenida Liberdade, destinado à Residência do Sr. Secretário do Interior. Instalou-se, encerrando sua matrícula com 175 alunos de ambos os sexos, na maior parte recolhida das oito escolas públicas da Capital. Está dividido em seis classes, sob a direção das professoras Maria da Conceição Pereira da Silva, Ambrosina Orsini, Maria de Rezende Costa, Izaltina Cajuby da Silva, Olintina Olyntho e Elvira de Magalhães Brandão.

O primeiro grupo escolar de Belo Horizonte iniciou suas atividades, antes mesmo da regulamentação da Reforma João Pinheiro. Ele funcionou como um Núcleo Experimental contando com 175 alunos de ambos os sexos que foram remanejados das escolas isoladas de Belo Horizonte sob a supervisão de Artur Joviano (BARÃO CENTENÁRIO, 2006).

Na revista Tempo e Educação há um comentário interessante sobre esse núcleo experimental: “Nota pitoresca: - O Grupo foi instalado sem ter sido criado”.

Somente, em primeiro de fevereiro de 1907, a escola começa a funcionar regularmente, com 230 alunos, divididos em cinco turmas, com cinco professoras regentes em um local diferente do atual. Inicialmente situava-se na Avenida da Liberdade – hoje Avenida João Pinheiro - próximo à Praça da Liberdade (BARÃO

CENTENÁRIO, 2006). Esse endereço era destinado, originalmente, à residência do secretário do interior Dr. Carvalho de Brito (FARIA FILHO, 1997).

Imagem 6: Foto do 1º Grupo Escolar da Capital no primeiro endereço:



Fonte: Online, 2024[3]

No ano de 1910 - ainda no endereço antigo – o Primeiro Grupo Escolar – passou a se chamar Grupo Escolar Barão do Rio Branco, em homenagem ao estadista brasileiro José Maria da Silva Paranhos Júnior (BARÃO CENTENÁRIO, 2006). Faria Filho (1997 p.94) explica que era tradição identificar os grupos escolares “pelo nome de personalidades cujos nomes e feitos queria-se imortalizar na memória da cidade”.

O Grupo Escolar Barão do Rio Branco permaneceu no endereço antigo até 1914, quando foi transferido para o endereço atual, na Avenida Getúlio Vargas, na época chamada de Avenida Paraúna (BARÃO CENTENÁRIO, 2006). O antigo prédio foi transformado no Grupo Escolar Afonso Pena, escola que funciona até os dias de hoje no mesmo local.

A construção do atual prédio foi iniciada em 30 de novembro de 1911, na mesma data em que se iniciou a construção de outro estabelecimento educacional: o Jardim de Infância Bueno Brandão, um em frente ao outro (IEPHA, 2014).

[3] Fotografia disponível em: https://www.facebook.com/EscolaEstadualAfonsoPena/photos/a.218829261569509/2188292882361733/?type=3. Acesso em: 18 de jan. de 2025.

Imagem 7: Fotografia da Avenida Paraúna – em evidência os Grupos Escolares Bueno Brandão e Barão do Rio Branco.



Fonte: On-line, 2024[4]

A Escola Estadual Barão do Rio Branco foi projetada em estilo eclético, com as obras executadas por Jayme Salse e o engenheiro fiscal Mario Alves Ferreira (IEPHA, 2014). Ocupando uma área de 4.600 m², o prédio dispunha de salas de aulas consideradas sóbrias e arejadas (BARÃO CENTENÁRIO, 2006). O bloco principal foi construído transversalmente, dele partem três outros blocos longitudinais, perfeitamente simétricos ao eixo do bloco principal. O prédio apresenta formato da letra “E", o que proporciona adequada distribuição das salas de aula e favorece a ventilação. A área restante do terreno destina-se ao pátio de recreio e anexos que foram construídos posteriormente (IEPHA, 2014).

O edifício atual do Barão do Rio Branco foi projetado e construído no governo de Júlio Bueno Brandão, e foi concluído no final de 1913, conforme indica a placa de inauguração instalada na entrada principal da escola. No entanto, apenas em 15 de junho de 1914 a escola foi transferida para esse prédio (IEPHA, 2014).

“Um prédio grandioso, com uma fachada primorosa”, na qual se destacam na parte central, as armas da República, do Estado de Minas e do Município de Belo Horizonte (BARÃO CENTENÁRIO, 2006).

imagem 8: Fotografia da fachada do Grupo Escolar Barão do Rio Branco.

[4] Fotografia disponível em: https://web.facebook.com/FotosAntigasDeBeloHorizonte/photos/avenida-get%C3%BAlio-vargas



Fonte: On-line[5]

Importa destacar que não foi só a estrutura física das escolas que foi alterada. As mudanças também aconteceram nos currículos escolares. No início do século XX, Minas Gerais promoveu uma reforma do ensino primário que pretendia implantar uma pedagogia moderna e científica, orientada pela tríade spenceriana “educação intellectual, moral e physica” das crianças. Essa reforma tinha como lema: “instruir, educar e dar uma profissão”. Assim, seu objetivo era o de “criar cidadãos para a República” para atuarem na indústria alavancando a economia (VAGO, 2009).

O mesmo autor cita que o programa escolar criado com a reforma incluía “Leitura, Escripta, Lingua Patria, Arithmetica, Geographia, Historia do Brasil, Instrucção Moral e Civica, Geometria e Desenho, Historia Natural, Educação Physica e Hygiene, Trabalhos Manuaes e Exercicios Physicos” e tinha como objetivo responder à expectativa de formar os cidadãos republicanos — civilizados, de maneiras amaciadas, disciplinados, sadios e trabalhadores ordeiros —, que assim poderiam contribuir para o desejado progresso social.

Outro ponto interessante desta reforma está registrado no livro do jubileu de ouro do Grupo Escolar Barão do Rio Branco. O primeiro texto da obra chamado: “O Grupo Escolar Barão do Rio Branco”, traz, em sua primeira parte — *I - Prenúncio de uma reforma* —, a seguinte afirmação:

---

[5] Fotografia Disponível em: https://curraldelrei.blogspot.com/2010/06/os-anos-1910-e-o-inicio-do-grande.html Acesso no dia 17 de dezembro de 2024.

> O processo de transformação da escola mineira se operou no início do século e, mais precisamente, em 1906, quando a American Furniture & Comp. fez a entrega, ao governo do Estado, de duas mil carteiras escolares. A substituição dos velhos bancos, por um aparelhamento moderno e adequado, seria um fato trivial, se não encerrasse uma concreta mensagem de renovação e de aperfeiçoamento. De fato, o governo, já em seu término, preconizava a urgente necessidade de elevar o padrão da escola que, até então, se limitara a amassar o barro da rotina, não propriamente por falta de leis e regulamentos - que superabundavam, mas pela carência de instrumentos apropriados a uma reforma de base (JUBILEU DE OURO DO GRUPO ESCOLAR BARÃO DO RIO BRANCO, 1956 p. 4).

Ao realizar a leitura desse fragmento, é possível perceber o valor atribuído pelo autor à aquisição das novas cadeiras escolares, como se essa compra representasse um prenúncio de todas as transformações que seriam implementadas com a reforma do ensino.

Essa ênfase que o autor dá a essa compra me faz lembrar ações atuais, como a de governos estaduais e municipais que anunciam com grande pompa e circunstância a compra de determinados produtos – como se esses recursos, por si só, fossem capazes de promover uma revolução e resolver todos os problemas enfrentados pela escola.

Na parte II desse texto, intitulada “Os homens passam, permanecem as ideias”, está descrito alguns princípios, principalmente relacionados ao trabalho dos professores:

> 2 - É preciso que o professor adquira consciência de posição social, pois a reforma não pode consentir que o professor continue a exercer o papel de roda morta na máquina administrativa.
> 3 - Ao lado do aluno é preciso que se cogite seriamente a educação do professor, com a criação imediata de uma Escola Normal Modêlo [sic], na Capital, e de outras afeiçoadas à aquela no interior do Estado.

Nessa parte, chama a atenção a desvalorização dos professores, como se a responsabilidade pelos problemas da educação recaísse unicamente sobre eles, e não sobre a carência das escolas ou a falta de estruturas adequadas. Situação que, infelizmente, ainda se repete em muitos estados e municípios atualmente.

Ainda no Livro do Jubileu de Ouro do Grupo Escolar Barão do Rio Branco, há indícios de como a escola se alterou ao longo do tempo por meio da descrição dos percursos profissionais das seis primeiras diretoras. A primeira delas foi a professora

Helena Pena. Durante a sua gestão, foram criadas a Biblioteca Sandoval de Azevedo, a Associação das Mães e a instalação da caixa escolar. Ainda nesse período, o nome da escola foi alterado para Grupo Escolar Barão do Rio Branco, e a instituição mudou-se para o endereço atual, na Avenida Getúlio Vargas. Helena Pena aposentou-se em 1930.

A segunda diretora foi Elvira de Magalhães Brandão. Ela atuou como professora, auxiliar de diretora e, por fim, diretora. Trabalhou durante 31 anos na escola e contribuiu para a adoção de métodos de ensino considerados modernos para a época. Além disso, durante seu mandato, foi instituído o ensino religioso na escola, com permissão do governo e autorização por escrito dos pais.

A terceira diretora foi Gabriela Varela. Ingressou como professora substituta no Barão em 1911, posteriormente, exerceu a função de auxiliar de direção. Em 1939, foi designada diretora, cargo que exerceu até 1941. Durante sua gestão, realizou uma exposição catequética e um congresso da Cruzada Eucarística “Menino Jesus”. Além disso, iniciou a construção da Cantina Escolar.

Ondina do Amaral Brandão foi a quarta diretora da escola. Durante sua gestão, instalou a cantina, reorganizou e ampliou a biblioteca, além de incentivar atividades curriculares como clubes de leitura, jornais escolares, teatros de fantoches, entre outras.

Imene Guimarães foi a quinta diretora da escola. Ex-aluna do Grupo Escolar Barão do Rio Branco, ela impulsionou o ensino religioso e introduziu a prática da primeira comunhão.

A última diretora foi Ephigenia Bherinq Victor Lessa. Ela preocupou-se com a influência negativa das ruas e de elementos externos à escola como a violência e o consumo de bebidas alcoólicas exerciam sobre os seus alunos, mantendo uma postura vigilante sobre os seus alunos.

A partir do relato das principais ações das primeiras diretoras da escola, das fotografias presentes no próprio livro e da pasta “Revivendo o Barão de 1920 a 1956”, podemos identificar algumas características marcantes da história da escola em seus primeiros 50 anos.

Em primeiro lugar, as diretoras dedicaram-se intensamente e conquistaram importantes avanços para a escola, como a criação da biblioteca, da cantina, da caixa escolar, entre outras iniciativas. De acordo com os registros mencionados,

cada uma dessas conquistas foi motivo de grande comemoração. Nessas ocasiões, eram organizadas festas, nas quais os alunos participavam de coreografias de dança e ginástica. Embora as imagens que registram esses momentos sejam em preto e branco, ao olhar para elas, fico imaginando como esses momentos devem ter sido bonitos e alegres, e o quanto foram significativos para a escola, para os alunos e para os professores (as).

Outro aspecto que chama atenção é a presença da religião católica, há várias imagens relatando missas comemorativas, coroações, alunos recebendo a primeira comunhão dentro e fora da escola. Nas missas há imagens e textos relatando toda a mobilização da escola, dos funcionários, dos alunos e das famílias, com a construção de altares, os alunos e alunas com vestimentas representativas de anjos.

As horas cívicas também se destacam nas fotografias, que mostram diversos momentos em que os alunos estavam alinhados no pátio. Há apenas uma imagem retratando o curso técnico, que existiu até 1945, conforme o livro *Barão Centenário* (2006). Nessa foto, é possível ver um grupo de meninos construindo carrinhos de brinquedo feitos de madeira.

Outro aspecto que marcou profundamente a história da escola foram as comemorações do cinquentenário da escola em 1956. Essa data foi muito comemorada e contou com a presença de personalidades da época, como deputados, prefeitos, e do secretário de educação da época. Há também uma foto de todas as diretoras que haviam exercido o cargo anteriormente. Ainda nas comemorações desse evento, aconteceram apresentações de dança, ginástica, e a realização de missas.

Avançando para a década seguinte, no ano de 1962, o grupo escolar passa a ser uma Escola Experimental dos Serviços de Estudos Pedagógicos (EEsepe) da Secretaria de Educação. A EEsepe exigiu mudanças nos métodos de ensino, além da criação do Gabinete de Psicologia e de reformas radicais no estabelecimento (TEMPO E EDUCAÇÃO, 1976).

Ainda de acordo com texto da revista “Tempo e Educação”, no ano de 1965 a EEsepe passa a ser denominada Escola de Demonstração e Experimentação da Secretaria de Educação (Edese), exigindo mais reformas e modificações. Embora eu não tenha conseguido encontrar registros sobre os motivos e as consequências dessas mudanças, teorizo que elas aconteceram no Barão justamente pela tradição

de qualidade e de pioneirismo que esta escola conquistou aos longos das décadas anteriores, servindo, muitas vezes, de referência para outras escolas. Essas reformas e mudanças ocorridas durante as décadas de 1960 e 1970 merecem maior aprofundamento em investigações futuras.

No ano de 1966, o grupo completa 60 anos, e volta a se chamar Grupo Escolar Barão do Rio Branco (TEMPO E EDUCAÇÃO, 1976). Esse nome permanece até o ano de 1971, quando passa a se chamar Escola Estadual Barão do Rio Branco (BARÃO CENTENÁRIO, 2006).

Essa última alteração de nomenclatura pode ser interpretada como parte de um processo de reconfiguração do próprio modelo escolar ocorrida durante a década de 1970, no qual algumas de suas concepções fundamentais foram revistas e novas formas de organização de turmas, tempos e espaços passaram a ser experimentadas (BARÃO CENTENÁRIO, 2006, p. 35).

Segundo Candau (1982), justamente nessa época, na década de 1970, houve uma mudança de paradigmas no processo de formação de professores, que privilegiou a dimensão técnica influenciada pela psicologia comportamental e pela tecnologia educacional. Ainda segundo a autora, nesse contexto, a educação era vista numa perspectiva sistêmica em que a interação entre os diferentes componentes do sistema de ensino aprendizagem é enfatizada tendo por objetivo de se adequar aos instrumentos legais, mesmo que estes não fossem adequados à realidade da escola. O educador é concebido como um organizador das condições de ensino-aprendizagem que devem ser rigorosamente planejadas para garantir resultados "Ótimos". Transformando o professor em um simples técnico em que toda a preocupação se centra nos aspectos operacionais da formação e do processo de ensino-aprendizagem.

Voltando à história do Barão, como forma de apresentar um pouco da dinâmica escolar do Barão na transição das décadas de 70 e 80, considero oportuno relatar alguns trechos da conversa que eu tive com a professora Regina, que leciona a disciplina história na escola. Na conversa que tivemos, no ano de 2024, ela me contou que estudou no Barão entre os anos de 1977, no pré-primário, e se formou na quarta série no ano de 1981.

Segundo o relato dela, a maioria dos alunos que frequentava a escola nessa época era composta por alunos das classes média e alta de Belo Horizonte, filhos de

profissionais liberais e comerciantes que moravam na zona sul da cidade, principalmente nos bairros Mangabeiras, Serra, Cruzeiro e Funcionários. Os alunos eram predominantes brancos, e que só se lembra de ter tidos dois colegas negros, um que, em suas palavras, “era invisível” e uma colega que vivia na sala da diretora.

Essa fala da professora Regina me fez lembrar de uma reportagem muito interessante da escritora Conceição Evaristo – que foi aluna do Barão do Rio Branco – em que ela relatava que na época em que ela estudava na escola, as salas do segundo andar – maiores, mais bonitas, mais arejadas e mais confortáveis – eram frequentadas pelos alunos brancos. Ao mesmo tempo as salas do andar de baixo - menores, mais quentes, mais apertadas e com menos ventilação - eram destinadas aos alunos negros[6]. Essas falas evidenciam a presença do racismo no cotidiano escolar. Por outro lado, percebo que, atualmente, essas questões vêm sendo gradualmente superadas, apesar de ainda termos um longo caminho a ser percorrido na luta pela igualdade racial.

Embora reconheçamos a relevância incontestável das relações entre raça e classe social, a complexidade dessas temáticas extravasa o escopo deste estudo e, portanto, não serão discutidas com profundidade.

Na década de 1980, o registro mais significativo da história da escola foi a comemoração dos 75 anos de sua fundação. Entre os eventos realizados, destacaram-se especialmente uma gincana e as olimpíadas escolares, que mobilizaram toda a comunidade escolar.

Infelizmente, encontrei poucos registros referentes à década de 1990. Contudo, um dado que chamou bastante atenção foi que, nesse período, a escola chegou a funcionar nos três turnos, com cerca de 2.000 alunos matriculados — número bem superior ao atual, que se aproxima de 1.000 alunos.

Na primeira década do século XXI, o momento mais marcante foram as comemorações do centenário da escola. Além da celebração dos 100 anos, diversos projetos foram criados, como a “Rádio-Escola Alternativa”, que funcionava durante os recreios, principalmente no turno da manhã. Os alunos tinham papel de protagonismo na escolha das músicas e na elaboração da programação, sempre

[6] Reportagem disponível em: https://revistatrip.uol.com.br/trip-transformadores/conceicao-evaristo-transforma-sua-trajetoria-em-referencia-para-toda-uma-geracao-de-jovens-negros Acesso em: 10 jan. de 2025.

orientados pelas supervisoras e, principalmente, pelos professores de língua portuguesa.

Destacam-se também a criação do site da escola, desenvolvido no laboratório de informática da própria instituição, além da realização de mostras culturais e mostras de literatura. Foi criado ainda o jornal “Barão Informa”. Encontrei quatro edições desse jornal na pasta do Centenário do Barão, que relatam o dia a dia da escola, os projetos desenvolvidos, incluindo a inauguração da quadra esportiva em 2005 e a festa junina da escola.

Na edição de dezembro de 2005, o jornal da escola, *Barão Informa*, noticiou a inauguração da quadra de esportes. A solenidade foi organizada pela diretora Elizabeth Gressi e pela a professora de Educação Física Maria Lúcia Borges, que organizou um jogo de Futebol. A inauguração da quadra fez parte das comemorações dos 99 anos da escola. As imagens 9 e 10 registram esse momento.

Imagem 9: Inauguração da quadra da Escola.



Fonte: Jornal Barão Informa (2005)

Imagem 10: Professora de Educação Física Maria Lúcia Borges e os alunos que participaram do primeiro jogo da quadra.



Fonte: Jornal Barão Informa (2005)

A segunda década do século XXI é marcada pela grande reforma que a escola passou entre os anos de 2011 e 2018. Durante o período da reforma, a escola foi transferida para um prédio anexo ao Instituto de Educação, cujas condições de funcionamento eram bastante precárias. Muitas salas de aula ficavam nos porões do prédio, com pouca ventilação, e os alunos não tinham acesso às quadras, nem à piscina do Instituto. Além disso, em períodos de chuvas fortes, as salas do porão e a cozinha chegavam a alagar, ocasionando, inclusive, a suspensão das aulas. Após sucessivos atrasos, a reforma foi concluída e, em 2018, a escola retornou ao seu endereço oficial, na Avenida Getúlio Vargas, nº 1059, no bairro Funcionários.

Imagem 11: Fotografia da Escola Barão do Rio Branco durante a Reforma.



Fonte: On-line, 2024[7].

A década atual foi profundamente marcada pela pandemia da Covid-19, doença que se propagou globalmente e resultou no fechamento das escolas no início de 2020, seguido pelo retorno gradual às aulas em 2021. Diante dessa situação, o isolamento social foi a medida mais adequada a ser adotada. Contudo, esse período de sofrimento e incertezas impactou profundamente a comunidade escolar, com a Educação Física sendo particularmente prejudicada. Os alunos, em especial, sofreram as consequências negativas da interrupção das aulas, um fato notório para os professores.

Após uma análise da história da escola, que abrange mais de um século de existência, iremos direcionar o foco para o desenvolvimento das práticas corporais no Barão. Embora no decorrer deste estudo, tenhamos encontrado apenas documentos esparsos, esses registros nos ajudam a entender um pouco sobre o percurso que a Educação Física percorreu ao longo da história dessa instituição.

1.2.1 A Gymnástica, a Educação Física e o Barão do Rio Branco.

As práticas corporais estão presentes no Barão do Rio Branco desde a sua fundação. Ao analisar a documentação, foi possível perceber diferentes ênfases, considerando as atividades desenvolvidas, os objetivos e a metodologia utilizada

[7] Fotografia Disponível em: https://www.acervodenoticias.educacao.mg.gov.br/politica-de-privacidade/story/10033-estado-revitaliza-escolas-tradicionais-da-capital-e-preserva-caracteristicas-centenarias Acesso em: 10 de dez. de 2024.

nas aulas. Essas ênfases evidenciam alterações significativas na condução da disciplina ao longo do tempo. Desse modo, neste texto, contaremos um pouco da história da Educação Física, considerando as quatro ênfases identificadas. Importa destacar, ainda, que tais ênfases encontram vínculos com a historiografia da Educação Física brasileira.

A primeira ênfase compreende os anos de 1906 até o final da década de 1930, tempo em que predominou a Gymnastica, cuja finalidade era “consertar” os corpos dos alunos. Na segunda ênfase, da década de 1930 a 1970, percebemos que há uma ampliação das práticas, com forte presença das danças. De 1970 aos anos 2000, que denominamos terceira ênfase, há a presença quase hegemônica do esporte como conteúdo da Educação Física. Por fim, de 2000 até os dias de hoje, a quarta ênfase evidencia uma ampliação das práticas, com a inclusão e reinserção de outras temáticas além do esporte, como as danças, ginásticas, lutas, Práticas Corporais de Aventura, a Capoeira, entre outras.

- ✔ De 1906 a 1930: o predomínio da Gymnastica

Vago (2010) explica que um dos pilares da reforma do primário de 1906 era a *“Educação Physica*” dos alunos. A razão da sua inserção no currículo tinha como objetivo transformar os corpos das crianças, representados como raquíticos, débeis e fracos em corpos belos, robustos, fortes e saudáveis. Nesse sentido, a *Gymnastica* foi a ferramenta escolhida para desenvolver a educação physica das crianças, buscando assim, transformar os corpos dos alunos. Essa “missão” era considerada tão urgente, que tornou a prática da *Gymnastica* obrigatória nas duas primeiras décadas do século XX.

Ainda nas primeiras décadas do século passado, a nomenclatura do conteúdo de *Gymnastica* apresentava variações. Nos textos da legislação de ensino, o termo mais utilizado era exercícios phyísicos, enquanto os agentes escolares se referiam a essa prática como exercícios gymnásticos, exercícios calistênicos, ou simplesmente *gymnástica*.

No currículo de 1906, os alunos deveriam ter 150 minutos de *Exercicios Physicos,* divididos em sessões diárias de 25 minutos durante 6 dias da semana. O tempo total destinado às práticas corporais era menor apenas do que o destinado ao

conteúdo de matemática (VAGO, 2002). Ao final das lições de ginástica, as crianças eram liberadas para brincar livremente, embora sob a supervisão de um adulto (VAGO, 2010).

Inicialmente, os conteúdos praticados eram marchas e evoluções militares. Aos poucos, essas atividades tornaram-se mais complexas, com a inclusão de séries de exercícios físicos baseados na Ginástica Sueca e na Calistenia (VAGO, 2010).

A preocupação com a inserção da prática da ginástica nos cotidianos dos novos grupos escolares era tão grande que, nos projetos de construção desses espaços, era previsto a construção de galpões específicos para a prática de exercícios physicos. Esses galpões deveriam ser “cobertos com telhas, sem forro de tábuas, e ter o chão ladrilhado ou cimentado, sem asperezas” (VAGO, 2002 p. 241).

Apesar dos esforços governamentais para incluir a ginástica no cotidiano escolar, a ausência dessa disciplina no currículo de formação das professoras da Escola Normal Modelo da Capital — instituição de referência no estado — pode ter representado um obstáculo significativo para a implementação efetiva desse conteúdo nos grupos escolares estaduais. Tal omissão sugere uma possível lacuna na preparação das profissionais da educação, impactando a capacidade de transmitir e aplicar os conhecimentos e práticas da ginástica no ambiente escolar (VAGO, 2002).

Ainda segundo Vago (2002), tentando remediar essa situação, o governo do estado distribuiu livros e manuais de Ginástica Sueca entre os grupos escolares, com o objetivo de orientar as professoras sobre como aplicar a Ginástica nos grupos escolares.

O primeiro registro da prática de “Exercicios de Gymanástica” na captial data de abril de 1907. Trata-se de um ofício enviado pela professora D. Maria da Conceição Netto, do 2º Grupo escolar da capital, ao Secretário do Interior solicitando uma gratificação pelo ensino de ginástica, uma vez que, aparentemente, ela ministrava esse conteúdo para todos os alunos do grupo em que trabalhava. O pedido da professora contou com o aval da diretora e foi aceito pelo secretário. Ela recebeu 150 mil réis pela função. Dessa forma, ela pode ser considerada a primeira professora a receber para ministrar aulas de Gymnástica em um grupo escolar da capital (VAGO, 2002).

Após início da prática da Ginástica no 2º grupo escolar, ela também foi inserida no 1º grupo escolar. A Ginástica era ensinada pela professora D. Adelaide Emília Netto - irmã de D. Maria da Conceição Netto. Dessa forma, as duas irmãs podem ser consideradas as primeiras professoras de “Exercícios Physicos” da Capital (VAGO, 2002).

D. Adelaide Emília Netto também solicitou ao ministro do Interior uma gratificação pelo ensino da Ginástica, porém, apenas em 1914, quando já era diretora do 2º Grupo Escolar Affonso Penna. Seu pedido foi negado, apesar de ela ter feito diversos pedidos de reconsideração (VAGO, 2002).

Ainda segundo o mesmo autor, essa negativa pode ter sido causada para evitar que outras professoras também solicitassem a gratificação, aumentando os gastos do governo com pagamentos. Além disso, não havia no ordenamento legal a previsão de um professor de Gymnástica com gratificação específica.

De qualquer forma, os ofícios deste período revelam que D. Adelaide era responsável pelo ensino de “exercícios calisthenicos”. Esses exercícios eram compostos de atividades livres, rítmicas e sem o uso de aparelhos, cujo objetivo era produzir força e beleza sendo mais indicado para mulheres (VAGO, 2002).

Embora os “exercícios calisthenicos” fossem indicados para as mulheres, D. Adelaide inovou (e contrariou a legislação vigente na época) ao expandir o seu ensino também para os meninos, e, aparentemente, de forma concomitante (VAGO,2002).

Embora tenham sido pioneiras no ensino da Ginástica na capital, as irmãs não executam essa função por muito tempo, pois a legislação determinava que o ensino de Gymastica cabia a professora designada pela diretora para fiscalizar as crianças durante o recreio (VAGO, 2002).

O autor cita que a diretora do 1º Grupo escolar determinou que cada professora ministrasse o ensino da Ginástica aos alunos de sua respectiva turma, mesmo que isso não estivesse de acordo com a legislação. Após essa determinação, cada professora realizava a aula de exercicios physicos com a sua própria turma e, adicionalmente, havia um tempo dedicado às “evoluções militares” que eram ministradas por um tenente advindo do 1º Batalhão da capital, cujo nome era Oscar Paschoal, e era tratado com instrutor. Além de atuar no 1º Grupo Escolar, o instrutor Oscar Paschoal atuava também no 2º Grupo escolar da Capital. Dessa

forma, pode-se observar que, no 1º Grupo Escolar, havia duas práticas distintas, as “evoluções militares”, ministradas por um militar e os "Exercicios Physicos”, ministrado pelas próprias professoras ou, anteriormente, pela D. Adelaide.

Em 1912, houve outra reforma do ensino, mas que trouxe poucas alterações significativas, especialmente em relação ao programa de “exercícios physicos”. Contudo, confirmou que tais práticas deveriam ser realizadas pelas próprias “professoras de classe”, não abrindo espaço para a criação de um professor/a de ginástica especializado/a que se dedicaria somente a este conteúdo (VAGO, 2002).

Imagem 12: Alunos do Barão Realizando Movimentos Ginásticos.



Fonte: On-line[8]

Durante este período, é importante destacar o papel da professora Guiomar Meirelles Becker no Grupo Escolar Barão do Rio Branco. Gotschalg (2013) cita que essa docente iniciou sua carreira em 1914, como professora adjunta do 1º Grupo Escolar da Capital. Na época, ela tinha apenas 14 anos de idade e exercia o papel de auxiliar das outras professoras em algumas disciplinas. Em junho daquele mesmo ano, ela passou a ser encarregada da Ginástica.

“D. Guiomar marcou uma retomada no processo de paulatina profissionalização (especialização) do professor de ginástica para atuar na nova

[8] Imagem disponível em: https://acervodenoticias.educacao.mg.gov.br/politica-de-privacidade/story/10033-estado-revitaliza-escolas-tradicionais-da-capital-e-preserva-caracteristicas-centenarias. Acesso em: 20 jan. de 2025.

forma escolar que se afirmava" (VAGO, 2002 p. 303). Algo que não acontecia desde que as irmãs D. Maria Conceição Netto e D. Adelaide Emília deixaram de atuar como professoras de ginástica.

D. Guiomar também pleiteou junto à Secretaria do interior uma gratificação pelo ensino da Ginástica. Embora tenha obtido algumas respostas positivas em instâncias inferiores, o diretor da Secretaria do Interior indeferiu o pedido da professora.

Posteriormente, ela atuou na Escola Normal Modelo de Aperfeiçoamento, participou de congressos nacionais e estaduais sobre o ensino de ginástica, além de trabalhar junto a Inspetoria de Educação Física do Estado, ministrando cursos para outros professores. Guiomar foi professora da Escola de Educação Física de Minas Gerias. Ela se aposentou no ano de 1970 (GOTSHALG, 2013). Embora eu tenha procurado nos documentos que pesquisei dentro da escola, infelizmente, não encontrei registros da atuação da professora.

- ✔ De 1930 a 1970: a forte presença das danças.

O final da década de 1920 e o início da década de 1930 é marcado pela presença da professora Natália Lessa. Nascida em 1900, Lessa estudou no Colégio Sagrado Coração de Jesus até formar-se professora pela Escola Normal desse estabelecimento no ano de 1927 (CHAVES, 2013).

Ainda segundo Chaves (2013), ela iniciou sua carreira na escola no ano de 1928 como estagiária de *Gymnástica* e se especializou em Educação Física, visto que na época ainda não existia curso superior de Educação Física em Minas Gerais. Em 1930, Lessa tornou-se professora dos quadros efetivos da escola, ministrando o conteúdo de Educação Física. Sua efetivação se deu devido a transferência da professora Guiomar Meireles, antiga titular da cadeira de Educação Física, para a Escola de Aperfeiçoamento.

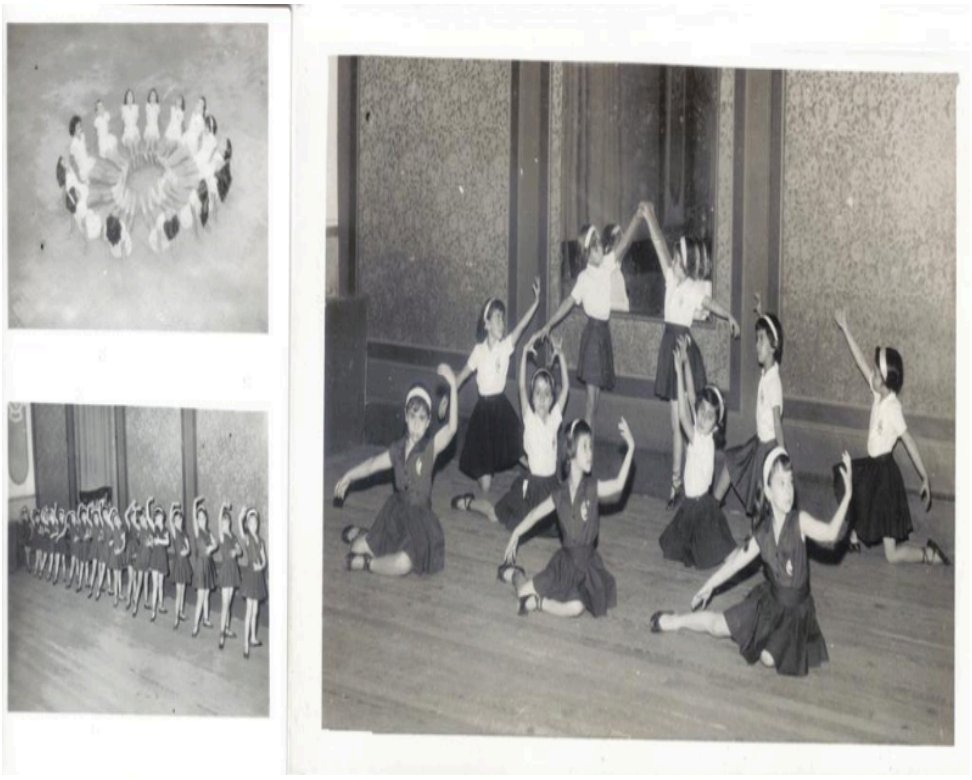
> A escola, espaço de convivência de Natália Lessa, está imbricada em todo seu percurso, em sua escolarização, formação e atuação profissional. O Grupo Escolar Barão do Rio Branco e outras escolas nas quais ela lecionou ou desenvolveu trabalhos coreográficos constituíram o espaço social no qual ela desenvolveu sua proposta através da dança. Seu vínculo com o Grupo Escolar durou mais de

> trinta anos; mesmo após sua aposentadoria como professora de Educação Física, ela ainda permaneceu com as atividades do Curso, por mais alguns anos no Salão Nobre (CHAVES, 2013).

Natália Lessa foi uma professora ímpar na história da escola, atuando também em outros espaços, como no Minas Tênis Clube e em escolas particulares de Belo Horizonte, sempre com o mesmo brilhantismo e dedicação.

Além de atuar como professora, ela também exerceu a função de auxiliar de diretora, aposentando-se na escola no ano de 1960. Ao longo de mais de 30 anos de trabalho, destacou-se e foi reconhecida pelas coreografias de dança e ginástica que desenvolveu.

Imagem 13: Fotografia de 1959: alunas de Natália Lessa dançando no auditório do Grupo Escolar Barão do Rio Branco

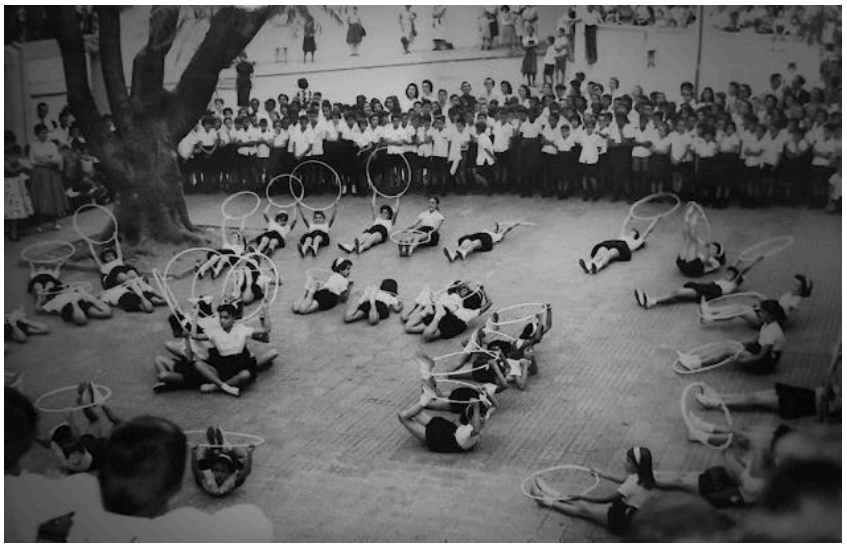


Fonte: Chaves (2013, p.56).

Nos documentos encontrados no Barão do Rio Branco, especialmente o livro do cinquentenário, há várias fotos de danças realizadas para comemorar esta data. Além da dança, a Ginástica, especialmente a Ginástica com arcos, aparece nos

registros desta época tanto nas comemorações quanto nos grandes eventos da escola.

Imagem 14: Fotografia de 1959: alunas do Barão Fazendo uma Apresentação de Ginástica com Arcos



Fonte: Arquivo do Próprio Autor

Embora eu tenha pesquisado nos documentos disponíveis na escola, infelizmente, não encontrei mais registros sobre a atuação da professora Natália Lessa.

✔ De 1970 a 2000: a prevalência do Esporte.

Nas últimas décadas do século XX, há indícios de que, principalmente a partir da década de 1970, o esporte passou a ser o foco da Educação Física na escola. Na revista comemorativa dos 70 anos do Barão, o esporte é apresentado por meio de uma gincana com um jogo entre pais e alunos.

Na pasta que reúne os documentos dos 75 anos do Barão, observa-se grande ênfase, sobretudo nas fotografias, à cerimônia de abertura dos jogos olímpicos da escola, realizada em 1981 (imagem 15), e à subsequente premiação dos atletas campeões durante o encerramento do evento (imagem 16). Esses registros demonstram claramente a importância do esporte no cotidiano escolar e, consequentemente, nas aulas de Educação Física.

Imagem 15: Desfile de Abertura dos Jogos Olímpicos de 1981.



Fonte: Arquivo do Próprio Autor

Imagem 16: Aluno Marco Antônio, campeão do salto em distância, recebendo a premiação.



Fonte: Arquivo do Próprio Autor

Outro indício que reafirma a predominância do esporte como principal conteúdo da Educação Física entre o final da década de 1970 e os primeiros anos da década de 1980, são lembranças narradas pela já referida professora Regina. Ela estudou na escola entre os anos de 1979 e 1983. Em seu relato, afirma que durante esse tempo, as aulas de Educação Física eram divididas por gênero: as meninas jogavam queimada e brincavam de “pular elástico” - práticas não esportivas - enquanto os meninos jogavam “futebol” ou corriam pela escola.

A análise da fala da professora Regina evidencia a relevância dos estereótipos de gênero na construção social do corpo feminino, contrastando-o com a construção do corpo masculino. Essa distinção cultural resulta em diferenças de desempenho entre meninos e meninas, as quais não têm origem em fatores naturais ou exclusivamente biológicos. A construção social do corpo feminino, portanto, exerce um papel determinante na maneira como as meninas percebem e interagem com o mundo, influenciando suas oportunidades e seu desenvolvimento em diversas áreas (SOUZA JUNIOR, 2020).

Importa destacar que, para além das práticas esportivas, observou-se a ocorrência de outras práticas corporais, muito por conta das demandas dos próprios alunos. No entanto, essas atividades careciam de um tratamento pedagógico adequado. A ausência de intencionalidade pedagógica, acabava limitando o potencial educativo dessas outras práticas.

Segundo Barroso (2020), especialmente a partir da década de 1970, o esporte passou a ser incentivado pelos militares, que, entre outros objetivos, buscavam alcançar bons resultados em competições internacionais. O autor explica ainda que, nesse período, a Educação Física passou a ser, basicamente, sinônimo de esporte, sendo as aulas voltadas, predominantemente, para o treinamento de equipes esportivas, especialmente nas modalidades de basquete, futebol, voleibol e handebol.

Taborda de Oliveira (2009) afirma que o esporte foi utilizado pelos militares como uma forma de o Brasil se destacar no contexto internacional a demonstrando sua “força e potência”, pela sua capacidade de competir em igualdade - ou até mesmo vencer - na área internacional, pela sua capacidade de superar os desafios dos seus problemas internos e externos.

A análise dos documentos e os relatos históricos do período em questão revela que a Educação Física praticada no Barão do Rio Branco seguia a tendência hegemônica da época, caracterizada pela predominância do esporte como conteúdo central das aulas, especialmente direcionadas aos alunos do sexo masculino. Embora outras práticas corporais fossem desenvolvidas, estas eram, em sua maioria, restritas ao público feminino e careciam de tratamento pedagógico.

A divisão das turmas por gênero, ainda prática comum naquele contexto, evidencia a influência dos estereótipos de gênero nas aulas de Educação Física, um

paradigma que, felizmente, tem sido superado na maioria das instituições de ensino contemporâneas.

A realidade observada na instituição Barão do Rio Branco apresenta notável similaridade com o panorama das escolas de ensino fundamental frequentadas por mim entre o final da década de 1980 e a década de 1990. Apesar das minhas experiências terem se dado em instituições da rede privada, as características delineadas no texto, como a presença hegemônica do esporte e a segregação por gênero, manifestavam-se de forma análoga. Essa constatação comprova a tese de que tais práticas pedagógicas não se restringiam ao âmbito público, mas estavam presentes no sistema educacional de forma mais abrangente.

✔ De 2000 aos dias de hoje: Ampliação das Práticas Corporais

As primeiras décadas do século XXI são marcadas pela inclusão de outras práticas no conteúdo do componente curricular de Educação Física, entre elas os jogos, as danças - que retornam ao cotidiano das aulas, porém de maneira muito mais tímida do que no início do século anterior - as lutas e até mesmo as práticas corporais de aventura.

Estive presente e continuo atuando em grande parte desse processo. Entrei na escola em 2003, como estagiário, e tive a oportunidade de perceber e participar de muitas mudanças ao longo desse período.

Em primeiro lugar, pelo próprio perfil dos alunos da escola. No início dos anos 2000, a escola atendia estudantes de todos os anos do 1º grau - atual ensino fundamental. No ano de 2003, no turno da tarde, havia turmas de 1ª a 4 série, enquanto no turno da manhã ficavam as turmas da 5ª até a 8ª Séries. Com o passar do tempo, as turmas de 1ª a 5ª séries foram sendo extintas, não permitindo a matrícula de novos alunos nessas séries, e a escola passou a ter apenas alunos da 5ª a 8ª séries - atuais 6º a 9º anos.

O perfil dos professores também mudou. A professora que eu tinha mais contato era a Lúcia, da qual eu era estagiário. Conforme mencionado anteriormente, ela era extremamente esportivista, e, portanto, priorizava o ensino de esportes, especialmente do Vôlei, do Futsal, Peteca, do Futebol e do Basquete. Para além das modalidades esportivas, outras práticas corporais, como a queimada, foram

observadas nas aulas de Educação Física, embora carentes de uma abordagem pedagógica estruturada.

Ainda no ano de 2003, enquanto cumpria meus estágios curriculares, também tive contato com a professor Cíntia. Ela, por outro lado, era mais nova que a professora Lúcia, trabalhava à tarde, e era professora dos alunos mais novos, que cursavam o primeiro e segundo anos. Ela buscava variar mais o conteúdo das aulas. Além dos esportes ela desenvolvia outros tipos de atividades, como os jogos e as brincadeiras.

Minha atuação na escola começou em 2006, inicialmente no turno da manhã, como os alunos mais velhos da sexta e sétima séries. Nessa época, eu priorizava bastante o esporte, talvez influenciado pelas experiências que eu tive como estagiário da professora Lúcia. Ministrava os mesmos esportes, especialmente Vôlei, Futsal, Peteca e Handebol, além da Queimada. Além disso, eu fazia campeonatos internos e ensaiava os alunos para a festa junina.

Assim, durante primeira década do século XX o foco das aulas de Educação Física da escola ainda era o esporte. Porém, a partir da reforma da escola que começou em 2011 e foi até 2018, ela foi instalada provisoriamente no Instituto de Educação e, infelizmente, não tínhamos acesso nem às quadras, nem à piscina da escola. O único lugar que podíamos realizar as práticas corporais era num corredor comprido que deveria ter uns quatro a cinco metros de largura entre a parede da escola e o auditório do Instituto de Educação. Nesse espaço, jogávamos queimada, ocasionalmente, um futsal improvisado, e fazíamos algumas brincadeiras como JO-KEN-PO (pedra, papel e tesoura) e ginástica de condicionamento físico. Algumas vezes, dava aula teórica com assuntos relacionados à saúde.

Após a reforma, com a volta da escola para o seu endereço atual, e a consequente ampliação do espaço para o desenvolvimento das aulas de Educação Física, comecei a mudar minhas aulas. Embora o foco continuasse voltado para as modalidades esportivas, gradativamente incorporei outras manifestações da cultura corporal, como a capoeira, jogos e brincadeiras. Mesmo assim, persistia a sensação de que havia uma lacuna no repertório de vivências oferecidas aos alunos, o que me motivou a retomar os estudos formais.

Agora, cursando o mestrado, tenho ampliado as práticas que desenvolvo em minhas aulas, incluindo danças, ginástica e práticas corporais de aventura. Essa

ampliação ocorreu em razão dos estudos e das atividades desenvolvidas durante as aulas do ProEF, bem como das pesquisas realizadas para este estudo. A partir dessas experiências, percebi que era necessário e possível ampliar meu repertório de práticas, assim como o dos meus alunos.

1.2.2 Alguns Detalhes Do Barão Atual

Atualmente, estudam na escola aproximadamente 1000 alunos, com idades entre 11 e 16 anos, divididos em 30 turmas, matriculados entre o 6º e o 9º ano do Ensino Fundamental. Os alunos estão distribuídos em dois turnos: os matriculados no sexto e sétimo estudam no turno da tarde, enquanto os matriculados no oitavo e nono estudam no turno da manhã.

A escola dispõe de quinze salas de aula, 3 laboratórios - de Biologia, de Química/Física e de Informática - biblioteca, cantina, refeitório, um pequeno anfiteatro, hall de entrada, sala de professores, três salas de supervisão, um local por nós denominado de “cantinho abandonado” - um espaço pouco utilizado localizado perto do muro da escola, que acaba virando depósitos de entulhos -, sala de jogos, estacionamento para os professores, sala de direção e vice direção, auditório e o porão.

Mais especificamente, para a realização das aulas práticas de Educação Física, a escola dispõe de uma quadra, de dimensões bastante reduzidas carinhosamente apelidada de “gaiola” devido ao seu tamanho e por ser cercada por grades; dois pátios centrais, que apenas ocasionalmente são utilizados para resguardar o andamento das aulas das demais disciplinas; além de outros pequenos espaços e cantos que são utilizados para atividades bem específicas. As salas de aula contam com quadros brancos, *datashow* e caixas de som.

Embora esses sejam os espaços tradicionais para o desenvolvimento das aulas de Educação Física, a realização deste estudo ampliou meu olhar, fazendo-me perceber que existem outros locais na escola onde também é possível realizar práticas corporais, conforme será discutido nos próximos capítulos.

Imagem 17: Quadra da Escola Estadual Barão do Rio Branco, carinhosamente apelidada de “Gaiola”.



Fonte: Arquivo do Autor

Após discutirmos um pouco sobre a história da Escola/Grupo Escolar Barão do Rio Branco e analisarmos como a Educação Física se fez presente e foi produzida no interior dessa instituição, no próximo capítulo abordaremos as diretrizes que orientam o componente curricular de Educação Física, assim como refletiremos sobre o planejamento escolar.

2º CAPÍTULO

A EDUCAÇÃO FÍSICA: DIRETRIZES OFICIAIS E A FORMAÇÃO DO PROFESSOR/PESQUISADOR

O presente capítulo discorre sobre os pilares que sustentam o planejamento escolar, abordando tanto os documentos orientadores que estruturam a educação nacional quanto a trajetória pessoal do pesquisador na construção deste estudo. Inicialmente, ressalta-se a importância de analisar as normativas legais, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o Currículo Referência de Minas Gerais (CRMG) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), instrumentos que delineiam o planejamento escolar. A análise crítica dessas normativas, sob a perspectiva de autores renomados do campo da Educação Física, como Fensterseifer, Gonzáles, Mauro Betti e Neira, também se mostra fundamental para a compreensão dos objetivos implícitos e das forças políticas que influenciaram sua elaboração.

A origem desta pesquisa reside em reflexões elaboradas durante a disciplina de Problemáticas da Educação Física, no contexto do ProEF. A palavra "planejamento" surgiu como um elemento fundamental, impulsionando a busca por uma abordagem que transcendesse uma mera visão burocrática. A pesquisa bibliográfica inicial, alicerçada em autores como Libâneo (2018), Menegolla e Sant'ana (2022), e o estudo das normativas legais, abriram o caminho para a elaboração do pré-projeto deste estudo. Além disso, a leitura da obra "Pedagogia do Oprimido", de Paulo Freire, durante as férias, impulsionou a decisão de aprofundar a temática do planejamento, incorporando uma perspectiva participativa.

O segundo ponto desenvolvido neste capítulo é o embasamento teórico do planejamento docente, com ênfase na discussão sobre o planejamento participativo. A principal referência estudada, Menegolla e Sant’anna, defende essa modalidade de planejamento como um instrumento de inclusão e respeito às individualidades, em contraposição ao planejamento individualista e impositivo. A concepção de planejamento como um processo democrático e participativo parte do princípio de que a construção do conhecimento é um ato coletivo, no qual todos os agentes do processo ensino-aprendizagem desempenham papéis ativos e interagem de forma contínua. Destacam as autoras:

> Sabemos que o ato de planejar não é um ato de ditadura, mas algo democrático e participativo; não é imposição mas discussão e abertura, onde todos os envolvidos no processo ensino-aprendizagem agem e interagem, durante todo o processo. Portanto, esta interação deve se dar também no processo do planejar (MENEGOLLA & SANT'ANNA, 2002 p.60).

Nesse sentido, o planejamento não se restringe a uma imposição unilateral de objetivos e métodos, mas como um espaço de diálogo e negociação, no qual diferentes pontos de vista e saberes são considerados. A abertura para a discussão e a troca de ideias permite a construção de um planejamento mais rico, vivo e abrangente, capaz de atender às necessidades e expectativas de todos os envolvidos.

2.1 - EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Atualmente, a Educação Física é um componente curricular obrigatório presente em todas as etapas da Educação Básica brasileira, que vai desde a educação infantil até o terceiro ano do Ensino Médio. Apesar da relevância da Educação Física na Educação Infantil, observa-se que, em alguns municípios brasileiros, a oferta deste componente curricular, ministrado por docentes especialistas, ainda não se concretizou de forma universalizada. Essa obrigatoriedade é fruto de um longo processo histórico, no qual, por várias vezes, alterou as concepções sobre papel do componente curricular e quais contribuições ele poderia trazer para a escola, para os alunos e, por consequência, para a sociedade brasileira.

Esses papeis, muitas vezes incorporados, outras vezes negligenciados pela Educação Física, mobilizaram enfrentamentos e demarcaram posições de grupos políticos e sociais, especialmente dos que detinham o poder no país e da visão deles sobre que tipo de cidadãos a escola deveria formar com a contribuição da Educação Física (BRACHT, 1997).

Nesse sentido, Carvalho (1996) sugere que a escola deve ser vista como a instituição responsável por transmitir o saber acumulado pela cultura e conquistas intelectuais às gerações mais jovens. Vago (2009, p. 28) corrobora com esse argumento ao afirmar que "a escola é lugar de circular, de reinventar, de estimular, de transmitir, de produzir, de usufruir, enfim, de praticar cultura".

Vago (2009) se respalda no conhecimento produzido pela história para assinalar quais são as práticas culturais que dão identidade à Educação Física escolar. Destaca que os conteúdos que se tornaram clássicos nesse componente curricular são: as ginásticas, os esportes, os jogos e as danças. A esses, devem somar-se ainda as brincadeiras e brinquedos populares, a capoeira, além de outras manifestações humanas que ainda não foram abarcadas pela Educação Física. Por estar inserida na cultura, os saberes e as práticas presentes na Educação Física escolar estão em constante movimento.

Complementando González e Fensterseifer (2010, p.12) especificam que a Educação Física escolar, na condição de disciplina,

> …tem como finalidade formar indivíduos dotados de capacidade crítica em condições de agir autonomamente na esfera da cultura corporal de movimento e auxiliar na formação de sujeitos políticos, munindo-os de ferramentas que auxiliem no exercício da cidadania.

Nesse sentido, a Educação Física pode ser vista como o componente curricular que tem como objetivo desenvolver as diversas manifestações da “cultura corporal de movimento”, sejam elas os jogos, as danças, os esportes, as ginásticas entre outras práticas que permeiam o movimento humano. Busca-se, assim, a formação de cidadãos que vivenciem, aprendam, utilizem e reflitam essas práticas e produzam novas práticas, contribuindo para o exercício da cidadania e para a participação nas questões da vida em sociedade.

Com este estudo, pretende-se que o aluno vivencie as diversas manifestações da cultural e desenvolva sua autonomia, a partir da criação de “experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade…” (FREIRE, 2023 p.5). Experiências essas que possibilitarão ao aluno tomar decisões e, a partir delas, amadurecer e, consequentemente, desenvolver sua autonomia. Objetiva-se, assim, que esse aluno esteja preparado para se tornar um cidadão ativo que irá aprender, refletir e saber se posicionar de forma crítica quando for solicitado, estando apto a participar da vida em sociedade. Além disso, espera-se que o aluno conheça uma grande gama de conteúdos da cultura corporal de movimento, para que possa vivenciá-los, identificar aqueles com os quais mais se identifica e dar continuidade à sua prática.

Com o objetivo de contribuir com a formação de um cidadão autônomo e participativo, é fundamental compreender que a escola é um local de convergência, tensão, construção e reconstrução de várias culturas. Entre elas, destaca-se a cultura dos alunos, que por virem de várias regiões da cidade, pertencerem a diferentes famílias, seguirem variadas religiões, participarem de diferentes manifestações esportivas e culturais fora da escola, carregam consigo, vivências variadas. Além de considerar a cultura dos alunos, é preciso também de considerar a cultura da própria escola, que foi e continua sendo construída e reconstruída ao longo de toda a sua história, sendo influenciada por políticas públicas, práticas de professores, funcionários, direção e de toda a comunidade escolar. Nesse contexto, cabe ao professor interpretar essa diversidade cultural e, a partir dela, selecionar os conteúdos que deverão ser abordados. Dessa forma, em parceria com os alunos e com a comunidade escolar, poderá construir um planejamento que atenda às normativas educacionais, esteja alinhado às possibilidades reais da escola e contemple, sempre que possível, os desejos e necessidades dos estudantes.

Esse foi o meu papel e também o meu maior desafio: atuar, simultaneamente, como professor e pesquisador neste estudo. Na condição de mediador desse processo, conheci, li, interpretei e dialoguei com o que está definido nos documentos orientadores, com as condições que a escola oferece e com os anseios e necessidades dos alunos em relação ao que desejavam aprender nas aulas de Educação Física. A partir desse processo, busquei construir coletivamente um planejamento que fosse vivo, significativo e construtivo.

2.2 - NORMATIVAS NACIONAIS E ESTADUAIS: IMPLICAÇÕES NO PLANEJAMENTO E O COTIDIANO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Para elaborar um planejamento educacional que possa ser aplicado em uma escola, é fundamental conhecer uma série de dispositivos legais que irão balizar a Educação Física escolar, definindo o que deve ser tratado, quando e de que maneira. Este tópico visa examinar os principais dispositivos legais que estruturam a educação brasileira, com o objetivo de identificar e discutir as normativas específicas que estabelecem as diretrizes da Educação Física no contexto escolar.

O primeiro dispositivo que trataremos aqui é, sem dúvida, o mais importante: a Constituição da República Federativa do Brasil (CF) de 1988. Nela há várias citações relacionadas com a educação. Em seu artigo 6º, no qual trata dos direitos sociais, é feita a primeira menção à educação: “São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição” (BRASIL, 1988).

Avançando para o artigo 205, há a seguinte citação: “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1988).

Já o artigo seguinte, o 206, cita os princípios e as bases da educação nacional, que foi posteriormente complementado por outros dispositivos legais. Por isso, além de uma análise da Constituição, faz-se necessário citar os principais dispositivos legais infraconstitucionais que discorrem sobre a educação no nosso país e que orientam o planejamento escolar.

A primeira lei, criada após a constituição de 1988, foi a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) promulgada em 1996. Ela trouxe muitos avanços para a área da Educação Física, dentre eles temos o que seu art. 29, parágrafo terceiro, afirma ser: “§ 3o A educação física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular obrigatório da Educação Básica, ajustando-se às faixas etárias e às condições da população escolar, sendo facultativa nos cursos noturnos” (BRASIL, 1998).

Essa foi uma grande conquista, pois a Educação Física passou a ser oficialmente e legalmente reconhecida como um componente escolar obrigatório da escola (CALLAI, BACKER E SAWITZKI, 2019).

Além disso, a LDBEN trata, de maneira geral, da organização da educação brasileira, abrangendo temas como as modalidades de ensino, dos profissionais da educação e da distribuição dos recursos financeiros relativos à educação.

Porém, essa mesma lei faculta a oferta da Educação Física no período noturno e impõe uma restrição significativa ao acesso à cultura corporal aos alunos do ensino médio matriculados nesse turno. Tal medida resulta na exclusão de uma

parcela considerável dos alunos desta etapa de ensino, estimada em aproximadamente 70%, que, em sua maioria, poderiam ser os principais beneficiados pelos conhecimentos e práticas proporcionados pela Educação Física (IMPOLCETTO E DARIDO, 2020).

Posteriormente, publicado em 1998, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) foi o documento elaborado pelo Ministério da Educação, que, obedecendo à LDBEN, organizou os objetivos da educação e a estrutura curricular de cada componente, segundo suas especificidades. Os PCN's são referenciais que orientam a organização dos currículos estaduais e municipais, porém, por terem como objetivo ser uma proposta mais aberta, respeitam e dão autonomia às decisões tomadas em níveis locais e regionais.

Criada em 2017, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é atualmente o documento de caráter normativo que define quais as aprendizagens essenciais que cada componente curricular deve abordar em cada ano escolar durante todo o período da Educação Básica, que compreende as etapas de ensino da Educação Infantil, do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. Como documento de caráter normativo, sua observância é obrigatória, sendo fundamental para a construção dos currículos e planejamentos escolares de todas as escolas do Brasil, sejam elas públicas, particulares, municipais, estaduais ou federais.

Devido à extensão do território brasileiro e às grandes desigualdades sociais, econômicas, culturais e regionais, esse documento gera controvérsias significativas, especialmente no meio acadêmico, em que vários autores a defendem e vários a criticam, tornando-se assim, objeto de calorosos debates (BETTI, 2018).

Impolcetto e Moreira (2023), afirmam que as discussões sobre a BNCC "tem assumido a condição de um debate, que ora valoriza e ora joga na lata do lixo o documento…" explicando ainda que há referenciais que consideram a base como um instrumento de melhoria das condições de educação no país, enquanto outros questionam, principalmente, a falta de participação democrática na versão final do documento, consequência do golpe legislativo que destituiu a então presidente e alterou a gestão da educação no país.

A BNCC atribui à Educação Física o papel de tematizar as práticas corporais em suas diversas formas de codificação e significação social, considerando que o movimento humano está sempre inserido no âmbito da cultura. Nesse sentido,

compreende-se que a prática corporal propicia ao aluno um tipo de conhecimento que permite evidenciar a multiplicidade de sentidos e significados que os grupos sociais conferem às diferentes manifestações da cultura corporal do movimento (BRASIL, 2018).

Para uma melhor compreensão didática, a BNCC agrupa as práticas corporais e as divide em unidades temáticas, são elas: Jogos e Brincadeiras, Esportes, Danças, Lutas, Ginásticas e Práticas Corporais de Aventura, as quais devem ser desenvolvidas ao longo da Educação Básica.

Como este estudo será desenvolvido com alunos do sexto ano do Ensino Fundamental, é importante destacar quais as unidades temáticas devem ser desenvolvidas ao longo do ano escolar, bem como os objetos de conhecimento destas unidades segundo a BNCC (BRASIL, 2018).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o 6º ano do Ensino Fundamental em Educação Física é composta por seis unidades temáticas principais: Jogos e Brincadeiras, Esportes, Ginásticas, Danças, Lutas e Práticas Corporais de Aventura. Cada unidade aborda diferentes aspectos da cultura corporal, com foco no desenvolvimento de habilidades específicas.

A unidade de Jogos e Brincadeiras destaca a importância dos jogos eletrônicos, enquanto a unidade de Esportes explora diversas modalidades esportivas e agrupadas nas categorias: Esportes de Invasão, de Rede, de Taco, Precisão, Técnico-combinatórios, de Marca e de Combate. A unidade de Ginásticas enfatiza a Ginástica de Condicionamento Físico, enquanto a unidade de Danças concentra-se nas danças urbanas. A unidade de Lutas aborda as Lutas Brasileiras, e a unidade de Práticas Corporais de Aventura explora as práticas urbanas.

Em todas as unidades, a BNCC busca promover a experimentação, a fruição, a recriação e a reflexão sobre as práticas corporais, valorizando a diversidade cultural e o respeito às diferenças.

Por último, iremos abordar o Currículo Referência de Minas Gerais (CRMG) que foi lançado no ano de 2018 e que, desde então, vem passando por atualizações anuais. Esse documento tem como base o antigo Currículo Básico Comum, que teve sua primeira versão publicada no ano de 2005 e foi desenvolvido pela Secretaria de Educação de Minas Gerais, e na BNCC.

O CRMG (2023) padroniza ainda mais os conteúdos da BNCC, sugerindo uma divisão de conteúdos por ano escolar e por bimestre. No caso específico do sexto ano, etapa escolhida como objeto deste estudo, o CRMG define a seguinte distribuição:

1º Bimestre: Jogos e Brincadeiras e Esportes;
2º Bimestre: Danças e Esportes;
3º Bimestre: Ginástica, Esportes;
4º Bimestre: Lutas, Ginástica, Práticas Corporais de Aventura e Esportes.

Fazendo uma breve análise do CRMG, podemos chegar a algumas conclusões. Primeiramente, como era de se esperar, este documento utiliza os mesmos parâmetros em termos de conteúdos da BNCC, uma vez que esta é a referência para a formulação dos conteúdos de todas as escolas e redes da educação básica brasileira.

Outro ponto que se pode observar com a análise atenta desse documento é a repetição sistemática do conteúdo de esportes, que está presente em todos os bimestres do ano letivo. O que demonstra claramente que, embora haja aumento quantitativo dos conteúdos da cultura corporal de movimento abarcados no Currículo de Referência, o esporte ainda tem uma relevância muito maior que os demais.

Desde a década de 1980, o modelo de Educação Física que prioriza o esporte como conteúdo central e praticamente hegemônico tem sido alvo de críticas, sendo identificado como uma herança da ditadura militar brasileira. Durante grande parte desse período (1964-1985), projetou-se a escola como celeiro de atletas e, nessa direção, houve grande esforço em transformar as aulas de Educação Física em treinos esportivos (TABORDA DE OLIVEIRA, 2009). Infelizmente, esse modo de operar ainda se perpetua e pode ser considerado uma das causas da falta de interesse dos alunos, especialmente do ensino médio, de participarem das aulas, pois o conteúdo acaba sendo excludente, repetitivo e o aprendizado limitado.

Como o objetivo deste trabalho foi construir um planejamento para uma escola da rede de ensino pública do estado de Minas Gerais, esse planejamento utilizou, tanto quanto possível, como referência a distribuição dos conteúdos conforme proposto no CRMG.

Um ponto importante a ser destacado é que, embora essas normativas definam o que deve ser ensinado e quando, cabe ao professor, com base na sua

experiência e no seu conhecimento, planejar e adaptar o ensino à realidade da sala de aula, levando em conta os materiais disponíveis, o espaço físico e as características dos alunos.

Ou seja, por mais que as normativas estabeleçam definições gerais sobre quais conteúdos abordar, a “palavra final” é sempre do professor, que coloca em prática o que planeja, considerando seu repertório e as condições da instituição em que atua.

2.3 - PLANEJAMENTO DOCENTE: ALGUMAS BALIZAS TEÓRICAS

O presente tópico tem por objetivo estabelecer um diálogo com a literatura sobre o planejamento escolar, com ênfase no planejamento participativo, núcleo central deste estudo. Inicialmente, a discussão abordará o planejamento escolar, tendo como principal referencial teórico Libâneo (2018). No que tange ao planejamento participativo, a referência inicial recai sobre Menegolla e Sant’Anna (2022), cuja abordagem, embora focada no planejamento escolar, oferece alguns vestígios sobre a modalidade participativa. Diante dessa constatação, optou-se por expandir e aprofundar a análise dessa temática específica, mediante a consulta a autores como Gandin (1994), Dalmás (1994) e Viana (2000), cujas pesquisas aprofundam e conferem densidade à discussão. Concluindo este tópico, será estabelecido um diálogo com estudos desenvolvidos no âmbito do ProEF que adotaram o planejamento participativo como temática central. Dentre esses estudos podemos citar: Mendel (2023), Santos (2024), Souza (2024) e Vilete (2020). O interesse em explorar pesquisas realizadas no programa emergiu das sugestões proferidas pelos professores Tarcísio Mauro Vago e Meily Assbú Linhales durante a qualificação deste estudo. Surpreendentemente, constatou-se que essa temática possui expressiva relevância nas dissertações do programa, as quais forneceram referências sobre o desenvolvimento do planejamento em situações práticas vivenciadas por professores pesquisadores.

A capacidade de planejar acompanha a humanidade desde seus primórdios. Os homens primitivos elaboravam planos para superar os desafios do cotidiano, criando estratégias para caçar, pescar, coletar frutos e enfrentar seus adversários (MENEGOLLA E SANT’ANNA, 2022).

Souza (2024) – egresso do ProEF, polo UFMG - explica que a habilidade de planejar e antecipar eventos permitiu que o *Homo Sapiens* se adaptasse a ambientes desafiadores, superando até mesmo, animais com vantagens físicas aparentes. Ainda segundo o mesmo autor, essa aptidão para antecipar e planejar possibilitou ao homem não apenas se adaptar à realidade natural, mas também modificar a realidade, desenvolvendo a cultura.

No contexto escolar, Libâneo (2018, p. 319) explica que:

> O Planejamento é uma tarefa docente que inclui tanto a previsão das atividades didáticas em termos da sua organização e coordenação em face dos objetivos propostos, quanto a sua revisão e adequação no decorrer do processo de ensino. O planejamento é um meio para se programar as ações docentes, mas é também um momento de pesquisa e reflexão intimamente ligado à avaliação.

Ou seja, segundo Libâneo (2018), o planejamento docente consiste na preparação e adaptação contínua das atividades de ensino, visando alcançar os objetivos de aprendizagem. Neste processo, a avaliação tem um importante papel ao facilitar o acompanhamento do progresso dos alunos e a identificação de dificuldades.

Além disso, o referido autor cita que uma das funções do planejamento escolar é a de “assegurar a racionalização, organização e coordenação do trabalho docente, de modo que a previsão das ações docentes possibilite ao professor a realização de um ensino de qualidade e evite o improviso e a rotina” (LIBÂNEO, 2018, p. 309).

No que tange ao planejamento, na minha prática docente pregressa, considero esse o ponto que mais precisava me aprimorar. Anteriormente ao ingresso no ProeEF, a elaboração do planejamento frequentemente se caracterizava pela generalidade, resultando em lacunas que, por vezes, dificultavam a definição precisa das ações pedagógicas. Essa situação gerava desconforto e demandava a improvisação de atividades, em consonância com as considerações de Libâneo.

A percepção e a reflexão acerca dessa problemática motivaram a escolha do planejamento como temática central deste estudo. Considero que essa decisão se mostrou pertinente, uma vez que os planejamentos desenvolvidos durante a pesquisa e em momentos posteriores não mais apresentam as referidas lacunas.

Em contrapartida, observa-se atualmente, na maioria das situações, uma disponibilidade de atividades superior à carga horária destinada à sua execução.

Ainda com relação ao planejamento, Menegolla e Sant'Anna (2022) afirmam que o ato de planejar não deve ser restrito a um único grupo de privilegiados. Ele deve surgir da colaboração e participação ativa de todos os envolvidos, refletindo um processo democrático em que decisões e responsabilidades são compartilhadas. Além disso, esses autores destcam que o planejamento individualista ou fechado tende a se tornar um instrumento de coação ou imposição e desrespeita as individualidades e a diversidade dos membros do grupo.

Em relação à participação, Gandin (2001) explica que ela se manifesta em três estágios. No primeiro, a colaboração ocorre sem poder de decisão real, com as pessoas "convocadas" a participar, mas sem uma dinâmica horizontal e transformadora. O segundo nível é o da decisão, que aparenta ser democrático, mas foca apenas em algumas etapas, geralmente secundárias, com escolhas limitadas a opções predefinidas. Por último, o terceiro nível abrange a construção conjunta. Nesse estágio, o poder reside genuinamente com as pessoas, que devem superar pequenas diferenças, pois se fundamenta em uma igualdade concreta entre elas.

Compreendidas as formas de participação e buscando a compreender o conceito de planejamento participativo, Vianna (2000, p. 39) define-o, genericamente, como uma estratégia de trabalho caracterizada pela integração de todos os setores da atividade humana social em um processo global, com vistas à solução de problemas comuns.

Ainda segundo a autora, o modelo de planejamento participativo visa ao desenvolvimento completo do estudante, por meio da atuação integrada da escola, da família e da comunidade. Essa abordagem pedagógica prepara o aluno para exercer a responsabilidade, desenvolver o senso crítico, promover a transformação, lidar com divergências, estimular a inventividade e incorporar múltiplas nuances que definem a atuação do indivíduo no cenário contemporâneo, marcado por demandas inovadoras e transformadoras.

Nesse sentido, configura-se como uma perspectiva fundamentalmente política e social. O planejamento participativo busca entender o sujeito em sua vivência particular e em seu ambiente social, histórico, político e cultural. Considera os desejos e as contradições tanto do sujeito quanto do seu contexto, favorecendo a

interação entre eles e capacitando o primeiro a ser um motor de mudanças no segundo (VIANNA, 2000).

Ainda sobre o planejamento participativo, Dalmás (1994, p. 27) explica que:

> É considerado ideal o planejamento participativo que envolve as pessoas como sujeitos a partir de sua elaboração, e com presença constante na execução e avaliação, não apenas com indivíduos, mas sujeitos de um processo que os desenvolve como grupo, visando o desenvolvimento individual e comunitário.

Ao participarem ativamente do planejamento, os alunos deixam de ser meros receptores e se tornam coparticipantes no processo de ensino-aprendizagem. Essa participação ativa permite que eles ajudem a construir o próprio aprendizado, contribuindo na definição de objetivos, na escolha de métodos de ensino mais eficazes e na seleção de formas de avaliação que melhor se adequem às suas necessidades e preferências (SANTOS, 2024).

Mendel (2023) – egresso do ProEF polo UFMG - salienta que cabe ao professor oportunizar ações que estimulem a participação de todos no planejamento, tornando a escola um ambiente mais democrático. Na sua dissertação, o autor revelou que a participação ativa dos alunos na criação de uma unidade didática para as aulas de Educação Física resultou em uma redução significativa do afastamento escolar dos alunos. Esse efeito positivo foi atribuído a dois fatores principais: a diversificação dos conteúdos, que foram enriquecidos com as sugestões dos alunos, tornando as aulas mais atrativas e interessantes, e o desenvolvimento de um senso de responsabilidade nos alunos, que se sentiram mais comprometidos com as aulas ao participarem ativamente do planejamento.

Souza (2024) - também egresso do ProEF polo UFMG - desenvolveu o planejamento participativo com seus alunos do 8º e 9º anos de uma escola pública estadual na cidade de Betim. O autor observou que, de maneira geral, o planejamento participativo propiciou um aumento no engajamento dos alunos nas aulas de Educação Física, embora em algumas unidades temáticas, como no ensino do Funk, tenha havido certa resistência por parte dos estudantes em participar. Contudo, concluiu que o estudo permitiu aos alunos vivenciarem, em coletividade, o planejamento, de modo que este não se configurou como algo meramente burocrático ou administrativo.

Santos (2024), mestre pelo polo da UFC (Universidade Federal do Ceará), desenvolveu seu estudo em uma escola estadual de Fortaleza com alunos de uma turma do 6º ano. Ele observou que o planejamento propiciou uma maior participação dos alunos nas aulas de Educação Física e uma maior interação entre os alunos e entre estes e o próprio professor.

Vilete (2020) ex-aluno do ProEF no polo Universidade Federal do Espírito Santo desenvolveu seu estudo em uma escola municipal no município de Serra no Espírito Santo com três turmas do 9º ano. O autor concluiu que o planejamento participativo se constituiu como uma importante estratégia pedagógica na Educação Física Escolar, de modo a fomentar o envolvimento crítico dos estudantes no processo de ensino-aprendizagem sob uma perspectiva dialógica e democrática.

O planejamento escolar é uma atividade bastante complexa, porém fundamental para que o ensino alcance os objetivos definidos pelos documentos orientadores, pelo Projeto Político Pedagógico da escola (PPP), e esteja conciliado com a função social da escola. No planejamento, são definidas metas e os caminhos que serão trilhados para alcançá-las.

Esse planejamento se torna ainda mais complexo, especialmente no caso do conteúdo curricular Educação Física, quando deve ser construído para uma escola que possui carências de espaços e materiais para atender às normativas educacionais. Além disso, contribuir para a formação de um aluno capaz de, a partir do aprendizado dos elementos da cultura corporal do movimento, se tornar um cidadão autônomo e participativo das decisões políticas da sociedade.

Um planejamento para o componente curricular que foi construído com a participação dos alunos, permitindo que eles vivenciem, reflitam e contribuam de maneira ativa na sua elaboração. Esse processo deve considerar não apenas as orientações dos documentos orientadores, mas também os desejos, as necessidades e os sonhos dos próprios estudantes. Assim, contribui-se para a formação de sujeitos ativos, reflexivos, conscientes e autônomos, capazes de participar das questões políticas que envolvem a sociedade.

Este planejamento, que foi construído coletivamente ao longo da pesquisa, buscou dialogar com os ensinamentos de Paulo Freire, autor que compreende que o planejamento dos conteúdos deve considera a situação presente, existencial e concreta, refletindo as aspirações do coletivo (FREIRE, 1987). Nesse sentido, nosso

planejamento levou em conta tanto a realidade atual da escola quanto os desejos dos alunos e do professor/pesquisador.

Menegolla e Sant'Anna (2022) explicam que, para realizarmos o planejamento de determinado componente curricular, não devemos nos basear somente no conteúdo, pois o foco do planejamento é o aluno e as influências significativas que o conteúdo proporcionará à sua vida. Para isso, as autoras sugerem que, inicialmente, seja feita uma profunda sondagem, muito bem planejada e estruturada, a fim de que alunos e professores se conheçam e obtenham dados que reflitam a realidade dos alunos e que permita tanto ao professor quanto ao aluno projetarem seu trabalho a ser desenvolvido no componente curricular.

A partir dessa avaliação das necessidades, dos desejos e da realidade dos alunos é que surgirão os objetivos fundamentais dos conteúdos a serem desenvolvidos na escola. Por sua vez, “os objetivos serão os determinantes de toda a estrutura e desenvolvimento do ato de planejar o plano na sala de aula” (MENEGOLLA e SANT’ANNA, 2022, p. 74).

> Uma vez percebidas e analisadas as urgências e as necessidades, deve-se partir para o pensar coletivo. O que deve ser feito, então? É a primeira questão. A partir da situação, deve ser pensado um processo para tentar modificar a realidade. Feito isso, passa-se a ter condições de criar o processo de ação. E da participação grupal vão surgindo as ideias e a organização até chegarem à execução prática (MENEGOLLA e SANT’ANNA, 2022, p. 60).

Neste estudo, buscamos compreender, a partir do diálogo e da participação ativa dos alunos, de que maneira poderíamos contribuir para o desenvolvimento da autonomia deles, questionando-os sobre o que eles esperam do componente curricular Educação Física, quais conteúdos eles gostariam de conhecer e vivenciar, como atender às suas expectativas nesses conteúdos, com as limitações e as possibilidades que a escola oferece. Somado a isso, problematizamos também: será que a história da escola nos oferece pistas de como responder a essas questões?

Zaidan, Ferreira e Kawasaki (2018) explicam que, para o desenvolvimento de estudos no contexto dos programas de mestrados profissionais, há diversas metodologias disponíveis. Entre elas, as autoras destacam a pesquisa documental, observação da prática, rodas de conversa, estudos de caso, entre outras. As autoras também ressaltam que, nas pesquisas acadêmicas tradicionais, é comum o

distanciamento entre o pesquisador e o objeto de estudo, com o objetivo de favorecer a análise da questão. Contudo, nos programas de formação profissional, esse cenário se modifica, e cresce o número de pesquisas em que o pesquisador está implicado no contexto investigado (ZAIDAN; FERREIRA; KAWASAKI, 2018).

Nesse sentido, as autoras observaram que, no contexto do mestrado profissional em que atuam, os alunos têm demonstrado interesse em pesquisar a sua própria prática. Elas, então, enfatizam a pesquisa-ensino de acordo com Penteado e Garrido (2010). Segundo as autoras:

> Denomina-se pesquisa ensino a que é realizada durante o ato docente, pelo profissional responsável por essa docência. Essa atuação visa à vivência de condutas investigativas na prática de ensino, que permitem exercê-la como um processo criativo do saber docente (PENTEADO E GARRIDO, 2010 p. 36).

Ainda segundo essas autoras, docência e pesquisa são dois campos de trabalho que colocam os seus trabalhadores em relações distintas e específicas com o conhecimento. Assim, cabe ao pesquisador produzir o conhecimento utilizando como ferramenta a metodologia científica, enquanto o papel do professor é colocar o aluno em contato com esse conhecimento, utilizando a didática como ferramenta.

O que motiva o desenvolvimento da pesquisa-ensino é o desejo de transformação da prática docente, que parece insatisfatória ao professor, sob algum aspecto. Nesse sentido, o professor que investiga cientificamente a sua própria prática pedagógica pode ser chamado de professor-pesquisador (PENTEADO E GARRIDO, 2010).

Na “pesquisa-ensino”, o professor identifica os problemas que o desafiam em sua prática e propõe-se a superá-los. Dessa forma, ele busca a produção do conhecimento articulando-se com a sua condição de professor (ZAIDAN; FERREIRA; KAWASAKI, 2018).

> Esses estudos indicam que, com a “pesquisa-ensino”, situações reais da docência podem estar presentes na universidade e na pesquisa, articulando profissionais, buscando reflexões e construção de alternativas inovadoras nas práticas docentes, na formação e na produção do conhecimento educacional. Ao mesmo tempo, essas ações proporcionam ao profissional professor-pesquisador um crescimento pessoal e profissional (ZAIDAN; FERREIRA; KAWASAKI, 2018).

Melhor dizendo, com o objetivo de aprimorar minha prática docente, recorro à pesquisa científica como um caminho para superar os desafios e angústias presentes em meu cotidiano profissional. Além disso, procuro abrir espaço para que meus alunos participem ativamente das decisões relacionadas ao desenvolvimento dos conteúdos, de modo que possamos construir, em conjunto, um planejamento dinâmico e significativo — tanto para eles quanto para mim. Como destacam Penteado e Garrido (2010, p. 109):

> Não há soluções prontas. Cada escola, cada professor, cada aluno tem uma história. Cada contexto educacional apresenta problemas específicos, mas também potencialidades que precisam ser levadas em conta quando se pretende introduzir novas propostas pedagógicas. Cabe a cada comunidade escolar e seus professores construir os caminhos e as respostas adequados a seus contextos específicos.

Após a análise dos documentos orientadores pertinentes à Educação Física e a compreensão da natureza e relevância do planejamento escolar, o capítulo subsequente detalhará o processo metodológico de elaboração do presente planejamento. Destaca-se que a construção deste planejamento incorporou a participação ativa dos alunos na definição dos conteúdos abordados ao longo do segundo e terceiro bimestres letivos.

3º CAPÍTULO

DO PREVISTO AO VIVIDO: O DESENVOLVIMENTO DE UM PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA DO BARÃO

Neste capítulo, será relatado como se deu o início do ano letivo de 2024. Inicialmente, abordaremos as reuniões de planejamento, os primeiros contatos com os alunos e o desenvolvimento das atividades. Em seguida, descreveremos e problematizaremos como questões burocráticas — impostas pela Secretaria Estadual de Educação —, além de fatores relacionados ao clima e ao cotidiano escolar, afetaram as fases preliminares deste estudo.

Nesta fase de estudo, apesar das dificuldades encontradas, revelou-se um período de aprendizado intenso, caracterizado pela necessidade de criação, revisão e reflexão contínuas. A experiência exigiu o desenvolvimento de maior serenidade diante dos imprevistos, aprimoramento da capacidade de escuta dos alunos e uma profunda revisão da prática pedagógica. Essas ações foram fundamentais para que o planejamento participativo pudesse ser desenvolvido e vivenciado nos dois bimestres seguintes.

3.1 PREPARAÇÃO PARA O INÍCIO DO ANO LETIVO

O ano escolar começou oficialmente no dia 1º de fevereiro de 2024. Pela primeira vez em muitos anos, senti-me um pouco preocupado com o início do ano letivo. Depois de tanto tempo trabalhando na Escola Estadual Barão do Rio Branco, começar um novo ano letivo costuma ser algo bastante corriqueiro para mim. No entanto, este ano foi diferente, devido aos desafios e aos novos procedimentos que me preparava para implementar em virtude deste estudo. “*Senti um frio na barriga*”.

De acordo com o calendário oficial da escola, elaborado a partir das diretrizes da Secretaria Estadual de Educação, essa data é considerada um “dia escolar”, ou seja, não conta com a presença dos alunos[9].

Uma reunião do corpo docente com a equipe gestora foi realizada nesse dia, das 15h às 17h30. A diretora Valéria distribuiu materiais impressos, incluindo o

[9] Os dias escolares são datas pré-definidas pela Secretaria Estadual de Educação, distribuídos no calendário escolar no decorrer do ano letivo, destinados ao planejamento, reuniões, formação continuada dos profissionais da escola e realização dos estudos independentes de recuperação (MINAS GERAIS, 2023).

calendário escolar e trechos da legislação educacional e dos documentos orientadores referentes ao planejamento escolar.

A diretora apresentou o calendário, enfatizando datas relevantes, a distribuição dos dias letivos, feriados, eventos escolares e as adaptações necessárias para o cumprimento dos 200 dias letivos estabelecidos. Uma adaptação digna de nota foi a alteração dos dias 5 e 6 de março para quinta e sexta-feira, com o objetivo de equilibrar a distribuição dos dias da semana em decorrência dos feriados. Essa mudança gerou preocupação, pois poderia acarretar um desequilíbrio na carga horária das turmas com aulas agendadas para segundas e terças-feiras, que perderiam aulas em virtude do carnaval, enquanto as turmas de quinta e sexta-feira manteriam suas aulas regulares. A diretora comunicou que a referida alteração era de caráter obrigatório.

Essa modificação impactou o planejamento pedagógico, resultando em um descompasso no desenvolvimento do conteúdo programático. A título de exemplo, a turma 608 não teve aulas de Educação Física durante a primeira e a segunda semanas letivas, em razão do carnaval e da alteração mencionada, enquanto outras turmas já haviam realizado seis aulas.

Nesse ponto, cabe observar que, ao impor adaptações no calendário das escolas como forma de atender a questões meramente burocráticas, a Secretaria de Educação acaba por gerar uma série de transtornos às unidades escolares e prejudicar o planejamento dos professores.

Aparentemente, essas “soluções mágicas” são elaboradas com base apenas em critérios técnicos, em detrimento de fundamentos pedagógicos. São decisões impostas por pessoas que, ao que tudo indica, desconhecem a dinâmica e a realidade do cotidiano escolar. Como costuma afirmar o professor Gilberto, docente de Língua Inglesa na Escola Estadual Barão do Rio Branco, essas medidas partem de “alguém que está sentado debaixo de um ar-condicionado, na Cidade Administrativa, ganhando muito mais do que um professor e sem nunca ter pisado em uma sala de aula[10].

Além dessa grande diferença no número de aulas que cada turma teve, outros dois contratempos interferiram bastante no início do projeto. O primeiro foi consequência das constantes chuvas que caíram em Belo Horizonte, durante os

[10] Diálogo acontecido durante a primeira reunião do ano de 2024 e registrado no Diário de Campo.

meses de fevereiro e março, principalmente, no período vespertino, e que impossibilitaram o desenvolvimento de algumas práticas.

Além da questão climática, ocorreram diversos dias de paralisação escolar, nos quais os professores da rede estadual se mobilizaram para protestar contra o Regime de Recuperação Fiscal do Estado. Caso fosse aprovado, esse regime poderia resultar no congelamento dos salários dos servidores públicos por um período de até nove anos.

Além disso, ainda houve outro aspecto que me deixou angustiado. De acordo com o calendário escolar, a primeira reunião de pais ocorreria somente no dia 3 de maio, ou seja, após o encerramento do primeiro bimestre. Essa reunião era muito importante para mim, pois seria o momento em que apresentaria meu estudo às famílias dos alunos, destacaria a metodologia a ser utilizada e colheria as assinaturas do TCLE.

Ainda na primeira semana, procurei a diretora Valéria para conversar sobre a possibilidade de realizar uma reunião com os pais dos alunos para apresentar o estudo. Ela foi muito receptiva, como de costume, mas informou que, em fevereiro, seria impossível devido ao carnaval e a outras atividades já agendadas para os sábados. No entanto, afirmou que tentaria encontrar uma data posteriormente para que a reunião pudesse ser realizada. Infelizmente, não conseguimos definir um novo dia, e a reunião acabou ocorrendo somente em maio, conforme previsto no calendário escolar.

O dia 2 de fevereiro foi mais um dia escolar (sem a presença dos alunos) reservado pela Secretaria Estadual de Educação para a realização do planejamento. Nesse dia, ocorreu uma breve reunião com a supervisora Mariângela, que apresentou informações sobre os alunos novatos que possuíam laudo. Após esse primeiro momento, ela solicitou aos professores que se dividissem por componente curricular para elaborar o planejamento do primeiro e do segundo bimestre.

No turno da tarde, apenas dois professores de Educação Física atuam: eu, ministrando aulas para as turmas do sexto ano, e o professor Brenner, para as turmas do sétimo ano. Após a reunião, fizemos o download do CRMG e elaboramos um planejamento para os quatro bimestres, observando as unidades temáticas e habilidades que o documento orienta abordar em cada um deles.

Conforme citado anteriormente, o CRMG é baseado na BNCC; no entanto, propõe uma distribuição das unidades temáticas ao longo dos quatro bimestres do ano letivo. No ano de 2024, para o sexto ano, as unidades temáticas foram distribuídas da seguinte forma:

1º) Bimestre: Jogos Eletrônicos e Esportes;
2º) Bimestre: Esportes e Danças;
3º) Bimestre: Ginásticas e Práticas Corporais de Aventura;
4º) Bimestre: Lutas e Esportes.

Sobre a distribuição das unidades temáticas ao longo dos quatro bimestres, cabe fazer uma observação. No ano de 2023, quando foi elaborado o projeto deste estudo, a unidade temática “Esporte” estava presente em todos os quatro bimestres. Entretanto, no CRMG atual de 2024, o “Esporte” foi suprimido do conteúdo do terceiro bimestre e substituído pelas Práticas Corporais de Aventura. No CRMG anterior, essa unidade temática estava agrupada no quarto bimestre, juntamente com as Lutas, as Ginásticas e os Esportes.

Considero essas mudanças positivas. Desenvolver, de maneira adequada, quatro unidades temáticas diferentes em um único bimestre é, na prática, bastante difícil, especialmente no último bimestre, que geralmente é mais curto devido às recuperações finais. Além disso, muitos alunos — principalmente aqueles que já foram aprovados —, a partir do início de dezembro, começam a não frequentar as aulas, enquanto os estudantes com notas baixas passam a se preocupar exclusivamente com os trabalhos de recuperação necessários para aprovação.

Outro aspecto que considero positivo na supressão do esporte em um dos bimestres escolares é a possibilidade de os alunos conhecerem e vivenciarem outras práticas corporais. Com isso, objetiva-se diminuir, ao menos parcialmente, a supervalorização que o esporte ainda apresenta em relação às demais práticas corporais nas aulas de Educação Física.

Retornando à construção do planejamento. Como o objetivo principal deste estudo foi realizar um planejamento participativo, ao entregar o planejamento anual para a supervisora Mariângela expliquei que, por hora, o documento do sexto ano seria entregue apenas com informações genéricas sobre os conteúdos que seriam desenvolvidos. Informei que as informações mais detalhadas e mais precisas seriam entregues posteriormente, após a realização da consulta à comunidade escolar.

Como a supervisora acompanhou de perto a realização deste estudo, desde a construção do projeto, ela aceitou a proposta.

O último ponto a ser discutido foi a distribuição de pontos. O professor Brenner e eu combinamos que faríamos a distribuição dos 25 pontos de cada bimestre da seguinte maneira:

- 10 pontos de participação nas aulas e atividades desenvolvidas ao longo do bimestre;
- 10 pontos de atividades escritas – que poderiam ser distribuídas em provas, trabalhos, relatórios, produções de texto ou outras atividades;
- 5 pontos de autoavaliação para que os alunos refletissem sobre a sua participação nas aulas, a aquisição de conhecimentos teóricos e práticos e sobre quais aspectos deveriam melhorar para o próximo bimestre.

Essa distribuição teve de ser alterada posteriormente. Na reunião que tivemos no dia vinte e quatro de fevereiro, a diretora apresentou uma distribuição de pontos diferente que todos os professores deveriam seguir obrigatoriamente. Essa distribuição fixava:

- 7 pontos para a Avaliação Bimestral;
- 5 pontos para um simulado em que todas os componentes deveriam enviar questões;
- 8 pontos de trabalhos;
- 5 pontos de um conceito coletivo, que seria a média da nota de conceito de todas as disciplinas, dando, dessa forma, a mesma nota de conceito para cada aluno em todos os componentes curriculares.

Essa nova distribuição, imposta pela direção e supervisão, foi alvo de calorosos protestos e críticas por parte dos professores, que demonstraram descontentamento especialmente em relação ao simulado e, ao conceito coletivo. Entretanto, no final das contas, prevaleceu a imposição da direção e supervisão, ao menos no primeiro bimestre.

De qualquer forma, durante a elaboração do projeto deste estudo - que havia sido construído no segundo semestre do ano anterior - já havia programado as primeiras atividades a serem desenvolvidas no início do ano letivo, independentemente das unidades temáticas definidas pelo CRMG para o primeiro bimestre.

Essas atividades estavam diretamente relacionadas ao escopo deste estudo. Tinham como objetivos conhecer melhor os novos alunos, suas expectativas e a visão que cada um deles possui sobre a Educação Física, além de contextualizá-los

quanto à importância histórica da nossa escola e à consequente necessidade de preservá-la. Ademais, buscava-se levá-los à reflexão sobre o papel desempenhado pelo componente curricular Educação Física na história da escola e, finalmente, apresentar aos novos alunos a instituição como um todo, para que pudessem se apropriar dos seus espaços — especialmente daqueles utilizados pelo componente curricular para a realização das práticas corporais, principalmente as escolhidas por eles a partir do planejamento participativo.

O desenvolvimento dessas atividades foi programado para o mês de fevereiro, durante as cinco primeiras aulas, e abordaria os seguintes temas:

1ª aula: Apresentação;
2ª aula: *Tour* pela escola;
3ª aula: Observação da fachada da escola;
4ª aula: Contato com os documentos históricos da escola;
5ª aula: Produção de texto sobre a escola dos sonhos e aula de Educação Física dos sonhos dos alunos.

As outras quinze aulas do primeiro bimestre seriam divididas entre as unidades temáticas Brincadeiras e Jogos e Esportes, propostas pelo CRMG, e outras atividades, como avaliações e trabalhos escritos, conforme citado anteriormente, além de atividades relacionadas ao planejamento participativo e à divulgação de resultados. Em suma, as aulas seriam distribuídas conforme o quadro abaixo:

Quadro 1 - 1º Bimestre: Planejamento prévio

SEM	DATA	ATIVIDADE	OBSERVAÇÕES
0	01/02 e 02/02	Planejamento Escolar	Dias Escolares
1	05/02 e 09/02	Apresentação/Tour	
2	15/02 e 16/02	Tour/Observação da Fachada	Carnaval
3	19/02 a 23/02	Produção de Texto/Contato Doc. Hist.	
4	26/02 a 01/03	Planejamento Participativo - Divulgação	

5	04/03 a 08/03	Introdução Jogos Eletrônicos/Jogos eletrônicos aula 2	
6	11/03 a 15/03	Jogos Eletrônicos Aula 3 e 4	
7	18/03 a 22/03	Jogos Eletrônicos aula 5 - Avaliação	At. Avaliativa
8	25/03 a 27/03	Esportes Introdução/	Semana Santa
9	01/04 a 05/04	Esportes aulas 3 e 4 (práticas).	
10	08/04 a 12/04	Esportes aula 5/ Avaliação Bimestral	Avaliação Bim.
11	15/04 a 19/04	Esportes aula 6 - Recomposição de Aprendizagens	Fim do 1º BIM

Fonte: produzido pelo autor, 2024.

Tanto a BNCC quanto o CRMG conferem destaque aos jogos eletrônicos na unidade temática Brincadeiras e Jogos. No que se refere à unidade temática Esportes, ambas as diretrizes curriculares propõem, de forma genérica, a abordagem de quatro categorias: esportes de marca, de precisão, de invasão e técnico-combinatórios.

No segundo bimestre, o CRMG propõe a continuidade do estudo da unidade temática Esportes, mantendo as categorias previamente estabelecidas, e introduz a unidade temática Danças, com ênfase nas danças urbanas. O planejamento inicial do segundo bimestre é descrito no quadro 2.

Quadro 2: 2º Bimestre – Planejamento Prévio

SE	DATA	ATIVIDADE	OBSERVAÇÃO
1	22/04 a 26/04	Esportes Introdução/Esportes aula 2	
2	29/04 a 03/05	Esportes aulas 3 e 4 (práticas)	
3	06/05 a 11/05	Esportes aula 5 (teórica) aula 6 práticas	Reunião de Pais
4	13/05 a 17/05	Esportes aula 7/Encerramento Esporte	

5	20/05 a 24/05	Esportes/Introdução Dança	Atividade Avaliativa
6	27/05 a 29/05	Dança aulas 2 e 3	Corpus Christi
7	03/06 a 07/06	Dança aulas 4 e 5	
8	10/06 a 14/06	Dança aulas 6 e 7	
9	17/06 a 21/06	Ensaio apresentação de Danças	Apresentação de Dança
10	24/06 a 28/06	Avaliação Bimestral/Ensaio Festa Jul.	Avaliação Bimestral
11	01/07 a 03/07	Ensaio Festa Julina	Dias Escolares

Fonte: produzido pelo autor, 2024.

Ainda no segundo bimestre, vislumbrei a possibilidade de realizarmos um festival de dança, exclusivo para os alunos do sexto ano, no auditório da escola, dependendo do desenvolvimento e do engajamento deles durante as aulas desse conteúdo específico. Além disso, ao final do segundo bimestre, iniciaria os ensaios para a Festa Julina, marcada para o dia 13 de julho.

Nesse ponto, é necessário fazer uma observação importante. Inicialmente, de acordo com o projeto deste estudo, as práticas corporais escolhidas no planejamento participativo seriam vivenciadas até este momento, ou seja, o final do segundo bimestre. Porém, alguns percalços tornaram necessária a realização de algumas alterações e adaptações no desenho deste estudo, de modo que o planejamento participativo fosse construído para o segundo e terceiro bimestres.

No terceiro bimestre, trabalharíamos as Práticas Corporais de Aventura e as Ginásticas. Na unidade temática Ginástica, ambos os documentos legais privilegiam a Ginástica de Condicionamento Físico, enquanto na unidade Práticas corporais de Aventura, privilegiam as práticas corporais de aventura urbanas.

Por fim, no último bimestre, o CRMG determina que sejam abordados os conteúdos Danças e Esportes. Na categoria lutas, a BNCC e o CRMG privilegiam as lutas do Brasil. Já na categoria esportes, as mesmas práticas citadas anteriormente.

Embora o CRMG determinasse quais unidades temáticas deveriam ser desenvolvidas ao longo dessas etapas, as práticas corporais seriam selecionadas pelos alunos a partir do planejamento participativo.

3.2 CONTATO INICIAL COM OS ALUNOS: O PRIMEIRO BIMESTRE

Terminada essa fase inicial de dias escolares de preparação para o início do ano letivo, finalmente as aulas começaram. No dia cinco de fevereiro (uma segunda-feira em que os horários do dia foram os de uma quinta-feira, por imposição da Secretaria Estadual de Educação), tive contato pela primeira vez com os alunos que acompanharia durante o ano de 2024.

É muito bom conhecer nossos alunos. Nos primeiros dias de aula, normalmente, os alunos nos esperam todos sentados em seus lugares, com um certo nível de silêncio, um pouco inseguros e acanhados diante da nova escola e dos novos professores. Além disso, agora e pela primeira vez, estavam sem da figura de uma professora que os acompanha na maior parte dos conteúdos/tempos.

Sobre as atividades realizadas na primeira parte do estudo, é interessante fazer algumas observações. Já na primeira aula com cada turma, iniciava cumprimentando os alunos, em seguida me apresentava, de maneira rápida e superficial, depois explicava como seria a dinâmica da aula.

Nessa dinâmica, cada aluno deveria ir à frente da sala e se apresentar respondendo cinco questões. Para facilitar a autoapresentação e para ser uma aula mais interativa, explicava as questões e escrevia as palavras chaves no quadro para que, caso se esquecessem, pudessem facilmente lembrar dos questionamentos e formular suas respostas. As questões que os alunos respondiam eram:

1. Qual o seu nome?
2. Se gosta da disciplina de Educação Física;
3. Se faz alguma escolinha de atividades esportivas ou culturais, fora do horário escolar;
4. O que ele gostaria de ser quando crescer;
5. Se o aluno tinha algum parente que já estudou na escola.

Normalmente, nos anos anteriores, no primeiro dia de aula, já costumava fazer essa dinâmica. No entanto, eu fazia somente as três primeiras perguntas.

Neste ano, adicionei duas novas questões com o objetivo de conhecer um pouco mais sobre o aluno e sobre a comunidade escolar.

Foi interessante observar que uma parte considerável dos alunos – quase a metade deles – possuía parentes que já haviam estudado na escola desde primos, irmãos, até mesmo pais e avós. Para facilitar o registro dessas informações, criei um formulário simples (Apêndice nº4) que eu preenchia enquanto os alunos respondiam. Para cada turma foi elaborado um formulário.

A síntese dos resultados é demonstrada nas tabelas nº 1 e 2:

Tabela 1: Dados dos Alunos

SALA	Total de Alunos	Gostam das aulas de Educação Física	Escolinhas de Práticas Corporais	Parentes que estudaram na escola
601	30	30	17	13
602	30	29	16	16
603	29	29	16	10
604	26	26	14	13
605	27	27	19	16
606	26	26	19	10
607	26	26	18	10
608	28	28	13	12
TOTAL	222	221	132	100
MÉDIA	27,75	99,55%	59,46%	45,05%

Fonte: produzida pelo autor, 2024.

Os dados da tabela 1 possibilitam observar que, no início de fevereiro, o sexto ano contava com duzentos e vinte e dois alunos, desses apenas uma aluna disse não gostar das aulas de Educação Física. Aproximadamente 60% faz ou já fez escolinhas de práticas corporais e quase metade dos alunos (45,5%) possui parentes que já estudaram na escola.

Tabela 2: Práticas Corporais Realizadas Pelos Alunos em Escolinhas

Escolinhas de Práticas Corporais	601	602	603	604	605	606	607	608	TOTAL
Futebol	11	4	6	6	6	8	9	9	59
Futsal		1							1
Vôlei	1		1			1		1	4
Natação	3	3	3	2	4	6	2	1	24
Lutas	2	4	1		6		1		14
Danças	1	2	3	3	5	3	2	1	20
Basquete	1	1		2		1	1		6
Circo		3			1	4	1		9
Tênis	1		1	1					3
Handebol		1							1
Parkour			1						1
Capoeira					1		1	1	3
Ginástica									0
Academia					1		1		2
TOTAL POR TURMA	20	19	16	14	24	23	18	13	147

Fonte: produzida pelo autor, 2024.

Quanto às práticas corporais realizadas (ou em andamento) pelos alunos em escolinhas especializadas fora do horário de aula, as mais mencionadas foram: futebol, natação e danças, respectivamente (Tabela 2).

Com relação às profissões almejadas pelos alunos, as mais citadas foram: em primeiro lugar jogador de futebol, em segundo, veterinário e policial, e em quarto, médicos. Os alunos que ainda não sabem qual profissão pretendem seguir totalizaram 35 e ocupariam o segundo lugar em número de respostas. A tabela completa pode ser consultada no Apêndice 5.

Após todos os alunos responderem às questões, eu também as respondia, falando um pouco sobre mim e sobre a forma como costumo trabalhar. Nesse momento, ainda que de maneira informal e superficial, aproveitava para comunicar aos alunos que eles seriam convidados a participar de um estudo científico na escola. Ao longo desse percurso, estudaríamos a história da nossa escola e da Educação Física nela desenvolvida. Ressaltava, ainda, que ao longo do ano construiríamos juntos o planejamento das aulas da nossa disciplina. Por fim,

explicava que informações mais detalhadas sobre o estudo seriam fornecidas em um momento posterior.

3.2.1 Conhecendo o Barão: o *tour* guiado pela escola

Na segunda aula, realizei um *tour* pela escola com os alunos do 6º ano. Como, a maioria dos alunos – com exceção dos que foram reprovados no ano anterior – vinha de outras escolas, ainda estavam um pouco receosos em andar pela escola, ainda não estavam “se sentindo à vontade” nesse novo ambiente.

O que me surpreendeu nessa atividade foi que os alunos demonstraram real interesse em conhecer a escola. Estavam felizes com a oportunidade de explorá-la e encantados com sua beleza. Ao perceber esse entusiasmo, passei a apresentar uma quantidade maior de ambientes, tornando o *tour* ainda mais interessante.

Com as primeiras turmas, levei os alunos principalmente às áreas mais abertas da escola, sem adentrar os ambientes. Visitamos os pátios, parte da administração, sala dos professores, secretarias, cantina e refeitório. Já com as últimas turmas, além dos locais citados anteriormente, também os levei aos laboratórios de Ciências e de Informática, entrando com eles nesses espaços. Visitamos todos os pátios, secretarias, salas da direção e vice-direção e até mesmo o porão e o arquivo morto — ou seja, percorremos praticamente toda a escola.

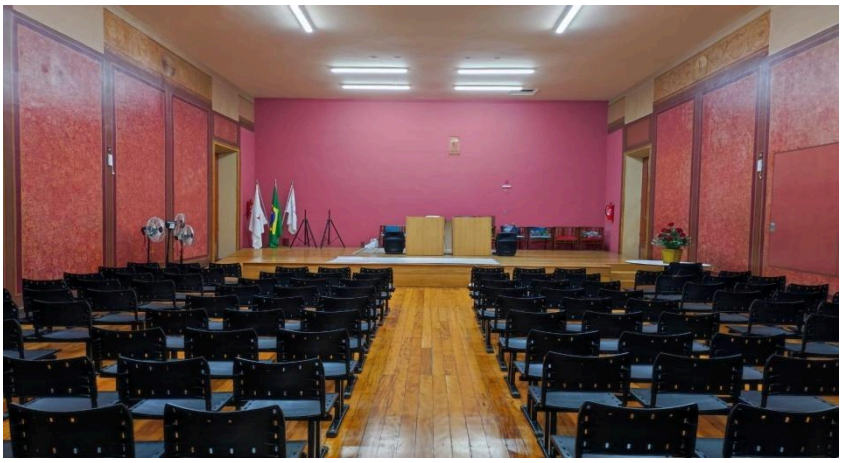
Durante o *tour*, toda vez que cruzávamos com algum funcionário da escola, eu o apresentava aos alunos e explicava a função e a importância que ele desempenhava para que a escola se mantivesse sempre limpa e organizada.

As turmas que conheceram os laboratórios ficaram encantadas com os animais preservados e as substâncias químicas. Aparentemente, a maioria dos alunos nunca havia tido essa oportunidade e, mesmo com a precariedade dos nossos laboratórios, ficaram muito felizes em saber que, um dia, poderão frequentar esses espaços.

Mas o ponto-chave do nosso *tour* e o que considero ter encantado mais os alunos foi conhecer o auditório. Assim que entrávamos, pedia para que os alunos se sentassem. Nesse momento, falava um pouco sobre a história da nossa escola e sobre o auditório. Os alunos ficaram admirados com a beleza da pintura das paredes. Eu contava que toda essa bela pintura estava coberta com uma tinta verde

e que somente durante a reforma da nossa escola é que descobriram as pinturas, sendo dado muito cuidado com o trabalho de restauração.

Imagem 18: O auditório da Escola Estadual Barão do Rio Branco.



Fonte: produzida pelo autor, 2024.

Por outro lado, nossa quadra chamou a atenção dos alunos de forma negativa. Ficaram um pouco desapontados com o tamanho dela, achando-a muito pequena, principalmente, quando comparavam com o tamanho das quadras de suas antigas escolas.

O *tour* foi uma experiência realmente muito interessante. Nos anos anteriores, antes de iniciar os estudos do mestrado, eu nunca havia me preocupado em apresentar a escola aos novos alunos. Portanto, realizar essa atividade foi um momento de descoberta também para mim, algo que, devido ao bom resultado que obtive com os alunos, pretendo repetir nos próximos anos.

Segundo Larossa (2002), a experiência possui a capacidade de formação e de transformação. É experiência aquilo que nos passa, nos toca e que ao nos atravessar nos forma e nos transforma. Nesse sentido, acredito que a experiência de levar os alunos para realizar o *tour* e ver nos olhos deles a satisfação de conhecer a escola e o encanto que ela causou, mexeu comigo e com minha docência.

O bom resultado dessa atividade me fez refletir e decidir que repetirei essa atividade nos próximos anos, visto que, embora para mim seja corriqueiro andar pela escola, para quem está chegando agora há muitos locais para se conhecer antes que consiga se deslocar com autonomia dentro da escola. Além disso, por se tratar de uma escola com mais de 100 anos, há muitas curiosidades e histórias a serem

contadas, o que incentiva os alunos a conhecerem, compreenderem e valorizarem ainda mais a escola onde estudam.

Entretanto, a realização dessa atividade específica, — o *tour* pela escola — foi prejudicada pelo calendário escolar e pelo clima. Conforme dito anteriormente, choveu bastante em Belo Horizonte nessa época, o que impossibilitou realização do *tour* para algumas turmas, sendo necessário reagendar a atividade para uma data posterior.

Além disso, a escola recomendou, de forma informal, que os alunos não comparecessem na primeira sexta-feira do ano escolar. Nossa escola está localizada em uma área bastante movimentada durante o carnaval, com muitos blocos e grande circulação de pessoas consumindo bebidas alcoólicas, além de alterações significativas no trânsito da região, incluindo interdição de ruas.

Nesse sentido, volto a questionar se faz sentido que a Secretaria de Educação imponha um calendário praticamente fechado a todas as escolas de uma rede tão vasta quanto a estadual, sem conceder um mínimo de autonomia para que cada instituição possa organizar seu próprio calendário, considerando as particularidades de cada escola e da comunidade em que está inserida. Será que, nesse caso específico, não seria mais benéfico — principalmente para os alunos — que essa data fosse considerada como recesso escolar, e que as aulas desse dia fossem transferidas para outra ocasião em que os alunos pudessem frequentar a escola com mais segurança e conforto?

Para complicar ainda mais a situação, na quinta-feira e na sexta-feira após o feriado de carnaval, além do baixo comparecimento dos alunos — que impossibilitou a continuidade das atividades —, ainda choveu muito.

Nas turmas em que não conseguimos realizar a atividade planejada devido às chuvas e à falta de uma quadra coberta na escola, as aulas foram realizadas dentro da própria sala de aula. Os alunos participaram de atividades como jogos dos pontinhos, forca, adedanha, jogo da velha, jogo do detetive — que eu apelidei de *Among Us*, um jogo online bastante conhecido entre crianças e adolescentes —, e o *tour* foi transferido para aulas posteriores.

Com relação a esses atrasos, o caso da turma 608 é bastante representativo. Essa turma tem suas duas aulas de Educação Física às segundas-feiras, no primeiro e no último horário. Na primeira semana, os alunos dessa turma não

tiveram aula em razão das alterações do calendário, na segunda foi o carnaval. Assim, somente na terceira semana tive a primeira aula com a turma. No primeiro horário, realizamos a dinâmica de apresentação, e no último, o planejado era levá-los para o tour pela escola; entretanto, naquele dia caiu uma forte chuva. Dessa forma, só consegui realizar essa atividade na última semana de fevereiro, enquanto outras turmas já estavam na sexta ou sétima aula.

Esse descompasso me causou bastante desconforto e preocupação acerca do desenvolvimento deste estudo, pois todo o planejamento que havia construído estava atrasado, e o tempo passando de maneira muito rápida. Para tentar compensar os atrasos, realizei alterações no cronograma das atividades. Para as turmas que haviam tido mais aulas e para as quais eu já havia realizado pelo menos a dinâmica da apresentação e o *tour pela escola, comecei* a levá-las para a quadra – quando o tempo permitia – para a realização de atividades recreativas e esportivas tais como queimada, futsal, corta três.

Porém, quando estava chovendo e eu e os alunos não podíamos realizar alguma das atividades anteriores eu acabei optando por adiantar a atividade da produção de textos — que, pelo cronograma inicial, seria a quinta atividade — pulando a quarta, que consistia no contato com os documentos históricos do Barão.

Outro fator que me levou a alterar o planejamento deste estudo e incluir atividades esportivas e recreativas foi o fato de os alunos estarem ávidos por participar de atividades na quadra. Nesse sentido, considerei que os alunos tinham razão, pois praticamente um mês de aula já havia se passado e eles ainda não tinham tido a oportunidade de ir para a quadra.

Por mais que eu compreenda a importância de conhecer a escola, estudar sua história e entender as práticas corporais desenvolvidas ao longo do tempo nessa instituição, também reconheço que, para muitos alunos — especialmente aqueles que estão “chegando” à escola —, a aula de Educação Física ainda se resume, muitas vezes, a "futsal e queimada", pois essa provavelmente foi a realidade das aulas que vivenciaram nos anos anteriores. Mudar essas concepções é um processo que demanda tempo.

Até que o aluno compreenda a riqueza do conteúdo da Educação Física — entendendo que o esporte representa apenas uma fração das vivências proporcionadas —, torna-se crucial expandir a percepção para abranger outras

manifestações da cultura corporal. A Educação Física, contempla danças, ginásticas, práticas corporais de aventura, lutas, entre outras práticas, configurando um campo de conhecimento e intervenção pedagógica vasto e diversificado.

A superação da visão reducionista do esporte como elemento hegemônico na Educação Física é fundamental para que os alunos desfrutem de uma formação integral e experienciem a pluralidade de possibilidades que a disciplina oferece. Ainda assim, considerei justo que eles pudessem vivenciar as práticas que apreciam e às quais estão habituados, respeitando seus conhecimentos prévios, seus desejos e, inclusive, a cultura escolar das instituições em que estudaram anteriormente.

Além disso, os alunos estavam se comportando muito bem, tanto nas atividades relacionadas a este estudo quanto nas realizadas em sala de aula devido às chuvas, e, por isso, considerei justo levá-los para a quadra. Foi perceptível a felicidade dos alunos ao participarem de práticas com as quais estavam habituados nas aulas de Educação Física das escolas em que estudaram anteriormente.

A próxima atividade prevista no planejamento deste estudo foi a “observação da fachada da escola”. Essa proposta me deixou bastante preocupado, pois, durante a aula, eu levaria cada uma das turmas para fora da escola, com o objetivo de conhecerem o entorno, observar os detalhes da fachada e identificar construções próximas à instituição.

Em primeiro lugar, minha principal preocupação era com a segurança dos alunos, já que a escola está localizada em uma região bastante movimentada, com grande circulação de pessoas e veículos. Para que pudéssemos observar melhor a fachada da escola, foi necessário atravessar a avenida Getúlio Vargas e contornar o quarteirão da instituição. Mesmo havendo um sinal de pedestres no trecho em frente à escola, atravessar uma avenida com 35 alunos exige muita atenção e cuidado.

Em segundo lugar, o fato de eu ainda não conhecer bem os alunos e de não ter tido tempo suficiente para construir um vínculo de confiança com eles dificultava prever como se comportariam em uma atividade realizada na rua. Tinha diversas preocupações, como a possibilidade de algum aluno tentar fugir durante a visita à fachada, ofender alguém que estivesse passando, envolver-se em conflitos ou brigas, entre outras situações. Além disso, para a realização dessa atividade, os alunos foram autorizados a portar seus telefones celulares e fazer registros do que

considerassem interessante, o que ampliou minha preocupação com a segurança dos aparelhos.

Essa atividade foi também muito interessante e superou as minhas expectativas. A visita começava no saguão de entrada da escola, lá possui uma placa de mármore que formaliza a conclusão da edificação da escola em 1913, fazendo alusão a Júlio Bueno Brandão “presidente do estado de Minas” na época. A maioria dos alunos que estudam no Barão do Rio Branco tradicionalmente vem da Escola Estadual Bueno Brandão, localizada em frente à nossa. Sabendo disso, antes da nossa “observação da fachada da escola”, perguntei aos alunos quem foi Bueno Brandão e nenhum dos alunos soube responder. Quando fizemos a primeira parada em frente à placa, brinquei com eles: *“estudaram cinco anos na Escola Estadual Bueno Brandão e vieram descobrir quem foi ele aqui no Barão do Rio Branco?”*

Imagem 19: Placa Inauguração da Escola



Fonte: produzida pelo autor, 2024.

Durante a visita pela fachada da escola, em frente ao portão de entrada, está escrito no chão: *Grupo Escolar Barão do Rio Branco*. Paramos para observar essa marcação. Em seguida, atravessei a Avenida Getúlio Vargas com os alunos. Essa foi a parte mais interessante da contemplação da fachada, pois os alunos começaram a notar detalhes que nem mesmo eu, mesmo trabalhando há quase vinte anos na escola, conhecia ou havia observado.

Imagem 20:: Alunos contemplando a fachada da escola.



Fonte: produzida pelo autor, 2024.

Os alunos me fizeram diversos questionamentos sobre detalhes da fachada que, por não ter observado anteriormente, eu desconhecia os significados. Fiquei um pouco desconcertado diante das perguntas, mas me propus a pesquisar sobre os símbolos para, posteriormente, explicar a eles. Ao mesmo tempo, incentivei que teorizassem sobre o que achavam das imagens e o que elas representavam para eles.

Imagem 21: Alunos contemplando a fachada e produzindo seus próprios registros.



Fonte: produzida pelo autor, 2024.

Além disso, durante a atividade, eu instigava os alunos a observarem detalhes da rua, dos prédios ao redor e dos muros da escola, para que, posteriormente, pudessem comparar essas observações com as fotos antigas que seriam apresentadas. Para finalizar a visita à fachada, atravessamos novamente a Avenida Getúlio Vargas e circulamos o quarteirão da escola, sempre atentos a detalhes da estrutura, como a altura dos muros, a posição dos portões de entrada e saída dos alunos, a quadra, as árvores do pátio, entre outros elementos.

Mas, de tudo o que vivenciamos no tour, o que mais me chamou a atenção foram os comentários dos alunos destacando a beleza da escola. A aluna Gabriela, da turma 604, disse que "*estava se sentindo em um palácio*". Outro fato curioso foi que, após ver a foto do Barão do Rio Branco no *hall* de entrada da escola, ela me perguntou se o rosto da moeda de cinquenta centavos era daquele mesmo homem. Fiquei muito sem graça, pois nunca havia reparado nisso. Quando cheguei em casa, procurei uma moeda e percebi que a aluna estava certa.

Esse episódio me deixou um tanto desconcertado: como pude ser tão displicente em relação a esse e a tantos outros detalhes da escola? Estou ali quase todos os dias da semana, há muitos anos. Conheço a escola, os alunos, os funcionários... no entanto, nunca havia reparado em detalhes tão impressionantes.

Nunca havia reparado nas minúcias da fachada da escola. Nunca tinha notado que, no passeio em frente à entrada, está escrito Grupo Escolar Barão do Rio Branco. Quantas vezes "pisei nessas palavras"? Quantas moedas de cinquenta centavos já passaram pelas minhas mãos, e eu nunca percebi que trazem a face do Barão do Rio Branco? Foi preciso que meus alunos observassem e me questionassem para que eu pudesse enxergar o que sempre esteve diante dos meus olhos.

Ou seja, quem estava realmente aprendendo com quem? Eu estava apresentando a escola aos meus alunos, mas foram eles que me apresentaram os maravilhosos detalhes que eu jamais havia reparado.

A segunda semana de março foi bastante atípica. Na segunda e na terça-feira aplicamos a prova do Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação (CAED)[11]. Na quarta e quinta-feira houve paralisação dos professores da rede estadual, na sexta-feira tive apenas três aulas. Dessa forma, não consegui avançar com as atividades programadas.

A próxima atividade realizada foi a produção de textos. Nos anos anteriores, eu costumava pedir aos alunos que escrevessem dois textos com os seguintes temas: “A escola dos meus sonhos” e “A Educação Física dos meus sonhos”. Neste ano, porém, devido às conversas iniciais que tive com as turmas, acrescentei um terceiro texto com o tema: “Para mim, o que é a Educação Física”. Além disso, pedi aos alunos que fizessem um desenho no verso da folha, representando algo que tivesse chamado sua atenção nas primeiras aulas ou algo relacionado à Educação Física.

Entreguei a cada aluno uma folha com espaços reservados para a escrita de cada texto, com aproximadamente sete ou oito linhas para cada um, e o verso em branco, para que pudessem realizar o desenho. Inicialmente, planejei que essa atividade fosse concluída em uma única aula. No entanto, devido à dificuldade dos alunos em escrever os textos e elaborar os desenhos, acabei destinando uma segunda aula para que pudessem cumprir a tarefa com mais tranquilidade.

---

[11] Essa prova tem como objetivo monitorar a execução do programa Novo Mais Educação nas escolas públicas brasileiras. Ela é realizada pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) em parceria com o Ministério da Educação. O programa tem como objetivo melhorar a aprendizagem em língua portuguesa e matemática no ensino fundamental, Fonte: (http://portal.mec.gov.br/programa-mais-educacao/sistema-de-monitoramento).

Recolhi todos os textos e fiz uma breve leitura inicial. No entanto, como apresentavam informações bastante interessantes, decidi criar uma planilha para compilar as respostas dos alunos. Nela, transcrevi o que eles escreveram e marquei um “X” em frente a cada termo, frase ou palavra-chave, com o objetivo de analisar suas solicitações e conhecer melhor meus alunos.

A primeira questão estava relacionada à escola dos sonhos dos alunos. O item mais citado foi o desejo de lanches com cardápios mais variados, incluindo *fast food*, feijoada, pizzas, sorvete, açaí e outros pratos (94 menções). Em seguida, apareceram o desejo de mais tempo de recreio (60 menções), mais aulas de Educação Física (41), uma quadra maior (36) e, empatados, professores legais e a possibilidade de usar o celular durante as aulas (32 menções cada).

Esses resultados evidenciam a importância que os alunos atribuem, principalmente, à alimentação oferecida na escola e às aulas de Educação Física, além de ressaltarem a relevância de se dispor de uma quadra maior e adequada para a prática das atividades corporais.

A segunda questão estava relacionada à Educação Física dos sonhos dos alunos. Nessa atividade, eles deveriam descrever como seria a aula ideal, quais práticas corporais gostariam de realizar e em quais espaços. A palavra mais citada foi, em primeiro lugar, futebol (94 menções); em segundo, queimada (68 menções); em terceiro, brincadeiras (53 menções); seguidos pelo basquete e pelo voleibol, com 49 e 48 citações, respectivamente. Esses dados destacam a importância que o esporte, as brincadeiras e a queimada possuem no imaginário dos alunos.

Outras práticas, como dança, capoeira e lutas, foram pouco citadas, não ultrapassando vinte menções.

Esses resultados evidenciam que o sonho dos alunos em relação à aula de Educação Física é dar continuidade às práticas que já realizavam em suas escolas anteriores, especialmente o futebol e a queimada.

A terceira questão estava relacionada ao conceito que os alunos possuem sobre Educação Física. Mais uma vez, o esporte aparece como destaque, sendo citado 113 vezes, seguido por jogos e brincadeiras (59 vezes), futebol/futsal (47 vezes), exercitar (44 vezes) e diversão, com 27 menções.

Observa-se que, para a maioria dos alunos, a aula de Educação Física é praticamente sinônimo de práticas esportivas, especialmente futebol/futsal, que, em

muitos casos, eles consideram a mesma atividade corporal. Essa percepção pode ser atribuída às experiências anteriores dos alunos, que relatam informalmente, por exemplo, frases como: “lá na outra escola onde eu estudava era só queimada e futebol”. Essas vivências influenciam diretamente a percepção que os alunos constroem sobre o componente curricular Educação Física.

Com relação aos desenhos, o futebol/futsal voltou a aparecer com destaque, sendo mencionado 49 vezes, seguido pela quadra, com 29 menções. Empatados com 9 menções cada, apareceram a fachada da escola, o pátio, o vôlei e os laboratórios que foram apresentados aos alunos[12].

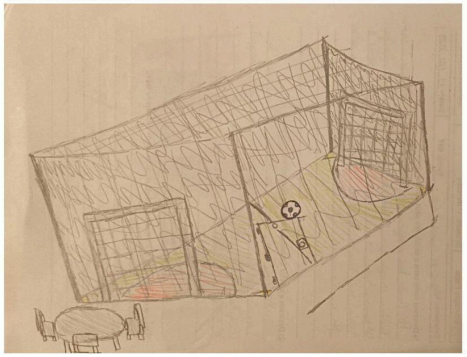
Imagem 22: Alguns desenhos produzidos pelos alunos.



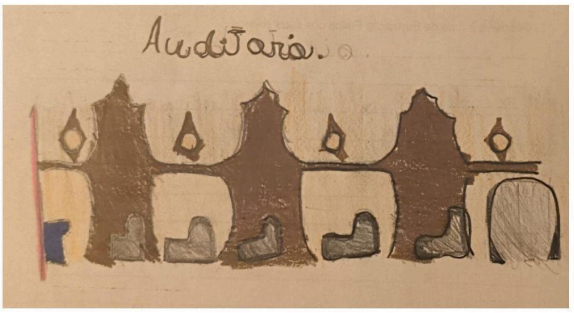
O *tour:* por Maria Alice Fonseca Resende - 608;



A Fachada da Escola: por Sophia Schimit de Souza - 603;



A Quadra: por Nícolas do Nascimento de Souza - 607



O Auditório por: Riam Gustavo - 606)

Fonte: Desenhos feitos por discentes - Arquivo do autor

.

Essa atividade ocorreu nas primeiras semanas de março, ou seja, estávamos na metade do bimestre, e eu ainda não havia conseguido concluir as atividades planejadas para serem desenvolvidas em fevereiro.

[12] Na descrição das respostas dos alunos optei por colocar apenas as 5 palavras chave mais votadas, contudo, o restante das repostas podem ser acessada através do link: https://docs.google.com/spreadsheets/d/1cO-94avd8QnhjjJU_eLNDHHVZSWisG_TGaNHpTDvw24/edit?usp=sharing

Para a realização da próxima tarefa, criei uma apresentação de slides no *Canva*[13]. Nela, apresentei um pouco da história da Escola Estadual Barão do Rio Branco, contextualizando, a criação da escola com o contexto do Brasil e com as histórias da cidade de Belo Horizonte e da Educação Física dentro da escola.

Incluí várias imagens do início do século passado para que os alunos pudessem conhecer um pouco dessa história e comparar as fotos antigas com as impressões que tiveram durante o tour e a observação da fachada. Os alunos ficaram impressionados com as imagens e com a trajetória da escola.

Essa aula, prevista como a quarta atividade do cronograma do projeto, foi a forma que construí para possibilitar o contato dos alunos com os documentos históricos do Barão. Como mencionado anteriormente, alterei a ordem dessa atividade com a produção de textos, pois, durante os meses de fevereiro e março, enquanto continuava minhas pesquisas nos documentos históricos guardados no Barão e na internet, encontrei uma série de materiais que gostaria de compartilhar e apresentar aos alunos.

Parte dessas pesquisas foi motivada pelos questionamentos dos alunos, especialmente durante as atividades de conhecimento da instituição.

A apresentação foi composta por aproximadamente quarenta slides e tinha como objetivo abordar a história da nossa escola e a presença contínua da Educação Física na instituição. Contudo, para que os alunos compreendessem a importância tanto da escola quanto do componente curricular Educação Física, era fundamental que entendessem o contexto histórico em que a escola foi criada.

A primeira imagem que inseri na apresentação foi uma foto muito antiga da nossa escola, provavelmente datada da década de 1920. O principal objetivo dessa imagem era fazer com que os alunos percebessem e refletissem sobre as diferenças e semelhanças nas características da escola e do seu entorno, desde o início do século XX até os dias atuais. Deixei essa foto exposta por alguns minutos para que os alunos pudessem apreciá-la com calma e fazer apontamentos.

Os alunos ficaram admirados ao perceber que, na época, a escola não possuía um muro alto, com as roupas usadas pelos alunos e pelas pessoas em geral, com a ausência de carros, com o pavimento das ruas que aparentemente não

[13] Apresentação disponível em: https://www.canva.com/design/DAF96OsdAwI/gZyQYlmTTZripFmnhajhww/edit?utm_content=DAF96OsdAwI&utm_campaign=designshare&utm_medium=link2&utm_source=sharebutton

era feito de asfalto, e com o fato de a fachada da escola estar praticamente igual até os dias atuais.

Dando continuidade à apresentação, fiz um breve resumo sobre a vida de José Maria da Silva Paranhos Júnior — o Barão do Rio Branco — e suas principais contribuições para a diplomacia brasileira, especialmente nas questões fronteiriças entre o Brasil e os países vizinhos da América do Sul. Em seguida, apresentei uma breve explanação sobre um momento importante da história do Brasil, descrevendo de forma sucinta a transição da Monarquia para a República, destacando as principais mudanças sociais e políticas decorrentes dessa transformação. Relacionei esses fatos à mudança da capital do estado de Minas Gerais, que, devido à decadência da mineração de ouro e ao risco de desintegração do estado, especialmente pela localização geográfica de Ouro Preto, foi transferida para o Curral Del Rey.

Os alunos ficaram encantados com as fotos antigas da escola, especialmente a da fachada. Ao observarem as imagens, fizeram comparações com o que viram e registraram durante a visita à ela. Outra foto que despertou grande interesse foi uma imagem antiga da Escola Estadual Bueno Brandão, mostrando seu prédio antes da construção do atual (Imagem 5).

3.3 REVENDO OS RUMOS, ADEQUANDO O PERCURSO…

Essas atividades foram desenvolvidas durante o mês de fevereiro e a primeira quinzena de março. Devido aos imprevistos mencionados anteriormente, decidi readaptar o cronograma, optando por seguir as orientações da BNCC e do CRMG.

Porém, havia outra questão que me preocupava ainda mais. Desde o dia 1º de fevereiro, eu tentava agendar com a diretora uma data para me apresentar e expor meu estudo aos pais ou responsáveis dos alunos, mas não consegui que a reunião fosse marcada.

É importante destacar que todos os alunos do sexto ano da Escola Estadual Barão do Rio Branco têm, aproximadamente, doze anos de idade. Dessa forma, precisam do consentimento dos pais para participarem desta pesquisa. Assim, a reunião seria uma boa oportunidade para que os pais pudessem assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) deste estudo.

Devido aos atrasos e à impossibilidade de realizar a reunião com os pais anteriormente, decidi adiar para a segunda etapa da construção do planejamento participativo para o segundo e terceiro bimestres.

Tomada essa decisão, conversei com a Cássia, que não viu problemas com o adiamento; comuniquei à diretora Valéria e à supervisora Mariângela, que também não se opuseram. Em sala, expliquei a situação aos alunos, que foram muito compreensivos, embora tenham ficado um pouco desapontados. Contudo, ao entenderem a realidade prática, apoiaram minha decisão.

O primeiro bimestre ainda teria pouco mais de um mês de aula. Por isso calculei que teria de oito a dez aulas com cada turma. Essa variação no número de aulas foi causada pelo feriado da semana santa e ainda por um dia de paralisação que aderi.

Planejei o restante do primeiro bimestre da seguinte forma: quatro aulas dedicadas a jogos e brincadeiras — que, conforme a BNCC e o CRMG, incluem a abordagem de jogos eletrônicos —, quatro aulas para a unidade temática de esportes e uma aula para a realização da avaliação bimestral. Caso sobrasse alguma aula, deixaria que os alunos escolhessem qual atividade gostariam de realizar, entre jogos eletrônicos e esportes.

Na unidade temática de Jogos Eletrônicos, realizei um bate-papo introdutório com os alunos, abordando os jogos, seus riscos e benefícios, a relação com a saúde e as preferências de cada um. Na segunda aula, deixei que os alunos jogassem nos próprios celulares. Na terceira aula, realizamos uma atividade com o jogo Just Dance. Já na última aula, fomos ao laboratório de informática da escola para jogar nos computadores, porém, como não havia internet, eles acabaram jogando o jogo do dinossauro no navegador *Chrome*, que não requer conexão online.

Ao final dessa unidade temática, elaborei quatro questões para serem incluídas no simulado interdisciplinar da escola, realizado no dia 26 de março. Após o simulado, iniciei o estudo da unidade temática de esportes, conforme as orientações do CRMG, mas sem enfatizar nenhum esporte específico.

Para finalizar o primeiro bimestre, elaborei uma prova bimestral com sete questões, sendo cinco objetivas — que abordaram a história da escola e os jogos eletrônicos — e duas discursivas: uma em que o aluno deveria dissertar sobre sua

participação nas aulas de Educação Física; e outra em que avaliava as aulas, destacando aspectos positivos e negativos.

Nas respostas discursivas, a maioria dos alunos relatou participação ativa nas aulas de Educação Física, enfatizando o esforço e a dedicação empregados. Considerando a pontuação de 2 pontos atribuída a essa questão, a maior parte dos alunos se autoavaliou com notas entre 1,5 e 2.

Sobre a segunda questão, relacionada à percepção dos alunos a respeito das aulas, houve grande variação nas respostas. Alguns disseram que houve muitas aulas em sala de aula; outros afirmaram ter gostado muito dos conteúdos, especialmente "Futebol, queimada e jogos eletrônicos"; enquanto outros destacaram o interesse em conhecer a história da escola e o *tour*. De modo geral, a percepção dos alunos foi bastante positiva em relação aos conteúdos trabalhados no primeiro bimestre.

De certa forma, essa percepção já era esperada, visto que, conforme discutido anteriormente, para a maioria dos alunos as aulas de Educação Física estão associadas às práticas esportivas e aos jogos, principalmente à queimada e ao futsal. Algo que pretendemos tensionar neste estudo, mostrando que há muitas outras práticas além dos esportes, as quais foram incorporadas ao longo do tempo.

No decorrer deste estudo, utilizei as avaliações com três objetivos básicos. O primeiro foi verificar o nível de aprendizagem dos alunos sobre os conceitos teóricos básicos das práticas desenvolvidas em cada bimestre. Normalmente, essas questões eram simples e elaboradas de maneira objetiva. O segundo objetivo foi proporcionar aos alunos um espaço para refletir e expressar seu ponto de vista sobre as práticas realizadas ao longo dos bimestres. Essas questões, também simples e diretas, buscavam não apenas avaliar o conhecimento, mas oferecer um feedback sobre a percepção dos alunos em relação ao desenvolvimento dos conteúdos. Por fim, o terceiro objetivo consistia em fazer com que o aluno refletisse sobre seu comportamento e participação nas aulas, atribuindo a si mesmo uma nota de 0 a 5 baseada nesses aspectos. Mais importante do que a nota em si, era incentivar a reflexão sobre a conduta durante as aulas de Educação Física; caso o aluno não se atribuísse a nota máxima, eu questionava o que ele deveria melhorar para, no próximo bimestre, merecer a nota 5.

Avaliar sempre foi um desafio para mim. Ainda não havia encontrado uma forma de avaliação que me satisfizesse e que, ao mesmo tempo, contribuísse efetivamente para o desenvolvimento do aluno. Contudo, a abordagem de avaliação utilizada neste estudo, conforme descrito anteriormente, conseguiu alcançar esses objetivos. As questões objetivas avaliaram o conhecimento dos conceitos fundamentais estudados; as questões subjetivas permitiram compreender a percepção dos alunos sobre as aulas e os conteúdos trabalhados; e a autoavaliação estimulou os alunos a refletirem sobre seu comportamento, incentivando-os a buscar maneiras de aprimorá-lo.

Nos próximos anos, pretendo continuar utilizando essa metodologia para avaliar tanto os alunos quanto o desenvolvimento da minha prática pedagógica. Com instrumentos simples, consigo avaliar os alunos nas dimensões conceitual, procedimental e atitudinal, além de obter um feedback valioso sobre as aulas e os conteúdos trabalhados.

O primeiro bimestre foi uma etapa muito interessante deste estudo. Foi um período de novas experiências e de grande aprendizado. A principal lição que tirei foi que, mesmo realizando um planejamento minucioso, muitas vezes, devido a interferências externas ou à dinâmica da escola, não conseguimos desenvolvê-lo da forma desejada. Por isso, é necessário ter serenidade e flexibilidade para fazer o que for possível.

Com o início do segundo bimestre, chegou a hora de avançar com o planejamento participativo e enfrentar os desafios inerentes a essa proposta.

3.4 A CONTINUIDADE: O SEGUNDO BIMESTRE

O segundo bimestre começou oficialmente no dia 22 de abril e estava previsto para encerrar em 3 de julho. Nesse período, o CRMG determinava o desenvolvimento de duas unidades temáticas: as danças — que, no caso do sexto ano, deveriam contemplar as danças urbanas — e os esportes.

Como cada bimestre possui aproximadamente vinte aulas com cada uma das turmas, iniciei um esboço do planejamento — visto que o planejamento final só poderia ser feito após a comunidade escolar selecionar as práticas corporais — reservando cinco aulas. Essas aulas seriam distribuídas da seguinte forma: duas

para avaliações (uma mensal e outra bimestral), uma para apresentar o questionário que alunos e demais membros da comunidade escolar preencheriam, definindo suas preferências; uma aula introdutória no início do bimestre; e uma aula para apresentar os resultados da votação.

Com relação à distribuição das outras aulas, dividi as quinze restantes da seguinte forma: sete para o esporte que será selecionado, sete para a dança urbana a ser escolhida, e deixei uma aula livre. Pretendia iniciar o bimestre abordando a unidade temática de esporte e, em seguida, a unidade temática de dança.

Um detalhe novo que surgiu foi a mudança nos critérios de avaliação dos alunos. Como relatado anteriormente, os professores ficaram muito desapontados com os critérios de avaliação utilizados no primeiro bimestre. Assim, na primeira reunião que tivemos, após calorosos debates, o conceito coletivo, que na primeira etapa valia cinco, pontos foi substituído pelo conceito tradicional valendo três pontos, e a distribuição de pontos ficou da seguinte maneira:

- 3 pontos de conceito;
- 7 pontos de avaliação bimestral;
- 5 pontos de simulado;
- 10 pontos de atividades. Esses dez pontos foram divididos em uma avaliação mensal valendo 5 pontos e a autoavaliação valendo também 5 pontos.

Na primeira aula do segundo bimestre, conversei um pouco com os alunos sobre os planos que havia traçado, fiz uma avaliação minha sobre o primeiro bimestre e abri espaço para que os alunos também expressassem suas percepções. De modo geral, os alunos disseram que gostaram muito do primeiro bimestre, de conhecer a escola, da história, e de brincar com jogos eletrônicos; entretanto, sentiram falta de mais aulas práticas, com esportes, jogos e brincadeiras.

Na segunda aula, apresentei um esboço do formulário que eles iriam responder para escolher as práticas preferidas no planejamento participativo para o segundo e terceiro bimestres. Enquanto explicava o formulário, fiz algumas observações, principalmente sobre a importância da participação e a seriedade do processo. Expliquei aos alunos que as práticas corporais selecionadas seriam estudadas e vivenciadas por todos, mesmo por aqueles que não gostassem da prática ou tivessem votado em outra. Esclareci que isso também valeria para mim: mesmo que não tivesse afinidade ou experiência com determinada prática corporal, iria pesquisar, vivenciar e aprender para poder ensinar — aprender para e com eles.

Após essas explicações, quando havia tempo, acompanhava-os para o pátio ou para a quadra.

Na terceira aula, fiz uma introdução à unidade temática dos esportes. Expliquei aos alunos as diferenças entre jogo e esporte, e apresentei a classificação de esportes conforme a BNCC. Na quarta aula, deixei que os alunos escolhessem o esporte que iríamos praticar. A maioria das turmas optou pelo futsal, enquanto outras escolheram o voleibol.

A terceira semana do segundo bimestre, que ocorreu entre os dias seis e onze de maio, foi muito importante para a realização deste estudo — talvez a mais importante até então. Nessa semana, finalizei o formulário digital[14], que foi aprovado pela minha orientadora, Cássia. Também elaborei um folder (apêndice 6) com um QR code para facilitar o acesso dos alunos, o qual colei nas salas das turmas do sexto ano, no quadro de avisos do pátio e no portão de entrada.

Mas o melhor ficou para o final: no sábado, dia onze, haveria um sábado letivo com duas atividades distintas — primeiro, uma reunião de professores com a direção e coordenação; depois, a entrega dos boletins do primeiro bimestre.

Esse foi o momento mais aguardado por mim, pois finalmente eu teria contato com os pais dos alunos. Havia conversado com a Diretora Valéria pedindo, para fazer uma reunião com os pais dos alunos do sexto ano. No entanto, ela não achou aconselhável por dois motivos: No entanto, ela não achou aconselhável por dois motivos: primeiro, porque os pais poderiam aproveitar a reunião para expressar insatisfações relacionadas à escola, sem ligação com o estudo; e segundo, por se tratar de um sábado, dia em que muitos pais trabalham, seria difícil reunir todos no mesmo horário.

Ao invés disso a diretora Valéria combinou que deixaria uma funcionária na porta da escola, orientando os pais sobre o local de recebimento dos boletins e que direcionaria familiares ou responsáveis dos alunos do sexto ano direto para o auditório, para conversarem comigo.

Como o COEP já havia aprovado minha documentação, a diretora Valéria autorizou que eu imprimisse parte dos Termos na escola. Assim, enquanto conversava com os responsáveis pelos alunos, eu já entregava o documento para eles, e a maioria já me devolvia assinada. No total, devo ter conversado com

[14] O Formulário pode ser acessado através do link: https://forms.gle/qCH85QdZyLAeTaRG7

aproximadamente cem pais ou responsáveis pelas crianças durante as duas horas em que fiquei no auditório. Eles iam chegando aos poucos, então eu conversava com três ou quatro ao mesmo tempo.

Outra ação importante acontecida na escola durante essa semana foi a gravação de um vídeo que produzi com a ajuda da minha filha para postar no *Instagram* da escola. O vídeo que eu gravei era bem simples e objetivo. Em menos de um minuto, me apresentava, falava sobre o planejamento participativo e disponibilizava o *link* para que as famílias acessassem o formulário e selecionassem os conteúdos[15]. Segundo a diretora Valéria, o meio mais efetivo de se comunicar com as famílias dos alunos é através dessa rede social.

Com relação às aulas, na terceira semana levei os alunos para vivenciarem outras práticas esportivas. Nas duas aulas dessa semana, ensinei os fundamentos básicos do vôlei — toque e manchete — e, como forma de praticar os fundamentos desse esporte, ensinei também o jogo “corta três”. Como ainda não havíamos definido qual esporte estudaríamos, comecei a desenvolver, mesmo que de forma recreativa, os fundamentos do vôlei por entender que esse esporte é muito querido pelos alunos.

Na quinta-feira, dia 9 de maio, minhas aulas começaram no segundo horário. Aproveitando essa “janela” entre os horários, fui até uma gráfica que fica a poucos quarteirões da escola para imprimir o folder que havia criado com o *QR Code*, para que os alunos pudessem acessar o formulário. Voltei para a escola cerca de dez minutos antes do início do segundo horário. Ao entrar e me preparar para a aula, fui informado de que minha turma estava assistindo a uma palestra no auditório. Fui até lá conferir e, ao perceber que várias turmas, além da minha, estavam no auditório, conversei com a vice-diretora Nazareth e pedi autorização para colar os folders pela escola. Ela autorizou e até me ajudou, cortando pedaços de fita e colando-os atrás de cada folder enquanto eu os distribuía pelas salas, colando-os próximo aos quadros brancos.

Como os alunos das turmas 601, 602, 603 e 604 estavam na palestra, eu entrava na sala, pregava o folder na parede e saía. Nas turmas 605, 606, 607 e 608, onde os alunos estavam em aula, pedia licença ao professor, colava rapidamente o

---

[15] Vídeo disponível em: :https://www.instagram.com/reel/C66NyNIujpV/?igsh=MWJ2dnhvMzdveGQydQ== Acesso em: 18 abr. de 2025.

folder na parede, explicava brevemente o que estava fazendo e informava aos alunos que na aula de Educação Física eu daria mais detalhes sobre o que deveriam fazer, tentando ser o mais breve possível para não atrapalhar o trabalho do docente. Entrei na turma 608 poucos minutos antes do sinal para o terceiro horário e saí rapidamente. Enquanto estava na sala ao lado, na 607, o sinal tocou; nesse intervalo, o professor da turma 608 saiu e os alunos ficaram sozinhos na sala, com a porta aberta. Ao sair da turma 607, olhei para a sala 608 e vi vários alunos apontando seus celulares para o *QR Code* e tentando acessar o link. Fiquei muito feliz com o interesse deles, tanto que pedi para que agissem naturalmente enquanto registrava o momento.

Imagem 23: Alunos acessando o *QR Code* para participarem do Planejamento Participativo.



Fonte: produzida pelo autor, 2024.

3.5 PREENCHIMENTO DO FORMULÁRIO: COMPUTAÇÃO E ANÚNCIO DAS ESCOLHAS

Durante o final de semana, após o término da reunião estava um pouco apreensivo, entrei várias vezes no link do formulário para acompanhar a participação dos alunos ao longo do final de semana. Observei que, infelizmente, a participação ainda estava baixa. Mesmo após a divulgação do vídeo no Instagram pela diretora Valéria, apenas 68 pessoas haviam participado, a maioria alunos do sexto ano.

Por conta disso, precisei alterar meus planos para a quarta semana. Eu havia planejado trabalhar esportes com os alunos, preparando uma corrida para que eles

compreendessem o que é um esporte de marca, e também o “Sumô”, para que vivenciassem um esporte de combate. No entanto, alterei todo o planejamento para levar os alunos ao laboratório de informática, a fim de que preenchessem o formulário do planejamento participativo na própria escola.

Assim, defini que a primeira aula de cada turma seria realizada na sala de aula e no laboratório de informática. Nessa aula, mostrei o vídeo postado no *Instagram* da escola, entreguei o TCLE para os alunos cujos pais não participaram da reunião do sábado anterior. Além disso, li para os alunos o TALE para que assinassem e me devolvessem. Também reservei tempo para que os alunos tirassem suas dúvidas a respeito dos instrumentos. Gastei cerca de quinze minutos com essas tarefas. No restante da aula, organizei os alunos e os conduzi ao laboratório de informática para que aqueles que ainda não haviam preenchido o formulário pudessem fazê-lo.

Quando os alunos chegaram ao Laboratório de Informática, os computadores já estavam ligados, com o link do formulário aberto na tela, bastando que eles lessem, preenchessem seus dados pessoais, escolhessem as modalidades que gostariam de praticar em cada categoria e finalizassem. Como o laboratório conta com vinte computadores, sendo dezenove em pleno funcionamento, o tempo restante da aula foi mais do que suficiente para que todos os alunos preenchessem o formulário.

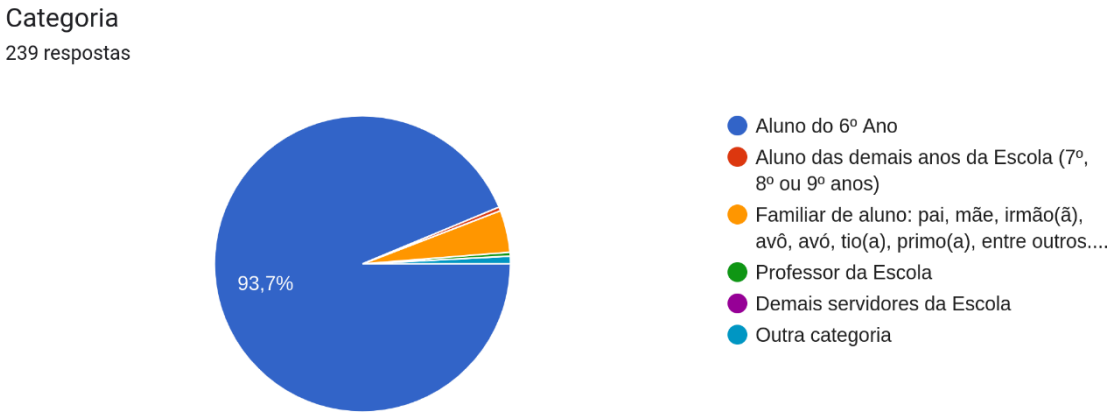
Durante todo o tempo, procurei ajudar os alunos que apresentavam mais dificuldades e sanar as dúvidas em geral. No entanto, dependendo do tipo de pergunta feita, eu respondia de forma mais vaga, a fim de não influenciar suas escolhas. Uma dúvida recorrente entre os alunos era se, na categoria “Esportes”, eles poderiam colocar “Futebol”. A essa pergunta, eu respondia simplesmente que poderiam escolher qualquer esporte que desejassem.

Os alunos ficaram bastante entusiasmados com a possibilidade de participar e de contribuir na seleção dos conteúdos que iriam vivenciar no segundo e no terceiro bimestres. A maioria respondeu ao questionário com muita seriedade, embora alguns, perceptivelmente, estivessem brincando ao preenchê-lo. Quando percebia essa atitude, eu me aproximava e, de forma bem-humorada, dizia que o voto dele poderia definir o resultado das modalidades que seriam vivenciadas, e que ele poderia acabar se arrependendo.

O formulário ficou disponível para acesso desde a quinta-feira, dia 9 de maio, data em que espalhei os folders pela escola, até o segundo domingo subsequente, dia 19 de maio, quando encerrei o acesso, impedindo novas participações. Durante esses onze dias, foram registradas 239 participações.

Dos 239 participantes, 93,7% eram alunos do sexto ano (224 no total), 4,6% eram familiares dos alunos (11 no total), apenas um professor da escola participou do estudo (no caso, eu), houve a participação de um aluno de outras séries e, representando a "outra categoria"[16], apenas duas pessoas responderam. No Gráfico 1, apresento esses dados.

Gráfico 1: Percentual de participantes por categoria.



Fonte: Dados produzidos pelo autor[17].

Esse resultado ficou dentro do esperado. A minha estimativa inicial era receber entre duzentos e trezentos votos. Com relação à distribuição dos alunos por turma, houve uma média de 28 participações por turma, sendo que a turma com maior número de participantes registrou 32 votos, e a com menor número teve 26 votos. Um número bastante positivo, considerando que cada turma do Barão conta,

[16] O termo "outra categoria" foi utilizado para agrupar possíveis respondentes que não se enquadrassem em nenhuma das categorias anteriores, pois como o objetivo era que a comunidade escolar participasse, foi colado um *folder com o QR Code* na porta da escola para facilitar o acesso de pais e responsáveis, todavia esse *folder* também possibilitaria que qualquer transeunte respondesse e participasse do estudo.

[17] Dados disponíveis em: https://docs.google.com/forms/d/1or_vKaHi0IW6D0apm1QwgQfpLmuO-J5xQQmHErnghVI/edit#responses

em média, com pouco mais de 30 alunos no sexto ano, totalizando atualmente 254 alunos. Ou seja, aproximadamente 89,1% dos alunos participaram do planejamento participativo.

Esse número total de 254 alunos difere dos dados apresentados no quadro 3, na qual o total de alunos era de 222. Essa diferença se deve a dois fatores: primeiramente, ao fato de alguns alunos não terem comparecido à aula no dia da realização da atividade descrita no quadro; e, em segundo lugar, à entrada de novos alunos que se matricularam na escola após a aplicação da referida atividade.

A votação foi encerrada no domingo, pois considerei onze dias, tempo bastante razoável para que a comunidade escolar pudesse participar. Além disso, gostaria de levar os resultados para os alunos na segunda-feira, dia 20 de maio.

No domingo à noite, analisei os resultados do formulário. Como o formulário de votação era composto por questões subjetivas, tive de analisar quase todas as respostas individualmente, pois muitos alunos não sabiam escrever corretamente os nomes das práticas escolhidas ou os escreviam de forma incorreta.

Após uma criteriosa análise, cheguei ao resultado das práticas selecionadas pela comunidade escolar. Para o segundo bimestre, foram escolhidos: o Futebol, na unidade temática “Esporte”; e o Funk, nas “Danças Urbanas”. Para o terceiro bimestre, as práticas selecionadas foram: a Ginástica Artística; e o Parkour, na de “Práticas Corporais de Aventura” (PCA). No Quadro 3, é possível observar a síntese desses resultados.

QUADRO 3: PRÁTICAS CORPORAIS MAIS CITADAS EM CADA UNIDADE TEMÁTICA

Esportes	Votos	Dança	Votos	Ginásticas	Votos	PCA	Votos
Futebol	84	Funk	55	Artística/ Olímpica	54	Parkour	115
Vòlei	55	Hip Hop	52	Mov. de Ginástica	17	Skate	28
Queimada	28	Balé	40	Ginásticas	16	Slackline	9
Futsal	24	Break	22	Alongamento	16	Corridas	5

Basquete	8	Danças Urbanas	8	Balé	13	Corda	5
Outros[18]	40	**Outras**	62	**Outras**	123	**Outras**	77

Fonte: produzido pelo autor, 2024.

Analisando os dados dispostos no Quadro 3, é importante observar que os alunos ainda apresentam certa dificuldade em classificar as práticas corporais, o que é absolutamente compreensível. Um exemplo disso é o balé, que ficou em terceiro lugar na categoria “Dança” e, ao mesmo tempo, em quinto lugar na categoria “Ginásticas”. O balé é reconhecidamente uma dança; porém, recebeu uma quantidade relativamente expressiva de votos na categoria de ginásticas. Teorizo que isso possa estar relacionado — ao menos em parte — à pouca ou até mesmo à inexistente vivência desse conteúdo pelos alunos.

Quase não consegui dormir à noite. Estava muito entusiasmado para comunicar o resultado aos alunos, mas também preocupado com os desafios que esses conteúdos trariam para as minhas aulas, visto que a única prática corporal que eu havia desenvolvido até então era a Ginástica Geral, mesmo essa com poucas aulas. Contudo, a prática corporal que mais me preocupou foi o Futebol.

A grande questão que permeou este estudo foi como planejar aulas e práticas corporais em uma escola com muitas limitações de espaço e de material. Nossa quadra, nossa “gaiola”, impossibilitaria — ou, no mínimo, dificultaria muito — a prática desse esporte. Se, para praticarmos futsal, já precisamos adaptar as regras para conseguirmos vivenciá-lo, o Futebol nesse mesmo espaço representaria um enorme desafio.

Na segunda-feira, dia vinte e um de maio, divulguei os resultados em quatro turmas. Em todas as aulas, eu começava anunciando que iria apresentar os resultados da seleção. Só de ouvir essa informação, os alunos já ficavam agitados. Para criar um clima de mistério e aumentar a expectativa, antes de revelar os resultados eu fazia a chamada, agradecia a participação de todos, relembrava os combinados da pesquisa e enfatizava bastante que as práticas corporais vencedoras seriam abordadas nos próximos dois bimestres, independentemente de gostarmos ou não.

[18] O Termo Outros/outras nesta tabela se refere a práticas corporais que não receberam votos suficientes para ficar entre as cinco mais votadas.

Eu sempre me incluía nessa situação, explicando que, como a escolha foi feita pela comunidade escolar, aberta a todos que quisessem participar — inclusive eu, que também votei — eu estaria igualmente obrigado a aprender e ensinar os conteúdos escolhidos, mesmo que não gostasse ou não soubesse como abordá-los.

Após essa introdução, que durava cerca de dez minutos, os alunos já estavam muito inquietos. Muitos "tremiam as pernas", suspiravam e ficavam ansiosos, pedindo para que eu revelasse logo o resultado. Eu, por minha vez, mantinha a calma e continuava conversando com eles. Quando a tensão atingia níveis críticos, anunciava que iria divulgar os resultados. Naquele momento, os alunos sequer respiravam — o silêncio era absoluto.

Propositalmente, o primeiro resultado que eu anunciava era o do esporte. Quando dizia que o Futebol havia vencido, os alunos — principalmente os meninos, mas também algumas meninas — gritavam, pulavam, comemoravam, assobiavam e se abraçavam. Eu deixava que comemorassem e esperava até que se acalmassem.

Passado o momento de euforia, retomava minha fala. Falava de maneira bastante informal, mas de maneira clara e firme. Começava perguntando em qual campo gramado nós praticaríamos o Futebol e fazia uma pausa. Nesse momento, alguns alunos já entendiam minha intenção, e começavam a dizer frases como: *"eu escolhi Futsal"*; outros olhavam para o colega e diziam*: "falei pra você não escolher Futebol"*; outros ainda se dirigiam a mim perguntando: *"fessor, não dá pra trocar o Futebol pelo Futsal não"*, ou *"professor não dá para passar para o segundo esporte mais votado não"*, ou mesmo, *"professor, quando eu te perguntei se podia escolher Futebol, você falou que podia"*.

> *Normalmente, eu deixava que eles discutissem um pouco e então eu retomava a fala dizendo: "A proposta do planejamento participativo é justamente essa, que a comunidade escolar, não somente os alunos, escolha as práticas corporais e que vivenciamos elas. Democracia é isso, o que a maioria escolher, é o que vencerá. Temos que aprender a lidar com isso, pois a democracia está presente em todos os campos da nossa vida. Sei que vocês ainda são jovens e não votam, mas daqui a alguns poucos anos irão votar, e terão de entender que, mesmo que o seu candidato perca, e seu adversário vença, é ele quem será eleito, e você precisa respeitar isso. Vejam como exemplo a última eleição: tínhamos dois candidatos à presidência da república no segundo turno, o Lula e o Bolsonaro, um dois seria eleito e outro seria derrotado. O Lula ganhou, você gostando ou não, durante quatro anos ele irá governar, e quem votou no Bolsonaro tem que entender e aceitar, acabou, não dá para ficar falando em golpe, é assim. Em Minas Gerais ganhou Zema no primeiro turno.*

> *Mesmo eu não gostando dele, tenho que aceitar que durante os próximos quatro anos ele será o governador de Minas Gerais. (Citação retirada do meu diário de campo do dia 25/05/2024).*

Dando continuidade à conversa, expliquei que a principal consequência do planejamento participativo é desenvolver as práticas corporais vencedoras, ou seja, aquelas que tivessem recebido mais votos, assim como ocorre nas eleições. Um dos objetivos deste estudo é preparar os alunos para serem cidadãos conscientes de seus direitos e deveres, além de compreenderem a importância de participarem das decisões que influenciam o desenvolvimento da nossa sociedade, seja por meio das eleições ou por outras formas, como manifestações e greves, por exemplo. Nesse sentido, é fundamental que eles aprendam a acolher e respeitar a vontade da maioria.

Expliquei que também havia ficado muito preocupado ao terminar a análise dos resultados e perceber que o Futebol havia vencido, pois, para mim seria muito melhor se o Futsal tivesse recebido mais votos. No entanto, apesar disso, iríamos desenvolver o Futebol.

Nesse momento, passei um “para casa” para eles. Pedi que na aula seguinte trouxessem sugestões de atividades para organizar as práticas do Futebol na nossa escola. Prometi que também faria uma pesquisa para que juntos construíssemos o conteúdo escolhido por nós.

Nesse ponto, cabe uma reflexão sobre o conceito de futebol e a desconstrução de sua noção tradicional, elementos fundamentais para a aplicação desse esporte no ambiente escolar. É indispensável questionar a necessidade de reproduzir o modelo convencional do futebol — com suas dimensões específicas de campo, número de jogadores e regras formais — para que ele seja considerado válido na escola. A dicotomia entre “esporte na escola” e “esporte da escola”, tensionada por Valter Bracht, ilumina essa discussão: enquanto o primeiro representa a imposição da lógica esportiva externa sobre o ambiente escolar, o segundo preconiza a apropriação crítica e a reinvenção da prática esportiva a partir das especificidades da escola, visando superar padrões preestabelecidos e promover uma experiência mais significativa e educativa (BRACHT, 1997).

Encerrada a discussão sobre o futebol, eu mudava o foco e dizia que iria revelar o resultado da dança. Os alunos também ficavam bastante apreensivos com

esse momento. Sempre que eu falava sobre dança, dizia que não gostava de dançar, pois sou muito desajeitado, brincava com eles: *“para dançar tenho duas pernas esquerdas, mesmo sendo destro”* e, complementava *“que sempre usava as aulas de dança para realizar os ensaios da quadrilha da festa junina”* (relato do dia 20/05/2024).

Complementado eu ainda brincava que, se o vencedor for o Balé, nós iremos fazer uma bela apresentação de Balé, com todo mundo vestido de cor de rosa, inclusive eu. Se o vencedor for o Street Dance, nós aprenderemos a dançar, se for o Forró, nós aprenderemos a dançar, se for o Funk, nós dançaremos o Funk.

Nesse ponto, é importante ressaltar um episódio que ocorreu durante o processo de qualificação deste estudo. Naquela ocasião, o professor Tarcísio Mauro Vago — carinhosamente apelidado de Tatá — me questionou, de forma sutil, sobre o comentário sexista que eu havia feito a respeito de dançar balé e vestir cor-de-rosa. O constrangimento que senti naquele momento evidenciou a natureza preconceituosa e inadequada da minha fala, servindo como um alerta para a necessidade de maior cautela e responsabilidade na comunicação em sala de aula. Além disso, esse apontamento foi fundamental para que eu revisse minha prática e evitasse constranger os alunos, ainda que de forma não intencional.

Voltando ao resultado, os alunos já imaginavam que esse estilo musical seria o mais votado, pois a maioria deles escuta funk com frequência, e ele faz parte da vida deles. No entanto, principalmente os meninos ficaram receosos de dançar balé. Durante a votação no laboratório de informática, vi alguns meninos, “de zueira”, como eles dizem, colocando balé e incentivando os colegas a fazerem o mesmo.

E, de fato, o balé ficou em terceiro lugar, com 40 votos, enquanto o hip hop ficou em segundo lugar, com 52 votos, e o funk foi o vencedor, com 55 votos. O restante dos votos foi distribuído entre outros estilos, como forró e samba.

Quando revelei o resultado, a reação dos meninos foi bastante diversa. A maioria comemorou, alguns diziam: “ainda bem que o balé não venceu”, enquanto outros demonstravam desgosto e decepção. No entanto, a maior parte comemorava.

Após deixar os alunos extravasar um pouco, eu esperava o silêncio e voltava a argumentar: “*O Funk venceu, agora temos de lembrar que estamos numa escola, o componente curricular Educação Física”...*

> *Nós vamos estudar e vivenciar o Funk, mas selecionaremos juntos as músicas, pois não podemos utilizar músicas que apresentem letras vulgares, que ofendam a nós mesmos e a nossa escola. Nossa missão com funk é vivenciá-lo como uma prática corporal, como uma dança, como um ritmo, vamos dançar, e porque não nos divertir com ele. Na verdade, espero muito mais aprender a dançar com vocês do que ensinar. (relato do dia 20/05/2024)*

Nesse momento, eu perguntava se alguém tinha alguma dúvida ou queria comentar algo. Raramente algum aluno fazia perguntas, mas alguns aproveitavam para dar sugestões de músicas para dançarmos o funk.

Encerrados os anúncios dessas práticas, eu ainda informava que, no terceiro bimestre, iríamos desenvolver a Ginástica Artística e o parkour, que havia sido eleito na categoria das Práticas Corporais de Aventura.

O último comentário que fazia, antes de sair de sala com eles era:

> *Eu também votei no planejamento participativo, e perdi em todas as categorias, fui o último a votar. No esporte eu escolhi Beisebol, na dança eu escolhi Forró, na ginástica escolhi movimentos básicos de ginástica artística e nas práticas corporais de aventura escolhi o slackline. (relato do dia 20/05/2024).*

Vencida a fase do planejamento participativo, na qual os alunos exerceram autonomia na seleção das práticas corporais a serem exploradas ao longo do segundo e terceiro bimestres, inicia-se a etapa de desenvolvimento prático dos conteúdos escolhidos.

O capítulo subsequente discute a experiência de implementação dessas práticas em um contexto escolar marcado por limitações de infraestrutura, tanto em termos de espaço quanto de recursos materiais, bem como a constante reavaliação e adaptação das estratégias de ensino diante dessas restrições.

4º CAPÍTULO

O DESENROLAR DAS AULAS: VIVENCIANDO O PLANEJADO COLETIVAMENTE

Finalmente chegou o momento que os alunos e eu mais aguardávamos: a hora de colocar em prática os conteúdos que coletivamente escolhemos no planejamento participativo. Acho que estava mais animado do que eles, mesmo com todos os desafios que iríamos enfrentar, especialmente relativos às práticas corporais do segundo bimestre, o Futebol e o Funk.

Neste capítulo, será relatado o processo de construção do planejamento e o desenvolvimento das unidades temáticas de Esportes, Danças Urbanas, Ginásticas e Práticas Corporais de Aventura. Também serão apresentados os desafios e dificuldades enfrentados, bem como as ações adotadas para contornar tais obstáculos, além dos aspectos facilitadores que possibilitaram o desenvolvimento dessas práticas, entre os quais se destacam o empenho dos alunos e a ressignificação dos espaços da escola.

Ao término do desenvolvimento de cada uma das práticas corporais selecionadas pelos alunos e implementadas nas aulas de Educação Física, serão apresentados desenhos produzidos pelos estudantes na última atividade avaliativa do ano de 2024. Nessa atividade, solicitou-se que cada aluno registrasse, por meio de um desenho, a prática que mais apreciou ao longo do ano letivo. A inclusão desses registros visa evidenciar a forma como o desenvolvimento das práticas corporais repercute na experiência dos alunos, reconhecendo o desenho como um instrumento que possibilita a expressão individual de percepções, vivências e afetos relacionados às atividades realizadas.

4.1 O FUTEBOL

O desenvolvimento desse conteúdo foi realmente desafiador. Por conta das limitações de espaços e materiais que a escola apresenta, até mesmo a prática do futsal torna-se bastante complexa, exigindo diversas adaptações para que os alunos possam vivenciar esse esporte.

Outras questões também tornaram essa prática particularmente desafiadora: Quais atividades seriam utilizadas para desenvolver esse conteúdo? Qual metodologia adotar? E principalmente, onde trabalhar? Em que espaços?

Sem contar as expectativas e os sentimentos que esse conteúdo gera nos alunos. O futebol mexe com paixões — tanto dos alunos quanto das alunas — especialmente daqueles que torcem por um time, acompanham-no, conhecem a história da equipe, decoram os nomes dos jogadores, assistem ou ouvem os jogos, brincam, “zoam”, discutem e até brigam pelo seu time. Gonzáles e Fraga (2012) citam algo dito por um personagem no filme argentino *O segredo dos seus olhos* (2009): “Uma pessoa pode mudar de partido político, de religião, de cidade, de mulher, mas não de clube de futebol”. Embora essa frase tenha sido proferida em outro país, a situação não difere muito do que ocorre no Brasil e representa a importância que o esporte tem na cultura e no coração dos torcedores.

Há, por outro lado, alguns alunos e alunas que desconhecem ou ignoram completamente esse esporte; para eles, o futebol é praticamente irrelevante, não gostam de praticá-lo e chegam até a sentir vergonha de fazê-lo, por temerem errar e serem zombados pelos colegas. Procurei ter especial cuidado com esses alunos, primeiro garantindo que se sentissem respeitados mesmo quando cometiam erros; segundo, incluindo-os nas aulas para que pudessem vivenciar o futebol e, quem sabe, com a prática, revissem os preconceitos que têm em relação a ele.

Desse modo, o tratamento pedagógico desse conteúdo trouxe muitos anseios dos diferentes sujeitos da escola. Foi necessário refletir e traçar caminhos para que o futebol praticado por nós fosse coerente com o contexto, além de ser divertido e prazeroso.

Para desenvolver o futebol de maneira inovadora no ambiente escolar, foi necessário ampliar minha visão sobre esse esporte, buscando sua ressignificação.

Nesse sentido, a perspectiva de Rezer (2009) é valiosa, pois ao utilizar o termo "*Futebóis*", ele não apenas propõe um neologismo, mas também amplia os significados atribuídos ao futebol, englobando diversas manifestações, como futebol de várzea, futebol de salão, futebol de praia, futebol de botão, futevôlei, totó, futsal, “pelada”, “racha”, entre outros.

Em seu estudo, o autor estrutura o conteúdo futebolístico em seis temáticas distintas: brincadeiras de bola com os pés, resgate de jogos populares e de rua,

jogos esportivos, aprofundamento técnico-tático, jogos eletrônicos e jogos de salão. Nesse contexto, sugere a diluição das diferenças entre os conceitos de jogo e esporte — aplicados ao futebol — contribuindo para uma maior participação dos alunos nas aulas de Educação Física. Essa abordagem oferece um panorama rico e diversificado para a prática pedagógica do esporte no contexto escolar.

4.1.1 – As primeiras aulas de futebol no Barão: testando ideias, construindo alternativas

Na segunda aula da semana, após a divulgação do resultado do planejamento participativo, comecei a desenvolver com os alunos o conteúdo de Futebol. Para isso, preparei uma apresentação em que explicava a história do esporte, suas principais regras — entre elas o impedimento —, os esquemas táticos e as funções dos jogadores. Contudo, antes de iniciar a apresentação, comecei a aula cobrando dos alunos o “para casa” que havia solicitado. Inicialmente, imaginei que os alunos não se empenhariam na tarefa, mas, para minha surpresa, algumas turmas levaram-na muito a sério.

No início da aula, eu já dizia:

> Lembram-se do ‘para casa’ que eu havia dado a vocês? Pois é, hoje iremos fazer as atividades que vocês trouxeram. Eu até já criei uma aula teórica sobre o Futebol, caso não tenhamos nem uma sugestão, iremos estudá-la hoje (relato do dia 27/05/2024).

Já na primeira turma que entrei, a 608, no primeiro horário, os alunos começaram a fazer sugestões. Uma das propostas foi fazer uma vaquinha para comprar grama artificial para a quadra da escola. Outra ideia interessante foi trabalhar pênaltis nas aulas.

Unindo essas sugestões, pesquisei no celular as medidas oficiais do gol de futebol (7,32 m x 2,34 m) e a distância da marca do pênalti até o gol. Em seguida, peguei um “metro” com o senhor Geraldo, zelador da escola, e fomos até a quadra medir suas dimensões para calcular o custo de cobri-la com grama sintética, além de medir o tamanho do gol e a distância da marca do pênalti.

Inicialmente, mostrei aos alunos o instrumento de medição, que tinha 2 metros, e expliquei o conceito de metro quadrado, destacando sua utilidade no dia a

dia. Perguntei se havia voluntários para realizar as medições, ensinei a forma correta de medir e os alunos mediram a quadra. Encontraram 17,36 metros de comprimento e 8,47 metros de largura.

Reuni o restante da turma e demonstrei como calcular a área da quadra, multiplicando o comprimento pela largura. Utilizando a calculadora do celular, chegamos a 147,03 metros quadrados. Retomei o conceito de metro quadrado com o auxílio do “metro” do senhor Geraldo, mostrando que seriam necessários 147 daqueles metros para cobrir o chão da quadra com grama sintética.

Numa pesquisa rápida no Google, encontrei que o metro quadrado de grama sintética custa, em média, 80 reais. Multiplicando esse valor pela área da quadra — 147 metros quadrados — chegamos ao custo aproximado de onze mil e setecentos reais. Os alunos ficaram surpresos com o valor elevado.

Para finalizar, fizemos uma divisão simples: o custo total dividido pelo número de alunos do sexto ano — cerca de 250 — resultou em aproximadamente cinquenta reais por aluno. Os próprios estudantes concluíram que seria inviável arrecadar esse valor para a compra do piso.

Além disso, transformar a única quadra da escola em um campo de grama sintética, além do alto custo de implementação, acarretaria a exclusividade do espaço para a prática do futebol, restringindo drasticamente a variedade de práticas corporais que poderiam ser desenvolvidas pelos alunos. Essa limitação comprometeria o uso do espaço para outras atividades escolares, prejudicando a diversidade de experiências oferecidas e contrariando os objetivos deste estudo.

Imagens 24 e 25: Alunos medindo as dimensões da quadra



Fonte: produzida pelo autor, 2024.

Feito isso, mensuramos o tamanho do gol e a distância da marca do pênalti. Novamente, os alunos se prontificaram a fazer as medições. Marcamos, a partir da linha lateral da quadra, próximo à linha de fundo, a distância de 7,32 metros, que demarcamos com uma caixa de frutas. Foi interessante comparar o tamanho dos gols do futsal e do futebol.

Imagem 26: Alunos cobrando pênaltis com gol com dimensões semelhantes às do Futebol de Campo.



Fonte: produzida pelo autor, 2024.

Como essa turma realizou todas as medições, não tivemos tempo de bater os pênaltis naquele momento. Porém, no último horário, quando tive aula com eles novamente, todos tiveram a oportunidade de bater um pênalti no gol de futebol e outro no gol de futsal.

Essa experiência foi muito interessante e só aconteceu graças às sugestões que os alunos levaram para a aula. Eles se empenharam e participaram ativamente da atividade; durante as medições da quadra, quase brigavam para ver quem ia medir, pois a maioria queria ajudar, mesmo com apenas um metro disponível.

Terminada essa atividade, os alunos ficaram surpresos ao comparar o tamanho do gol de Futebol com o gol de Futsal. Eu fiquei muito satisfeito ao ver que eles realmente pensaram em atividades que pudéssemos desenvolver durante as aulas de Futebol e impressionado com a vontade deles de colaborar.

Em outras turmas, também surgiram diferentes maneiras de trabalhar o Futebol na escola. Alguns alunos sugeriram utilizar o cantinho abandonado da escola, mas não apresentaram sugestões de atividades para o local. Em outra turma, os alunos propuseram treinamento de lateral para fortalecer os braços; em outra, sugeriram treinamento físico para fortalecimento das pernas. Ainda em outra turma, relataram que estavam construindo uma bandeira de escanteio, cartões amarelos e vermelhos, e até me deram um apito para usarmos nas aulas. Uma turma citou o jogo “peruzinho”.

Parte dessas sugestões foi aceita e incorporada ao planejamento das atividades desenvolvidas durante o estudo do futebol. Outras, porém, embora eu tentasse ser o mais receptivo possível, foram descartadas por serem inviáveis ou inadequadas. Por exemplo, um aluno da turma 606 sugeriu que fôssemos a uma academia para fazer treinamento de força; a sugestão foi muito boa, mas era inviável.

Na turma 602, a aluna Júlia contou que treinava em um lugar que tinha um campo de futebol e sugeriu fazermos uma “vaquinha” para alugar um ônibus e ir até lá. Ela mesma se prontificou a fazer brigadeiros para vender e ajudar a custear o passeio. Achei a proposta dela muito interessante, mas expliquei que não seria necessário vender brigadeiros, pois tentaríamos arrecadar o dinheiro de outra forma. Fiquei impressionado com a sugestão da aluna e até dei um abração nela, algo que normalmente não costumo fazer.

A sexta semana foi mais curta por conta do feriado de Corpus Christi. Por isso, a maioria das turmas teve apenas uma aula, já que o calendário escolar previa feriado na quinta-feira e recesso na sexta-feira. Nessa semana, desenvolvi o jogo popularmente conhecido como “peruzinho” ou “bobinho”, uma atividade sugerida pelos alunos. Além de ser recreativa, ela desenvolve o domínio de bola, o passe, o drible e é uma forma interessante de aprender técnicas do Futebol.

Ainda nessa semana, aproveitei o feriado para planejar com mais calma as atividades que desenvolveria ao longo do segundo bimestre. Contabilizei que o bimestre ainda teria cinco semanas, ou seja, aproximadamente dez aulas. Decidi, então, utilizar uma semana do terceiro bimestre para concluir o ensino de dança, de modo que a divisão ficasse equilibrada, com três semanas para o futebol e três semanas para a dança. Essa decisão, no final das contas, mostrou-se bastante positiva e necessária, devido a diversos imprevistos, como um grande número de paralisações, a aplicação da avaliação intermediária do CAED, do simulado da escola e das minhas próprias avaliações, que prejudicaram bastante algumas turmas.

O quadro 4 apresenta a organização das atividades do segundo bimestre.

QUADRO 4 - Atividades Realizadas no 2º Bimestre.

SE	DATA	ATIVIDADE	OBSERVAÇÕES

1	22/04 a 26/04	Retomada 1º Bim/Apresentação Formulário	
2	29/04 a 03/05	Introdução Esportes/Atividades Esportivas	
3	06/05 a 11/05	Atividades Esportivas	Reunião de Pais
4	13/05 a 17/05	Planejamento Part. Votação	
5	20/05 a 24/05	Divulgação Resultado/Pênalti	
6	27/05 a 29/05	Atividades Recreativas Futebol	Corpus Christi
7	03/06 a 07/06	Aula Teórica de Futebol/Marcação	
8	10/06 a 14/06	Condução de Bola/Marcação	
9	17/06 a 21/06	Marcação/Avaliação Mensal	Ava. Mensal
10	24/06 a 28/06	Aula Intro. Funk/Avaliação Bimestral	Ava. Bimestral
11	01/07 a 03/07	Escolha das Músicas - Montagem das Coreografias	Dias Escolares
*	08/07 a 13/07	Montagem Coreografia/Ensaio Festa Julina	Festa Julina
*	15/07 a 19/07	Funk/Apresentação de Funk	Apresentação

Fonte: produzido pelo autor, 2024.

Enquanto planejava o conteúdo de Futebol, me deparei com um livro que a Cássia, minha orientadora, havia me emprestado há algum tempo. Um dos autores é Fernando Jaime Gonzáles, a quem tive a honra de conhecer pessoalmente no congresso ProEF, realizado na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em março de 2024.

Nesse livro, Gonzáles e Fraga (2012) relatam que desenvolveram o futebol com alunos dos anos finais do Ensino Fundamental a partir de uma perspectiva bastante interessante. Os autores abordaram o esporte sob várias perspectivas diferentes, porém complementares. Discutiram com seus alunos o futebol como um fenômeno cultural, analisando questões relacionadas ao “clubismo”, à violência no

futebol, às relações de gênero, entre outras. No que diz respeito aos aspectos corporais, os autores priorizaram os elementos táticos em detrimento dos técnicos.

Além disso, os autores utilizaram o método Sport Education, criado por Daryl Siedentop (1994). Embora tenham simplificado bastante o método para adaptá-lo à realidade do seu estudo, os autores mantiveram seus fundamentos, que se baseiam em dividir os alunos em grupos para que todos participem da organização e execução de um campeonato de futebol. Os alunos assumiram papéis de acordo com suas vontades e habilidades. Entre os grupos, estavam os que jogariam, os que seriam árbitros, os responsáveis pelo scout, os encarregados da publicidade, entre outros (GONZÁLES E FRAGA, 2012).

Baseado na metodologia apresentada por Gonzáles e Fraga (2012) e nas sugestões dos alunos — especialmente da Júlia, da turma 602 —, decidi encerrar o conteúdo de Futebol com a realização de um campeonato em um campo de futebol.

O estudo da obra de Gonzáles e Fraga (2012) fundamentou o planejamento das aulas sobre o conteúdo de Futebol. Contudo, precisei realizar algumas adaptações devido à realidade da minha escola, como a redução da carga horária — para adequar ao número de aulas disponíveis para a unidade temática — e a priorização do treinamento técnico, considerando meu conhecimento prévio dos alunos e a avaliação de que essa abordagem seria mais proveitosa.

Na primeira semana, do dia 03 a 07 de junho, a primeira aula foi teórica. Construí uma apresentação no *Canva*[19] em que eu abordava a história do Futebol, as principais regras, comparando algumas delas com o Futsal. Dei maior destaque à regra do impedimento, por ser a mais complexa do esporte e aquela que os alunos e alunas que não acompanham o futebol com frequência têm mais dificuldade em compreender.

Nesse momento da aula, além da apresentação com imagens que preparei, convidava alguns alunos para a frente da sala e criava simulações, demonstrando situações práticas para que eles pudessem compreender melhor a regra, tornando-a mais palpável por meio da visualização concreta das jogadas.

Nessa aula, também abordei com os alunos os esquemas táticos mais utilizados pelos times profissionais atualmente. No entanto, o momento de maior

[19] Apresentação disponível em: https://www.canva.com/design/DAGGXhpivls/VQ0jqhtqnXvzjccV1dmhEQ/edit?utm_content=DAGGXhpivls&utm_campaign=designshare&utm_medium=link2&utm_source=sharebutton

empolgação — especialmente entre os meninos que acompanham jogos de futebol — foi quando falei sobre as posições que os jogadores desempenham em campo e as características físicas que cada jogador deveria ter para atuar profissionalmente.

Para facilitar a compreensão dos alunos, a cada posição que eu explicava, mostrava a foto de um jogador reconhecido mundialmente que atuava naquela função. Os alunos vibravam ao ver na apresentação os jogadores que consideram ídolos e acompanham nas transmissões televisivas, especialmente na Champions League e nos principais campeonatos europeus, como os da Espanha, Inglaterra e Alemanha e nas seleções.[20]

4.1.2 – Construindo o futebol do/no Barão

Na segunda aula daquela semana, levei os alunos para a quadra para abordar a tática no futebol. Os alunos demonstraram bastante interesse nela. Em sala de aula, expliquei o conceito de marcação, focando na marcação individual. Como percebi que a simulação tinha sido eficaz, decidi repetir a estratégia: chamava um aluno para frente e demonstrava o que era a marcação individual — ora eu marcava o aluno, ora ele me marcava. Expliquei que quem define quem marca e quem deve escapar da marcação é quem está com a posse da bola. Além disso, apresentei outros tipos de marcação, como a marcação por zona, a marcação mista, entre outras.

Feito isso, pedi para que os alunos se organizassem em duplas para treinarmos a marcação individual na quadra. Iniciei a atividade fazendo com que os pares se enfrentassem, um contra o outro, tentando marcar o gol. Quando um dos alunos conseguia marcar, os dois saíam e outra dupla entrava, sempre alternando entre uma dupla de meninos e uma dupla de meninas.

A decisão de organizar as duplas por gênero partiu da observação de que, em termos gerais — embora não de forma universal — os meninos tendem a ter uma vivência prática no futebol maior do que a das meninas. Nesse contexto, visando potencializar o engajamento e o interesse da maioria dos alunos, considerei que a separação por gênero seria a estratégia mais adequada para essa atividade.

[20] Apresentação disponível em: https://www.canva.com/design/DAGGXhpivls/lIZQxmKn8rKkI7U-UINNzA/view?utm_content=DAGGXhpivls&utm_campaign=designshare&utm_medium=link&utm_source=viewer . Esse material também comporá o recurso educacional este estudo.

Após todos realizarem a primeira tarefa, iniciamos a segunda etapa. Agora, as duplas se enfrentariam diretamente: uma dupla de meninos desafiava outra dupla de meninos; alternadamente, uma dupla de meninas desafiava outra dupla de meninas, sempre com o objetivo de praticar a marcação individual. Ressaltava também que a dupla com a posse de bola deveria tentar fugir da marcação, enquanto a dupla sem a posse precisava marcar para recuperar a bola e buscar o ataque, tentando marcar um gol.

Concluída essa tarefa, passamos para a etapa final da aula. Os alunos formaram quartetos, que podiam ser mistos ou compostos por um único gênero, ficando a critério deles se organizarem da maneira que preferissem. Sempre que um dos quartetos marcava um gol, os dois grupos que estavam jogando saíam da quadra, e outros dois quartetos que aguardavam do lado de fora entravam para substituir.

Durante o desenvolvimento da atividade, eu permanecia fora da quadra, observando e orientando os alunos quando não estavam marcando. Em alguns momentos, interrompia o jogo para perguntar a cada aluno quem ele estava marcando, estimulando a atenção e o entendimento da dinâmica da marcação. A receptividade dos alunos foi muito positiva; eles demonstraram grande interesse e gostaram bastante da aula.

Na segunda semana, de 10 a 14 de junho, o planejamento priorizou o desenvolvimento dos fundamentos técnicos do esporte. Na primeira aula, trabalhei o fundamento da condução de bola. Após uma breve explicação sobre a atividade, levei os alunos para o pátio da escola, onde organizei um estafeta: uma fila de meninos de um lado do pátio e uma fila de meninas do outro.

Na atividade, o aluno deveria receber a bola, conduzi-la até uma marcação no lado oposto do pátio e, ao atingir essa marca, passar a bola para a primeira menina da fila. Após o passe, o menino se posicionava no final da fila das meninas. A menina, por sua vez, deveria receber e dominar a bola, conduzi-la pelo pátio até um ponto determinado e, então, passar a bola para o primeiro aluno da fila dos meninos, indo para o final dessa fila.

Como o pátio possui um leve desnível, muitas vezes a bola escapava do controle dos alunos, que precisavam recuperá-la durante o percurso.

Antes de sair da sala, fiz um combinado com os alunos. Expliquei que, para que a atividade ficasse mais próxima da realidade do futebol, a quadra não seria adequada para realizá-la, então faríamos a atividade no pátio inferior. Contudo, como as janelas das 10 salas de aula que dão para esse pátio estariam abertas, não poderíamos fazer barulho para não atrapalhar as aulas dos outros professores.

Combinei que a fila próxima às salas deveria manter silêncio absoluto, enquanto a fila mais próxima ao refeitório poderia conversar à vontade. Fui enfático ao informar que, caso algum professor reclamasse do barulho, eu encerraria a aula imediatamente e voltaríamos para a sala. Os alunos respeitaram a regra, e conseguimos realizar a atividade sem nenhum problema.

Na segunda aula da semana, priorizamos o trabalho do fundamento passe. Mais uma vez, realizei uma aula rápida, explicando sobre o passe no futebol, destacando que existem diversos tipos de passe, com diferentes classificações, e que podem ser executados utilizando várias partes do corpo, não apenas os pés, mas também a cabeça, o peito, entre outros. Demonstrei que, devido à sua importância e simplicidade, focaríamos no passe rasteiro com a parte interna do pé.

Terminada a rápida introdução, descemos para o pátio para trabalhar o fundamento. Realizamos a atividade em duplas, no pátio inferior, no mesmo local da atividade anterior. Na primeira etapa, organizei uma fila de meninas, lado a lado, com aproximadamente um metro de distância entre elas, na parte superior do pátio. Cerca de dois metros abaixo dessa fila, organizei a fila de meninos da mesma forma, posicionando-os de modo que cada menino ficasse aproximadamente entre duas meninas.

O objetivo da atividade era que a primeira menina tocasse a bola para o primeiro menino — na primeira rodada, permiti que os alunos recebessem e dominassem a bola. Após dominar, o menino tocava a bola para a segunda menina, e assim sucessivamente. Repeti a atividade, mas na segunda vez não permiti que os alunos dominassem a bola; eles deveriam passar a bola “de primeira”, ou seja, sem controlar antes de tocar no colega, como diz a gíria do futebol.

Na segunda atividade, realizamos uma estafeta, com os meninos posicionados de um lado do pátio, próximo às salas de aula, e as meninas do outro lado, perto do refeitório. Os alunos se organizaram em duplas do mesmo gênero e deveriam conduzir a bola tocando-a entre si até o outro lado do pátio, onde

passavam a bola para a dupla que estava na frente da fila, assumindo o último lugar do outro lado. Novamente, reforcei o combinado sobre o silêncio para não incomodar as aulas próximas.

Ao final dessa aula, fiquei muito feliz quando um aluno — cujo nome, infelizmente, não me recordo — me disse que achava que seria muito chato trabalhar o Futebol na nossa escola, mas que estava gostando muito das atividades.

Na última semana do conteúdo Futebol, realizamos duas atividades diferentes. Na primeira aula, aplicamos nossa avaliação mensal, com valor de 5 pontos, e também a autoavaliação, que valia outros 5 pontos. Também nessa aula eu distribui a ficha de inscrição[21] para o campeonato de Futebol de Sete (antigo Futebol *Society)* que realizaríamos e escolhi um representante de cada turma para ficar responsável pelo preenchimento da ficha.

Nesta semana, tive duas aulas com todas as turmas, pois não houve paralisações. Foi uma semana bastante intensa. Devido às paralisações anteriores, adiei as avaliações mensais e as apliquei nesta semana. A prova foi dissertativa, composta por três questões. Na primeira, os alunos deveriam escrever um texto simples com o tema “Barão 110 anos: eu faço parte dessa história”. Na segunda questão, o aluno deveria dissertar sobre sua participação no planejamento participativo, e, na terceira, sobre o que aprendeu sobre o futebol nas nossas aulas. A prova valia cinco pontos e os alunos escreveram bons textos.

Além dessa primeira parte, a avaliação mensal contava com um segundo momento: uma autoavaliação, também valendo cinco pontos, na qual o aluno deveria atribuir uma nota a si mesmo, entre zero e cinco, e justificar a escolha. Essa avaliação era realizada individualmente, durante a aula de Educação Física. Enquanto os alunos jogavam, eu os chamava, um por um, para conversar sobre a autoavaliação. A maioria foi bastante sincera, e a nota que atribuíram a si próprios, em geral, era bem parecida com o conceito que eu também atribuiria a eles — embora alguns demonstrassem certa vergonha de se dar a nota máxima.

Sobre a questão dos 110 anos da escola, destaco o texto da aluna Gabriela Soares da turma 604:

---

[21] Essa ficha foi produzida levando em conta as funções que cada aluno deveria desempenhar no Campeonato de Futebol. Havia vagas para todos os alunos, desde os que queriam jogar até os que quisessem assumir outras funções durante o evento. Elegi um representante de cada turma para preencher a ficha e me entregar. A ficha está disponível no apêndice 7.

> Escola Estadual Barão do Rio Branco. Uma das escolas mais antigas de Belo Horizonte. Como todos sabemos, Belo Horizonte foi uma cidade totalmente planejada para ser moderna e tecnológica. Habitada por pessoas do meio rural e de poucas condições financeiras, a escola Barão do Rio Branco foi fundada. A escola tinha o intuito de educar e também ensinar bons modos. Os anos foram passando e a escola continuou de pé, educando cada vez mais crianças e gerando adultos sociáveis e de um bom coração. Agora, nos tempos atuais, a escola completará 110 anos desde sua existência. Claro, algumas coisas mudaram e evoluíram, mas ainda continua com a mesma essência. Hoje, eu e você que está lendo faz parte da história desta escola (tanto quanto os alunos do passado). Nós, estudantes do Barão, ajudamos, todos os dias, a manter este local ativo! Legal, não acha? Eu tenho orgulho de participar desta escola, tenho orgulho de falar que sou estudante do Barão.

Sobre a questão de participar do planejamento participativo, destaco a resposta do aluno Leonardo de Oliveira Lemos, da turma 604:

> Achei bem legal o professor pensar nos alunos e fazer uma votação para escolher um esporte para participarmos nas aulas. A maioria dos professores so chega em sala e faz os alunos copiarem um texto maior do que uma cidade ou chega e fala: “Hoje vai ser queimada” ou “Hoje vai ser Basquete”. Achei muito legal e pensar na vontade dos alunos.

Sobre o que o aluno aprendeu sobre o futebol destaco a resposta da aluna Beatriz Costa Correia da turma 604:

> O Futebol tem diferentes posições de jogadores. Também aprendi sobre a origem do Futebol e as mudanças que ocorreram desses tempos até agora. Gostei muito das aulas e quero aprender mais sobre os lances e outras coisas sobre o futebol.

Nesta semana, também conseguimos, depois de muita pesquisa, agendar um campo para a realização do torneio de futebol que encerraria o projeto. Infelizmente, só conseguimos uma data para depois das férias, na segunda semana de agosto. O adiamento do campeonato, contudo, não foi algo totalmente negativo, pois proporcionou um intervalo de tempo maior, permitindo que os alunos organizassem melhor suas equipes para a competição.

Nesta mesma semana, encerramos o conteúdo de Futebol. Ainda durante esses dias, revisei os TCLE (Termos de Consentimento Livre e Esclarecido) e orientei os alunos que apresentaram o documento com alguma assinatura faltando a

levarem de volta para casa e pedirem aos pais ou responsáveis que o completassem.

Na segunda aula, realizamos um coletivo em nossa quadra, com o objetivo de colocar em prática os conhecimentos teóricos e práticos que havíamos abordado, como as regras, a marcação, o passe e a condução de bola. Além disso, ofereci aos alunos a oportunidade de atuarem como árbitros das partidas e até mesmo de exercerem o papel de técnicos, comandando suas equipes. Com essa atividade, encerramos, por ora, o conteúdo de Futebol, já que ainda realizaríamos o campeonato posteriormente.

Em relação à arbitragem, realizei um encontro com os alunos que demonstraram interesse em participar, iniciando com um momento de agradecimento pela colaboração. Em seguida, foram apresentadas as principais regras que seriam utilizadas durante o campeonato, incluindo as marcações laterais, os procedimentos para reposição da bola em jogo, a tipificação das faltas e a aplicação de sanções disciplinares por meio de cartões. Também esclareci que a regra do impedimento não seria adotada na competição, devido à sua complexidade e à exigência de um nível mais elevado de experiência por parte dos alunos árbitros. Além disso, reforcei que eu estaria disponível para prestar auxílio durante os jogos, incentivando os alunos a solicitarem apoio sempre que necessário.

4.1.3 - A culminância: o campeonato de Futebol de Sete do Barão

O campeonato de Futebol foi realizado na quarta-feira, dia 29 de agosto. Encontrar um campo em Belo Horizonte, com a estrutura necessária para comportar oito turmas de mais de trinta alunos, no turno da tarde foi um grande desafio.

Inicialmente, eu havia planejado realizar o campeonato no primeiro semestre, entre os meses de junho e julho. Entrei em contato com todos os campos de futebol de Belo Horizonte que consegui localizar, mas não obtive sucesso. Alguns não alugavam o campo no turno da tarde, pois eram utilizados para treinamentos ou escolinhas de futebol; outros eram pequenos demais para receber todos os alunos; alguns estavam indisponíveis para locação no período previsto; e outros ficavam muito distantes da escola.

No final de julho, finalmente encontrei a Arena Flyball, localizada no bairro João Pinheiro, a aproximadamente trinta minutos da escola. Esse campo atendia a todos os requisitos necessários para a realização do campeonato de futebol: era relativamente próximo da escola, possuía quatro campos de Futebol de Sete (alugamos dois), o valor do aluguel estava dentro do esperado e havia espaço suficiente para acomodar todos os alunos e professores. O único problema era que só estaria disponível para locação a partir do mês de agosto, já no terceiro bimestre. O ideal seria que o campeonato fosse realizado ainda no segundo bimestre, mas o adiamento não diminuiu o entusiasmo dos alunos.

Antes do campeonato, ainda durante o segundo bimestre, elaborei uma ficha de inscrição (Apêndice 7), imprimi uma cópia para cada turma e escolhi um representante responsável por preenchê-la e devolvê-la. A seleção desses alunos foi motivada pela necessidade de contar com indivíduos que demonstrassem dinamismo e liderança, capazes de organizar a turma e preencher o formulário com precisão. A convivência ao longo do primeiro semestre possibilitou a identificação dos estudantes que apresentavam o perfil mais adequado em cada sala.

Nesse formulário, o representante deveria preencher o próprio nome, o nome da equipe, cor do uniforme, o nome dos jogadores das equipes masculina e feminina, o nome dos técnicos (as) da equipe, os árbitros, os responsáveis pelo placar e as súmulas, a equipe de marketing/divulgação e os responsáveis pelas entrevistas.

De maneira semelhante ao encontro realizado com os alunos designados como árbitros, organizei uma reunião com os estudantes selecionados para a cobertura midiática do evento. Durante essa reunião, foram delineadas as responsabilidades inerentes à função, que incluíam a captura de imagens fotográficas e videográficas, além da realização de entrevistas com os participantes e com os professores presentes durante o campeonato.

As cores das camisas foram sorteadas em uma reunião realizada com os representantes ainda no mês de junho, e os confrontos do campeonato foram sorteados no início de agosto, também em uma reunião com os representantes.

O empenho e o apoio da vice-diretora Nazareth foram fundamentais para a realização do campeonato. Ela recolheu o dinheiro dos alunos e cuidou do aluguel dos ônibus. Cada aluno que participou do campeonato contribuiu com quinze reais,

valor que incluía o transporte e o aluguel do campo. A diretora Valéria preparou um lanche especial para os alunos, que consistia em um suco de caixinha e um sanduíche de presunto e queijo — tudo feito com muito carinho.

No dia do campeonato, os alunos foram orientados a não levar mochila para a escola. Caso quisessem, poderiam levar lanches, embora isso não fosse necessário, pois a escola forneceria alimentação. Não era obrigatório levar chuteira, mas, caso o aluno possuísse, poderia utilizá-la. Os alunos poderiam levar celulares e não precisariam vestir o uniforme da escola, podendo usar a camisa da cor da equipe. Caso algum aluno não tivesse a camisa da equipe, poderia usar o uniforme escolar.

Saímos da escola às 13h30 e chegamos ao campo às 14h10. Como os alunos já conheciam os confrontos, determinei um campo para os jogos masculinos e outro para os jogos femininos. Os árbitros e os alunos responsáveis pela súmula (apêndice nº 8) e pelo placar foram diretamente para os respectivos campos — conforme combinado anteriormente — enquanto as equipes aguardavam nas laterais.

Distribuí as súmulas que já havia preparado para cada jogo, contendo campos para preencher: nome dos jogadores, nome da equipe, técnico, atletas titulares, atletas reservas, número do jogo, data, horário e placar final. Ao lado do nome de cada jogador, havia três campos para que o responsável pela súmula marcasse o número de gols, cartões amarelos e vermelhos.

A forma de disputa do campeonato foi eliminatória simples, com cada jogo dividido em dois tempos de 5 minutos — no primeiro tempo jogavam 7 jogadores, no segundo, outros 7 ambos orientados pelo técnico. Entre os jogos, havia um intervalo de cinco minutos para a troca de times. Nas finais, o tempo de jogo foi estendido, com 7 minutos para cada tempo.

Foram realizados 14 jogos, sendo sete masculinos e sete femininos. Encerramos o campeonato às 16h30 e retornamos imediatamente, chegando à escola às 17h10. Foi uma tarde muito agradável e divertida, que certamente ficará marcada na vida dos alunos, assim como na minha. Foi a primeira vez que organizei uma excursão, e os alunos demonstraram muita felicidade com a realização do campeonato.

Na avaliação bimestral, incluí uma questão discursiva na qual solicitei que os alunos descrevessem como foi participar de um campeonato de futebol em um campo fora da escola. De modo geral, os alunos relataram que a experiência foi inesquecível. Para muitos, essa foi a primeira vez que jogaram futebol em um campo com as medidas oficiais, além de terem avaliado seu próprio desempenho. Os poucos alunos que não participaram do campeonato, na maioria dos casos, expressaram tristeza por não terem ido, afirmando que gostariam muito de ter participado, mas tinham compromissos ou foram proibidos pelos pais.

O aluno Arthur, da turma 603, disse: “Eu não fui ao campeonato de futebol, mas devia ter ido. Foi bastante divertido porque você encontrava seus amigos e jogava com eles, disputando para ver quem ganhava.” O aluno Davi, da mesma turma, comentou que só não pôde ir por causa do dinheiro, mas achou que o evento foi legal e divertido.

Infelizmente, o aluno não comunicou essa situação previamente e não compareceu à aula no dia do campeonato. Caso tivesse avisado ou, pelo menos, estivesse presente naquele dia, poderia ter participado do campeonato, assim como dois outros alunos da turma 602 que, embora não tivessem pago o valor da excursão por questões financeiras, participaram normalmente da competição.

A exclusão desses alunos, embora não decorrente diretamente de uma ação individual, revela a problemática da desigualdade socioeconômica que interferiu no acesso a uma atividade oferecida pela escola pública. A constatação de que a participação foi inviabilizada pela insuficiência de recursos financeiros levanta questionamentos pertinentes sobre a necessidade de mecanismos que garantam o acesso de todos os estudantes a essas atividades, os quais poderiam, inclusive, ser custeados pela secretaria de educação.

A aluna Deborah da turma 601 disse:

> “Bem, eu não fui ao campeonato pois a minha mãe não autorizou. Eu queria muito ir, mas fazer o que né? Bem, pelo que eu vi no *Instagram* da escola foi muito legal. Eu vi também no *Instagram* de alunas que eu sigo com as da turma 605. Eu ia ficar de entrevistadora mas pelo motivo que eu não fui foi outra pessoa. Minha mãe nunca permite de eu ir em passeio e em excursão. Pelo que vi e que me contaram foi muito legal”.

A aluna Sophia da turma 601 relatou:

> “Participar do campeonato foi muito divertido e uma experiência super incrível, eu fui lateral direito, confesso que foi um pouco difícil na hora eu estava com muito medo de errar, mas depois vi que é muito bom estar lá trabalhando em equipe! Não é tão difícil, mas temos de dar o nosso melhor para que possamos vencer!”

As imagens 27 e 28 permitem observar de outro modo como foi o evento.

Imagens 27 e 28: O campeonato de futebol.





Fonte: produzida pelo autor, 2024.

Além dos alunos que participaram do campeonato como atletas, uma parte considerável desempenhou outras funções. Eles foram responsáveis pela arbitragem dos jogos, pelo registro do campeonato, pelo preenchimento das súmulas, pela atuação como treinadores e pela organização das equipes.

Quanto aos treinadores, eles eram responsáveis por escalar os times e realizar as substituições, além de acompanhar o jogo ao lado do campo, orientando os companheiros de equipe. Interessante notar que esses alunos acabaram recebendo apelidos dados pelos próprios colegas, sendo a maioria chamada de “Ancelotti” ou “Guardiola”, em referência aos treinadores do Real Madrid e do Manchester City, respectivamente. As meninas também contavam com suas próprias treinadoras.

A aluna Paloma da turma 602 relatou:

> “Eu gostei da experiência, foi muito legal saber mais sobre o Futebol, eu fui a treinadora do time feminino da sala 602, as meninas todas jogaram muito bem, fez gols lindos e comemoraram de forma bem animada, elas fizeram nosso time ganhar, fizemos uma oração para que nada de ruim acontecesse com ninguém, todas jogaram de forma séria e sincronizada”.

Ao relatar sobre a experiência de ser treinador, o aluno Bernardo da turma 608 disse que: “Eu achei bem legal a experiência do campeonato, só que também um pouco desgastante pois os reservas ficavam toda hora no meu ouvido para sem trocados”.

Além de treinadores e treinadoras, os alunos também desempenharam o papel de árbitros. Eles “sentiram na pele” o peso que a função carrega. Em seu relato, a aluna Beatriz, da turma 603, disse: “Gostei muito, mesmo com os xingamentos, gostei muito de participar e nem me importei com os xingamentos.” Já o aluno Pietro, da turma 601, que foi árbitro dos jogos masculinos, disse: “Eu até que curti ser árbitro, foi muito legal essa experiência, foi uma experiência bem única.”

Já a aluna Júlia, da turma 608, foi escolhida pela turma para ser a responsável pelo marketing e pelas entrevistas. Cabe uma observação: enquanto os representantes das turmas eram escolhidos por mim, as demais funções foram definidas pelos próprios alunos — optei por essa abordagem com o intuito de estimular e promover a autonomia deles. Júlia fez vários registros de som e imagem e me disse que, quando estivesse tudo pronto, compartilharia comigo. Em seu relato, a aluna disse o seguinte: “A minha experiência no campeonato foi muito legal, eu fui entrevistadora no campeonato. Foi muito legal entrevistar as pessoas e conhecer um pouquinho mais das pessoas que eu não conheço.”

O campeonato foi, para mim — e acredito que também para os alunos — uma das experiências mais marcantes deste ano e deste estudo. O que, no início da pesquisa, parecia impossível transformou-se em um grande aprendizado, tanto para mim quanto para os alunos.

Aprendi que é, sim, possível desenvolver o futebol em uma escola com poucos recursos materiais e espaços, e que os alunos podem, sim, vivenciar o esporte que tanto amam durante as aulas de Educação Física.

Quanto aos alunos, tenho certeza de que, além de adquirirem conhecimento teórico sobre a história, as regras, o posicionamento dos jogadores, os esquemas táticos e os aspectos técnico-táticos do futebol, tiveram a oportunidade de vivenciar esse esporte, sentirem-se atletas, treinadores e até mesmo repórteres. Muitos puderam “entrar em campo”, pisar em um campo oficial e experimentar a emoção de disputar um campeonato. Estou certo de que muitos alunos que participaram do campeonato, independentemente da função que exerceram, levarão para sempre na memória e no coração as lembranças dessa tarde.

Imagens 29: Produções dos alunos sobre o futebol.



Fonte: Desenhos feitos por discentes - Arquivo do autor[22]

[22] Na primeira linha à esquerda: Equipe Campeã - Gustavo Gomes (608); à direita: Aluna jogando futebol - Maria Eduarda (601). Na segunda linha à esquerda: Aula de Futebol - Carlos Antônio Gomes - (608); à direita: Aula de Futebol: Paloma Pereira Melo (602).

4.2 AS DANÇAS URBANAS

Após termos vivenciado o conteúdo *Futebol no/do Barão*, mudamos bastante o foco das aulas e passamos a desenvolver a unidade temática das danças urbanas. Esse conteúdo, mais uma vez, representou um grande desafio para mim — mas por um motivo diferente do futebol. Desta vez, não foi o espaço o fator que parecia limitar a prática, mas sim a pouca experiência que eu possuía com o desenvolvimento desse conteúdo.

Na minha prática pedagógica, o conteúdo de dança sempre se restringiu aos ensaios da quadrilha para a festa junina. Duas ou três semanas antes do evento, eu começava a ensaiar os passos básicos e, aos poucos, ia organizando a sequência da coreografia, inicialmente nos horários de Educação Física de cada turma. Na semana que antecedia a festa, reunia os alunos de todas as turmas envolvidas e realizava um ensaio geral por dia até a véspera do evento. No dia da apresentação, executávamos a coreografia e... pronto. Ponto final. Conteúdo de dança finalizado. "*Check*"!

Em outras palavras, a realização da festa junina era utilizada como um subterfúgio — uma estratégia superficial para abordar o conteúdo de dança —, negligenciando uma exploração mais aprofundada dessa prática no contexto escolar. Tal abordagem caracteriza uma simplificação do ensino, na qual o preparo para uma atividade festiva era utilizado como substituto do desenvolvimento pedagógico efetivo da dança.

Contudo, este ano foi diferente. Além de ensaiar as turmas para a festa julina, tive que desenvolver também o conteúdo escolhido pelos alunos: o funk. Jamais imaginei que trabalharia esse conteúdo na escola — primeiro, porque não é um estilo musical que eu costumo ouvir; segundo, porque não sei dançar; e, terceiro, porque eu temia a reação das famílias, especialmente das famílias evangélicas.

Com o desenvolvimento das aulas, essas questões foram sendo revistas aos poucos. Os conflitos relacionados à religião foram bem menores do que eu esperava, e conseguimos realizar uma apresentação para os alunos do sexto ano.

Com isso, pela primeira vez, sinto que realmente desenvolvi o conteúdo de dança em minhas aulas. Cometi alguns erros ao longo do processo, enfrentei, sim, algumas dificuldades, mas, aos poucos — e com a participação dos alunos —, essas

dificuldades foram superadas. Hoje, sinto-me mais preparado para trabalhar a dança nos próximos anos. Para mim, esse foi um grande aprendizado — talvez um dos maiores de todo este estudo e de todo o mestrado.

A dança está presente no dia a dia das pessoas. Dançamos para nos divertir — sozinhos ou acompanhados —, para relaxar, socializar, emagrecer e até mesmo como profissão. Nesse sentido, o Coletivo de Autores (1992) explica que a dança pode ser considerada uma linguagem social, que permite a transmissão de sentimentos e emoções manifestadas em diversas situações da vida, como no trabalho, na religiosidade, na guerra, entre outras.

Nos dias de hoje, “a dança, assim como o esporte, é uma das manifestações da cultura do movimento mais importantes e relevantes em todo o mundo” (Kunz, 2004, p. 90). Apesar disso,

> a maioria das escolas, ao inserir a dança no currículo da Educação Física, está preocupada exclusivamente com as festas comemorativas do calendário escolar. Nelas, os professores “perdem” várias aulas exigindo sincronia e habilidade técnica dos alunos para a repetição de movimentos ritmados que foram previamente criados por eles (EHREMBERG, 2003 p.60).

Vivencio isso em minha prática pedagógica. Nas escolas em que trabalho, quando chegam os meses de junho e julho, as supervisoras, vice-diretoras e diretoras começam a perguntar: “E os ensaios, quando vão começar?”, “E a coreografia, já está pronta?”, “A festa já está chegando...”. Todo ano é a mesma coisa. Trata-se de uma época bastante desgastante.

A dança no ambiente escolar deve transcender a condição de mera atividade. Deve ser compreendida como uma manifestação cultural humana, cuja vivência contextualizada oferece aos estudantes não apenas o acesso a essa forma de expressão, mas também a oportunidade de produzirem cultura. Cabe à escola possibilitar o acesso a esse patrimônio cultural construído pela humanidade (EHREMBERG, 2003).

O desenvolvimento do conteúdo dança representa um marco significativo em minha prática pedagógica. Apesar das limitações encontradas, as ações desenvolvidas no presente estudo permitem afirmar que, pela primeira vez, foi possível proporcionar aos meus alunos o acesso a essa prática corporal durante as

aulas. A superação dos desafios e a efetivação do ensino do funk representam um avanço na promoção da cultura corporal no contexto das minhas aulas.

4.2.2 O Funk

O desenvolvimento de uma unidade temática cujo objeto de estudo era o funk representou um desafio significativo, embora previsível, dada a presença perceptível desse gênero musical no cotidiano escolar. A observação dos alunos escutando funk, cantando e dançando — seja individualmente, a partir de seus próprios celulares, ou coletivamente, com caixas de som — indicava a forte presença desse estilo musical. Contudo, a proposta deste estudo deveria transcender o mero aprendizado da dança, demandando que os alunos desenvolvessem uma compreensão mais abrangente do fenômeno funk, levando em conta sua origem, suas características e, fundamentalmente, a percepção que os estudantes tinham acerca dessa manifestação cultural.

A etapa inicial da investigação sobre o funk envolveu uma pesquisa acerca de sua trajetória histórica. Embora eu me recordasse de que o funk possui origem norte-americana e uma possível vinculação com denominações religiosas protestantes daquele país, a necessidade de uma compreensão mais detalhada impulsionou a busca por informações mais consistentes. Nesse sentido, tornou-se fundamental elucidar, além da origem, o processo de introdução do funk no Brasil e os primórdios de sua manifestação cultural em território nacional.

Adicionalmente, durante os estudos, percebi a ocorrência de uma significativa diversificação estilística no Brasil, com o surgimento de variações regionais influenciadas pelos contextos locais de recepção e produção musical.

Dando prosseguimento, a pesquisa contemplou a análise de abordagens pedagógicas preexistentes no âmbito da Educação Física, visando identificar como o ritmo funk tem sido incorporado nas práticas escolares. O objetivo desta investigação foi obter subsídios e inspiração para o desenvolvimento de um plano de aula pertinente e engajador para meus próprios alunos, considerando as particularidades e o potencial educativo inerentes a essa manifestação cultural.

O funk, atualmente reconhecido como uma das principais expressões culturais brasileiras, dinamiza um cenário no qual dançarinos e dançarinas de distintas vertentes regionais convergem (GOMES E MOREIRA, 2020). Originário da

cultura negra estadunidense, o gênero musical aportou no Brasil entre as décadas de 1970 e 1980 (FORNI, 2024), estabelecendo-se nos bailes cariocas e firmando-se como forma de entretenimento para um contingente significativo de jovens, sobretudo nas periferias.

Em sua gênese, conforme Essinger (2005 apud Forni, 2024, p. 28), o funk apresentava em suas letras uma tonalidade jocosa, característica dos “melôs”, que narravam o cotidiano dos habitantes das comunidades periféricas do Rio de Janeiro.

Com a incorporação de novos arranjos musicais, o ritmo passou por um processo de abrasileiramento, expandindo sua presença e alcançando maior visibilidade na mídia, o que resultou na atração de outros segmentos do público para os bailes, que se apropriaram dessa manifestação.

Contemporaneamente, Souza, Maldonado e Neira (2018) argumentam que esse gênero musical se configura como um território de disputa no campo da música e na sociedade em geral. Em diálogo com alunos do quinto ano do ensino fundamental, os autores observaram que tais contestações emergem da exaltação de temas como “drogas”, “sexo”, “crime” e “ostentação” nas letras de algumas músicas, proferidas por artistas conhecidos como Mestres de Cerimônias (MCs).

Em um estudo conduzido por esses autores, o funk foi explorado com alunos do ensino fundamental, tendo como ponto de partida a solicitação dos estudantes pelo ensino da dança nas aulas de Educação Física. Os pesquisadores, aceitando o desafio, utilizaram o “Circuito de Cultura”, metodologia freireana que preconiza a identificação de temas relevantes para a comunidade como base para a organização e apresentação de novos conhecimentos aos alunos.

No contexto dessa pesquisa, alunos e professor realizaram um diálogo inicial para definir as etapas do estudo. Feito isso, o professor solicitou que os alunos realizassem uma pesquisa conceitual online sobre o funk, seguida pelo ensaio dos movimentos básicos, culminando em uma apresentação.

Bocchini (2012) assinala a existência de uma variedade de estilos dentro do funk, como o melody, gospel, erótico e neurótico, entre outros. Em um projeto desenvolvido com alunos do sétimo ano, o autor foi interpelado por uma aluna que expressou sua hesitação em participar devido à sua fé evangélica. Contudo, o professor demonstrou a existência do funk gospel, ressaltando inclusive que o

gênero musical teve suas origens em igrejas evangélicas nos Estados Unidos, o que motivou a aluna a integrar as atividades.

O professor também apresentou reportagens televisivas que veiculavam uma visão estereotipada do funk, associando-o à violência, ao tráfico de drogas e à promiscuidade. Nesse momento, o educador instigou os alunos a refletirem sobre se o estilo musical seria o único fator determinante para o envolvimento de indivíduos com drogas, promiscuidade ou criminalidade, questionando se tal fenômeno seria exclusivo do funk ou se também ocorreria em outros gêneros musicais.

Após essa discussão inicial, o pesquisador exibiu vídeos com passos de funk como ponto de partida para a criação de uma coreografia. No entanto, ao perceber o desconforto dos alunos em apresentar os passos dessa forma, o autor redirecionou o foco do estudo para a análise das letras das músicas. Ele propôs que os alunos criassem paródias das canções estudadas ou compusessem suas próprias músicas, levando-os a uma rádio comunitária próxima à escola para a gravação de um CD com suas produções.

Por meio dessa abordagem, o autor logrou desmistificar a imagem negativa do funk entre seus alunos, elevando-o a um patamar de igualdade com outros estilos musicais.

O funk, portanto, configura-se como um gênero musical de vasta amplitude e considerável polêmica, permeado tanto por preconceitos quanto por admiração. Foi esse o estilo musical eleito pelos alunos do Barão como eixo para o desenvolvimento do conteúdo danças urbanas, cujo processo de desenvolvimento será detalhado a seguir.

4.2.3 “Solta o Som”: Funk do Barão

Ainda no planejamento que elaborei, após o resultado do planejamento participativo, defini que teria três semanas para trabalhar o funk, ou seja, aproximadamente seis aulas. Essas aulas foram distribuídas da seguinte forma:

- Semana 1 (24/06 a 28/06): Aula introdutória sobre o Funk e Avaliação Bimestral;
- Semana 2 (01/07 a 03/07): Definição das músicas/Ensaios das Coreografias;
- Semana 3 (08/07 a 12/07): Ensaios da Coreografia

No desenvolvimento dessa unidade temática, utilizei uma abordagem distinta das empregadas em outras unidades. Reconhecendo que, de maneira geral, os alunos possuem uma vivência do funk muito maior do que a minha — visto que uma parte considerável deles escuta regularmente músicas desse estilo, além de conhecer as coreografias e os passos básicos —, decidi conceder-lhes um papel de maior protagonismo no desenvolvimento desse conteúdo.

Portanto, decidi valorizar o conhecimento prévio dos alunos e estimular sua autonomia na produção das coreografias. Isso, porém, não significa que eu os tenha deixado fazer o que quisessem. Durante todo o processo de criação e ensaio das danças, estive ao lado deles, muitas vezes dançando com eles, aprendendo, opinando e auxiliando na montagem das coreografias.

Embora a intenção de fomentar a autonomia discente tenha sido o principal fator motivador, é imperativo reconhecer que a insegurança em relação ao conteúdo de dança também influenciou a abordagem pedagógica adotada. Contudo, é fundamental ressaltar que participei ativamente do desenvolvimento das atividades e da organização dos alunos, seja na orientação das coreografias ou mesmo no ensino de passos específicos, refutando qualquer alegação de omissão no processo de ensino-aprendizagem.

Na primeira aula da semana, fiz uma introdução rápida sobre o funk, promovendo um bate-papo com os alunos para abordar temas como a origem da dança, a introdução do funk no Brasil e suas duas principais ramificações, que mais tarde deram origem ao rap em São Paulo e ao funk carioca no Rio de Janeiro (GOMES e MOREIRA, 2020).

Expliquei que, durante o governo militar, houve significativa repressão ao estilo musical, mas que, mesmo assim, ele se popularizou inicialmente nas camadas mais populares da sociedade, estando atualmente presente em todas as classes sociais, embora ainda sofra muito preconceito.

Dando continuidade ao conteúdo, expliquei aos alunos que todos nós iríamos vivenciar o funk e que cada turma escolheria uma música para montar uma coreografia. Para motivá-los, esclareci que nosso objetivo seria montar uma apresentação de funk na qual cada turma dançaria para os colegas das outras turmas do sexto ano, exibindo as coreografias construídas e ensaiadas durante as aulas.

Feito isso, apresentei aos alunos uma playlist com algumas músicas de funk que havia pré-selecionado. Os critérios utilizados para a seleção foram: serem bastante conhecidas e, tão importante quanto, possuírem uma linguagem adequada para vivenciarmos o funk dentro da escola, ou seja, sem palavrões e sem palavras com conotação sexual.

Cabe destacar que parte dessas músicas foi sugerida pelos próprios alunos. A playlist continha várias músicas, entre elas:

Quadro 5 - Artistas e músicas pré-selecionadas para a montagem das coreografias.

Intérprete	Música
Mc Bola	Ela é Top
DJ Topo	Quem não Quer Sou Eu (Versão MTG)
Mc Marcinho	Glamurosa
Bonde do Tigrão	Vou Passar Cerol na Mão
Mc Sapão	Vou Desafiar Você
Mc Marcinho	Tudo é Festa
Mc Leozinho	Se ela Dança, eu Danço
DJ Luan Gomes	Morena Tropicana (versão MTG)

Fonte: Produzido pelo autor, 2024.

Antes de começar a tocar as músicas, pedia aos alunos que se levantassem e explicava que deveriam dançar de maneira espontânea, sem se preocupar com passinhos ou coreografias, apenas curtindo o som e se divertindo.

Embora algumas dessas músicas sejam mais antigas que os próprios alunos, continuam bastante conhecidas, e a maioria deles, além de conhecer as letras, também dominava suas coreografias.

Enquanto alguns alunos dançavam e se divertiam muito, outros permaneciam parados, com os braços cruzados, demonstrando certa resistência.

Sempre que percebia que um ou mais alunos não estavam participando, eu interrompia a aula e conversava com a turma:

— “Lembram-se do nosso planejamento participativo? Nós combinamos que trabalharíamos as práticas que vencessem. O funk venceu, então vamos vivenciá-lo.”E complementava:

— “Eu também não sou muito fã, mas vou dançar com vocês. Na apresentação, será diferente: só vai dançar quem quiser, não será obrigatório. Mas, durante as aulas de Educação Física, todos vamos dançar, inclusive eu.” E eu realmente dançava com os alunos.

Ainda durante a primeira aula, enquanto tocava as músicas da playlist, observava com quais músicas os alunos mais se empolgavam. Em seguida, sugeria que a turma criasse uma coreografia a partir dessa música, preparando-se para apresentá-la aos colegas do sexto ano.

Foi uma aula muito divertida; os alunos dançaram bastante e, mesmo aqueles que inicialmente demonstraram certa resistência, aos poucos foram se soltando e entrando no clima. Na primeira aula, consegui definir a música de quase todas as turmas.

Na segunda aula, realizamos a avaliação bimestral, composta por cinco questões objetivas sobre os temas futebol e jogos/esportes, além de duas questões subjetivas.

A primeira questão subjetiva solicitava que o aluno descrevesse o que aprendeu sobre o futebol, enquanto a segunda pedia que ele falasse sobre qual estilo de funk mais gosta e sobre o significado do funk em sua vida.

A maioria dos alunos relatou que o funk é um dos estilos musicais de que mais gosta, embora alguns tenham dito não gostar das músicas, principalmente por causa das letras carregadas de palavrões.

Porém, o que mais me chamou a atenção foi que alguns alunos relataram que o funk representa, para eles, a alegria, pois quando estavam tristes as músicas os ajudavam a se sentirem melhor.

Na segunda semana, tivemos apenas três dias de aula: segunda-feira, terça-feira e quarta-feira. Quinta e sexta-feira foram dias escolares sem a presença dos alunos.

Nos três dias em que houve aula, continuamos os ensaios das coreografias para a apresentação do funk. Cada turma já tinha sua música definida, e os alunos se organizavam para começar os ensaios.

Embora alguns alunos ainda demonstrassem certa resistência em participar, a maioria participou de forma espontânea.

Imagem 30: Ensaio do Funk da turma 603.



Fonte: Arquivo do autor.

Com os alunos que apresentaram resistência, conversei com eles na tentativa de convencê-los a participar.

Houve apenas um caso em que um aluno trouxe uma carta do pai solicitando que ele não participasse. Para evitar maiores conflitos “nessa altura do campeonato”, optei por respeitar o pedido e deixei que ele não participasse das aulas.

No dia 03/07, encerramos o segundo bimestre. Devido a uma série de atrasos e imprevistos, decidi estender o conteúdo de dança até o início das férias de julho.

Na terceira semana, realizamos dois tipos de atividades, ambas relacionadas à dança. As turmas que tiveram aula normalmente continuaram os ensaios das coreografias do funk. Além disso, nesta semana, iniciamos os ensaios da dança da Festa Julina, que ocorreu no sábado seguinte, dia 13/07/2024.Durante essa semana, tive alguns embates relacionados aos ensaios do funk, mas todos foram superados após uma conversa franca e sincera com os alunos que resistiam a dançar.

Os embates ocorreram porque alguns alunos se negavam a dançar o funk. Alguns afirmavam não gostar de dançar, enquanto outros alegavam que suas famílias desaprovavam que dançassem músicas por questões religiosas.

Durante essa conversa, expliquei a eles que o funk é uma dança como qualquer outra, especialmente com as músicas que estávamos trabalhando, e que cada um poderia dançar do seu jeito, sem necessidade de se comparar ao desempenho dos outros.

Além disso, garanti que seriam respeitados mesmo que considerassem não dançar bem, ressaltando que o funk, entendido como dança, assim como qualquer outra prática corporal, precisa ser vivenciado para ser aprendido. Expliquei também que, quanto mais praticássemos, melhor seria nosso desempenho, e pedi que se esforçassem para participar.

Os ensaios da festa julina aconteceram nos dois últimos horários da segunda, quarta, quinta e sexta. Na segunda, quarta e quinta os ensaios aconteceram com quatro turmas por vez e na sexta-feira aconteceu o ensaio geral, com todas as turmas dançando juntas para a apresentação de sábado. No restante das aulas, as turmas continuavam criando, ensaiando e refinando as coreografias das músicas que iriam apresentar.

A Festa Julina foi muito boa. Apesar do número reduzido de ensaios, a quadrilha transcorreu de maneira muito tranquila, e os alunos “deram um verdadeiro show” na apresentação, sendo bastante aplaudidos. Infelizmente, precisei sair da festa imediatamente após a apresentação da dança da quadrilha, pois tinha aula do mestrado na UFMG. Foi uma pena, pois gostaria de ter ficado mais tempo na escola e aproveitado a festa junto aos colegas e alunos.

Cabe ressaltar que a decisão de não incluir movimentos de funk na coreografia da Festa Julina, apesar do desenvolvimento desse conteúdo em sala de aula, justificou-se pela necessidade de otimizar o processo de ensaio. O curto período disponível, somado ao grande número de alunos participantes, impôs limitações à complexidade da coreografia, tornando inviável a utilização de passos mais elaborados, especialmente os relacionados ao funk.

Durante os ensaios, alguns aconteceram na própria sala de aula. Eu fechava as janelas e portas, ligava o som e “mandava ver no funk”. Os ensaios continuaram até o início da semana seguinte.

4.2.5 A Culminância: A apresentação de Funk do Barão

Na última semana antes das férias, continuamos os ensaios e marquei a apresentação das coreografias para quarta-feira, dia 18/07, nos dois últimos horários. Para a apresentação, foram convidadas somente as turmas do sexto ano e seus respectivos professores. Conforme combinado com os alunos, na apresentação dançariam apenas aqueles que quisessem e se sentissem preparados.

O festival aconteceu “meio que de supetão”. Na semana anterior, havia sido realizada a Festa Julina da escola, por isso não foi possível realizar duas apresentações diferentes na mesma semana.

Procurei a diretora da escola e tentei agendar com ela a apresentação de funk para o final da última semana, preferencialmente na quinta ou sexta-feira. No entanto, ela me informou que entraria de férias e que, como a vice-diretora Nazareth ficaria em seu lugar, não poderia assumir esse compromisso por ela. Assim, pediu que eu aguardasse o retorno da Nazareth e combinasse diretamente com ela, que só voltaria na quarta-feira.

Na segunda-feira, os ensaios ocorreram normalmente; na terça-feira, não trabalhei na escola. Na quarta-feira, fiquei um pouco preocupado, pois percebi que muitos alunos começaram a faltar devido à proximidade das férias. Além disso, vários deles me informaram que aquele seria o último dia em que viriam à escola, pois já entrariam de férias antecipadamente.

Por alguns minutos, fiquei refletindo sobre o que deveria fazer. Tinha três opções: fazer a apresentação naquele mesmo dia, com os alunos presentes na escola; arriscar marcar para o dia seguinte (quinta-feira), correndo o risco de ainda mais faltas; ou deixar a apresentação para o mês de agosto.

Analisando os prós e contras de cada escolha, resolvi realizar a apresentação naquele dia mesmo. Considerei que os alunos já estavam preparados e que, se deixasse para quinta ou sexta-feira, muitos iriam viajar e não poderiam participar do festival. Além disso, se adiasse para agosto, teríamos que recomeçar os ensaios, perdendo muito do que já havia sido construído.

Decidido o que fazer, procurei a Nazareth e conversei com ela. Ela concordou em realizar a apresentação imediatamente. Passei rapidamente por todas as salas, avisando alunos e professores sobre a decisão. Como a maioria das turmas já

estava bem adiantada nos ensaios e eu já havia comentado sobre a possibilidade da apresentação, a notícia agradou a grande parte dos alunos.

A apresentação aconteceu nos dois últimos horários. O auditório estava bem cheio; os alunos ocuparam todas as cadeiras, e ainda havia alguns sentados no chão. Conforme combinado com os alunos, as turmas foram chamadas para se apresentarem em ordem, começando pela 601 e terminando com a 608.

Imagem 31: Os alunos no auditório da escola durante a apresentação das coreografias criadas durante as aulas de Educação Física.



Fonte: Arquivo do Autor

Todas as turmas apresentaram suas coreografias. Cada uma com a sua música e com o seu estilo próprio. O festival foi muito interessante. Em primeiro lugar porque, para a maioria dos alunos, o nosso festival foi a primeira apresentação em público que fizeram, que diferentemente da festa junina, os alunos que estavam no palco, eram o centro das atenções.

A diferença entre a apresentação na festa junina tradicional e uma apresentação em palco altera bastante a dinâmica da atividade. Enquanto na festa junina a participação de um grande número de alunos dilui a atuação individual, permitindo que eventuais erros passem despercebidos, no palco os alunos são expostos a uma validação mais intensa, com uma plateia observando um grupo reduzido e em um espaço elevado. A visibilidade é muito maior, e a consciência do olhar atento aumenta a pressão psicológica sobre os alunos, tornando cada

movimento mais suscetível à avaliação e, consequentemente, intensificando a insegurança e o impacto emocional de possíveis falhas.

Imagem 32: Turma 603 apresentando a coreografia da música Vou Passar Cerol na Mão do Bonde do Tigrão.



Fonte: Arquivo do Autor.

Em segundo lugar, a apresentação no palco proporcionou um espaço para que alguns alunos superassem a resistência inicial à dança, manifestada desde a prática do jogo *Just Dance* no primeiro bimestre. A participação efetiva e alegre desses estudantes durante a apresentação demonstra que a atividade, de certa forma, favoreceu a superação de barreiras individuais relacionadas à prática da dança.

Cabe observar, neste ponto, que, apesar dos avanços obtidos na diminuição da resistência dos alunos em dançar, essa resistência não foi completamente superada. A imagem 31 revela indícios dessa resistência ainda presente, embora mais diluída. Ao observar atentamente a imagem, percebe-se que, em uma sala com pouco mais de 30 alunos, apenas 11 apresentaram a coreografia, mesmo tendo todos ensaiado e aprendido a sequência dos passos.

É importante levar em consideração que, devido à proximidade das férias, uma parte significativa dos alunos não estava presente na escola no dia da apresentação. Além disso, dos alunos presentes, apenas metade subiu ao palco e

dançou. Acredito que isso se deve a dois fatores principais: primeiramente, à não obrigatoriedade da apresentação; e, em segundo lugar, à resistência que parte dos alunos, especialmente os meninos, ainda demonstra em relação à dança. Será que, se o tema da aula fosse futsal, tantos alunos — especialmente os meninos — também se recusariam a participar?

Apesar de improvisada, a apresentação foi um grande sucesso; todas as turmas foram bastante aplaudidas, ainda que algumas coreografias tenham se destacado visualmente em relação a outras. Essas diferenças na qualidade das danças decorreram, em grande parte, da quantidade de aulas disponíveis para cada turma. Infelizmente, devido aos ensaios da Festa Julina, avaliações, dias escolares e paralisações, algumas turmas tiveram significativamente mais aulas do que outras.

Um exemplo que ilustra bem essa situação foi a turma 602, que teve apenas duas aulas para construir e ensaiar a coreografia, apresentando, portanto, uma coreografia visivelmente improvisada. Antes da apresentação dessa turma, expliquei essa circunstância aos demais alunos presentes no auditório e, ainda assim, a turma foi aplaudida por todos.

Nos dias 18 e 19 de julho, poucos alunos compareceram à escola. A direção organizou um horário especial, reunindo alunos de diferentes turmas para que cada professor pudesse ministrar uma aula, já que cada turma contava, em média, com apenas cinco estudantes.

Outra questão que merece destaque é que o fato de o festival ter sido realizado “a toque de caixa” trouxe perdas consideráveis à qualidade do evento, especialmente no que tange à produção dos figurinos dos alunos e alunas. Caso tivéssemos tido mais tempo, os alunos poderiam ter se produzido melhor, escolhendo roupas por conta própria, em vez de usarem o uniforme, o que teria acrescentado mais complexidade e riqueza ao evento. Para isso, poderia ter organizado melhor os alunos, atribuindo funções específicas para aqueles que não iriam dançar, tal como fizemos no campeonato de futebol. Tenho consciência disso, porém estava em uma “sinuca de bico”: ou realizava o festival daquela forma, ou corria o risco de não conseguir realizá-lo posteriormente. Apesar das perdas, analisei e julguei que, naquele momento, a primeira opção foi a mais acertada.

Por fim, considero que o festival marcou o término do segundo bimestre. Para mim, a alegria e os desafios enfrentados e superados pelos alunos na apresentação

das coreografias de dança foram mais significativos do que a data estabelecida pelo calendário, que indicava o encerramento do bimestre em três de julho.

Desenvolver esses dois conteúdos – Futebol e Funk – foi um grande desafio em vários aspectos. Primeiramente, porque eu nunca havia desenvolvido nenhum deles antes; além disso, as condições da escola, especialmente no que diz respeito ao espaço disponível, não eram adequadas, sobretudo para o desenvolvimento do futebol.

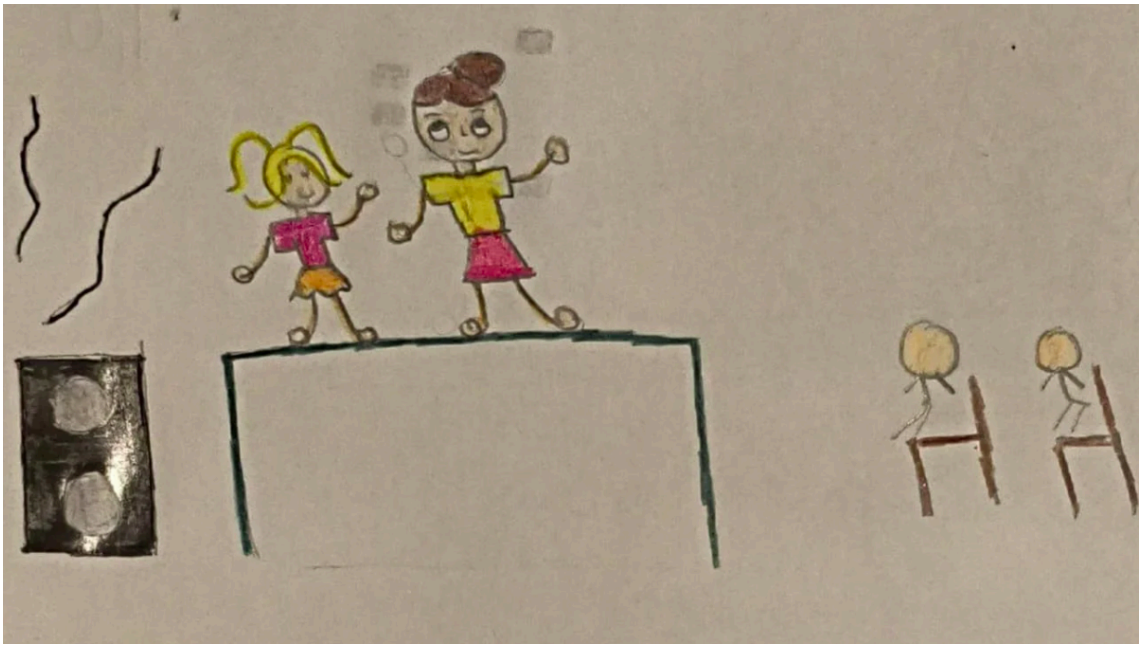
Tive muitas dúvidas e receios, principalmente o medo de não conseguir desenvolver os conteúdos de maneira adequada e, acima de tudo, de decepcionar meus alunos. Porém, aos poucos, as coisas foram acontecendo, as “peças se encaixando” e, ao final, consegui desenvolver os conteúdos escolhidos pelos alunos. Além disso, desenvolver esses novos temas me fez superar esses medos, sair da minha zona de conforto e desenvolver novas habilidades e estratégias.

Fiz coisas que jamais havia imaginado fazer, como organizar uma apresentação de funk dentro da escola e planejar uma excursão. Essas experiências certamente transformarão minha prática pedagógica. Tenho a convicção de que serei um professor diferente, mais aberto às sugestões dos alunos e mais receptivo a novas experiências.

E quanto aos alunos… eles se organizaram, se envolveram, se engajaram, estudaram, vivenciaram, apreenderam, criaram, ensinaram e, acima de tudo, se superaram. Superaram a vergonha, o medo, o preconceito, a timidez; aprenderam a dançar, a acreditar que podem dançar, a subir em um palco e a se apresentar diante dos colegas.

A realização da apresentação de dança no mesmo palco que, há décadas, abrigou os ensaios e criações da professora Nathalia Lessa e outras educadoras representou um momento de profunda emoção. Embora não pretenda estabelecer comparações entre as produções daquela época e as apresentadas por meus alunos, é notável que, após tanto tempo, o palco do Barão tenha novamente recebido uma apresentação de dança. Esse feito, antes inimaginável para mim, concretizou-se graças à participação ativa e ao engajamento dos alunos, que possibilitaram a retomada dessa prática corporal naquele espaço.

Imagem 33: A apresentação de Funk - desenho produzido pela aluna Sophia Ferreira dos Santos - turma 601



Fonte: Desenho feito por discente - Arquivo do autor

4.3 GINÁSTICA

No início de agosto, após o recesso de julho, voltei com as “baterias carregadas”. Utilizei esse período como um tempo para descansar e também para refletir sobre o andamento do projeto. Concluí que, de maneira geral, apesar das dificuldades e dos problemas vivenciados no primeiro semestre, havíamos avançado bastante e conquistado muitas realizações nessa primeira etapa.

Para o terceiro bimestre, estavam planejadas duas unidades temáticas escolhidas pelos alunos: a Ginástica Artística e o Parkour. Resolvi começar com a Ginástica, devido à minha maior familiaridade com essa prática, já que havia desenvolvido algumas aulas sobre esse conteúdo em anos anteriores. Deixei o Parkour para depois, pois queria ter mais tempo para me preparar para essa unidade, considerando que nunca havia trabalhado com ela anteriormente e que conhecia muito pouco sobre o assunto.

Historicamente, a ginástica figura entre as práticas corporais mais tradicionais nos conteúdos da Educação Física. Conforme o Coletivo de Autores (1992, p. 76), a ginástica, originalmente conhecida como “a arte de exercitar o corpo nu”, abrange, desde suas origens, atividades como corridas, saltos, lançamentos e lutas, podendo proporcionar valiosas experiências corporais, enriquecedoras da cultura corporal.

Apesar desses benefícios, Betti (1999) afirma que a ginástica raramente é difundida nas escolas de educação básica, mesmo estando presente nos currículos escolares.

Concordando com Betti (1999), ao refletir sobre a minha prática e observar a prática de outros professores com quem trabalho, percebo que esse conteúdo é muito pouco abordado nas aulas de Educação Física. Poucos professores desenvolvem a ginástica e, quando o fazem, destinam um número reduzido de aulas teóricas e práticas, apresentando essa unidade temática de forma bastante superficial. Isso se deve – na minha opinião – a diversos fatores, entre eles: a falta de experiência prática com esse conteúdo, a ausência de materiais nas escolas e o receio de que os alunos sofram algum tipo de acidente.

Nesse sentido, as aulas práticas do ProEF foram de grande valia. Assim como na dança, fiz questão de me inscrever na disciplina optativa de Ginástica. Como no ano passado completei dezenove anos de formado, desde a faculdade, nunca mais tive a oportunidade de praticar ginástica. As aulas das professoras Kátia e Ivana foram excelentes. Além do embasamento teórico, tivemos também a oportunidade de vivenciar aulas de Ginástica Aeróbica, movimentos básicos de ginástica e ainda participamos de uma aula de Ginástica Artística, com a possibilidade de utilizar todos os aparelhos dessa modalidade esportiva.

Neste estudo, desenvolvi o conteúdo de ginástica a partir de três eixos principais. O primeiro, e mais importante, foi a escolha dos alunos; o segundo, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC); e o terceiro, as modalidades olímpicas — lembrando que esse conteúdo foi desenvolvido durante a realização dos Jogos Olímpicos de 2024, na França.

A escolha dos alunos divergiu das diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para a etapa de ensino em questão. Buscando conciliar as normativas educacionais com os interesses dos discentes, optei por priorizar a prática dos movimentos selecionados pelos alunos. No entanto, dediquei uma aula à ginástica de condicionamento físico, conforme preconizado pela BNCC. Essa atividade proporcionou um espaço de discussão e análise das diferenças entre as duas abordagens, promovendo uma reflexão crítica sobre as diversas manifestações da ginástica no contexto escolar.

Outro ponto que destaquei junto aos alunos foram as modalidades olímpicas e não olímpicas regidas pela Federação Internacional de Ginástica (FIG). Discutir

esse tema teve como objetivo apresentar aos alunos as modalidades que poderiam ser acompanhadas durante os Jogos Olímpicos. Acredito que, ao conhecerem essas modalidades, os alunos se sentiriam mais motivados a acompanhar as equipes e os(as) ginastas brasileiros(as) durante os jogos, ampliando, assim, a visão que possuem sobre as práticas corporais.

4.3.1 Desenvolvendo a Ginástica do Barão

As aulas de ginástica marcaram o início do terceiro bimestre. Dentro desse conteúdo, os alunos optaram por trabalhar com movimentos básicos. Já nas Práticas Corporais de Aventura, a escolha dos alunos foi o Parkour. O planejamento das aulas foi organizado conforme o quadro a seguir:

Quadro 6: Planejamento das aulas do terceiro bimestre.

3º BIMESTRE			
SE	DATA	ATIVIDADE	OBS
1	05/08 a 09/08	Ginástica - Introdução/Alongamentos	2ª Transformada em 4ª
2	12/08 a 14/08	Ginástica - Rolamento/Ponte	Feriado 15 e 16
3	18/08 a 22/08	Ginástica - Ponte/Estrela	Aplicação Caed 20, 21
4	26/08 a 30/08	Encerramento Ginástica - Avaliação. Mensal - Autoavaliação	Campeonato de Futebol/ Prova Mensal.
5	02/09 a 06/09	Ginástica - Parada de Mãos/Pirâmide	Simulado 03/09
6	09/09 a 13/09	Introdução Práticas Corporais de Aventura/Parkour - Prova Bimestral	Prova Bimestral
7	16/09 a 20/09	Movimento Básicos de Parkour	
8	23/09 a 26/09	Movimentos Básicos/Circuito de Parkour	

Fonte: Produzido pelo autor, 2024.

Iniciei o desenvolvimento do conteúdo de Ginástica no dia 05/08/2024, uma segunda-feira, que marcou o primeiro dia letivo após o recesso escolar de julho. Conforme registrado em meu diário de campo, nesta data houve, mais uma vez, uma alteração no calendário imposta pela Secretaria Estadual de Educação, que

determinou a substituição dos horários regulares de segunda-feira pelos horários de quarta-feira.

Por se tratar de uma quarta-feira, eu tinha duas aulas com a turma 603. Como dispunha de dois horários consecutivos com essa turma, planejei ministrar, no primeiro horário, uma aula teórica introdutória sobre a Ginástica[23] — abordando o significado da prática, sua origem e as modalidades regidas pela FIG, com o auxílio de textos, fotos e vídeos. Já no segundo horário — o quinto da escola —, organizei com os alunos e alunas a montagem dos tatames, dando início às aulas práticas.

Desde que os tatames foram doados para a escola, eles ficavam guardados na sala de jogos, localizada no porão. Embora a sala seja bem grande, por estar abaixo do nível da rua, com janelas no nível do passeio, ela é bastante abafada e, ocasionalmente, transeuntes passam próximo às janelas, o que interfere e atrapalha as aulas.

Importa destacar que, em outros tempos, antes da reforma do Barão, essa sala era utilizada como sala de aula. Era muito ruim dar aula lá; uma coisa é levar os alunos ocasionalmente para realizar atividades nesse ambiente, outra bem diferente é passar a tarde inteira, durante o ano inteiro, ali.

Peguei a chave da sala e fui com os alunos para a sala de jogos, ao chegar lá, para a minha surpresa, os tatames não estava mais lá. Fiquei um pouco incomodado e procurei o Seu Geraldo, zelador da escola, que me disse que, recentemente, a diretora havia pedido para retirar os tatames da sala e levá-los para o porão, pois os professores de apoio dos alunos que apresentam laudo estavam utilizando a sala de jogos. Ele me disse que, caso a diretora autorizasse, levaria os tatames para lá. Porém, como já era o último horário, procurei a diretora, mas ela não estava na escola.

Fiquei um pouco desapontado, mas quem ficou realmente chateado foram os alunos. Eu havia combinado com eles que montaríamos o tatame rapidamente e que faríamos uma aula de alongamento no restante do tempo. Para mediar a situação, conversei com eles e disse que adiantaria a última aula do nosso conteúdo, que seria a aula prática de Ginástica de Condicionamento Físico — baseada na BNCC

[23] Aula disponível em: https://docs.google.com/presentation/d/1VkAW8JiJW3mz7sGfRCmqBfA-9frGIHxO-G1QW93SNjs/edit?usp=sharing

— e que, posteriormente, na semana seguinte, iríamos repor a atividade planejada para esta aula.

Apesar da decepção, os alunos compreenderam bem. Fomos para um pequeno espaço entre a cozinha e a quadra, e expliquei rapidamente que durante a aula realizaríamos alongamentos, com o objetivo de desenvolver a flexibilidade; exercícios de resistência, como polichinelos e corridas estacionárias; além de exercícios de força, como flexões e agachamentos.

Expliquei, resumidamente, que esse era o foco da Ginástica de Condicionamento Físico sugerido pela BNCC. Aqui é importante fazer uma ressalva. No meu planejamento inicial, eu havia programado que as duas últimas aulas de ginástica seriam baseadas na BNCC. Uma aula teórica em que eu explicava o que esse documento normativo determina que desenvolvamos no sexto ano[24]. Posteriormente, eu explicava o que é a Ginástica de Condicionamento, as principais capacidades físicas - força, velocidade, resistência, flexibilidade - e diferenciava o que vivenciamos nas nossas aulas, até então, e o que era exigido. A segunda aula foi prática, com exercícios físicos voltados para o desenvolvimento das capacidades físicas, permitindo que os alunos as vivenciassem na prática.

Os alunos gostaram muito da aula e foram para casa cansados, porém satisfeitos com a prática. Eu, por outro lado, fiquei um pouco incomodado. Refleti sobre algumas questões relacionadas à minha prática. Desde que os tatames foram doados pela professora Cristiane, no ano anterior, eles estavam guardados no porão. Durante esse tempo, entrei algumas vezes na sala, mas os tatames não estavam instalados e eu não havia levado meus alunos para utilizá-los.

A sala é grande — embora abafada — e o tatame é muito bom. Poderia utilizá-los para diversas atividades, como danças, lutas, ginástica, brincadeiras. Por não ter utilizado esse espaço para a Educação Física, acabamos “perdendo” esse território tão valioso. Os professores de apoio, que são dois ou três e atendem menos de cinco alunos, acabaram “tomando posse” desse espaço.

Isso ficou bem claro quando fui conversar com a diretora no dia seguinte. Expliquei a ela sobre a sala de jogos e a necessidade de instalar os tatames. Embora tenha autorizado a instalação e o uso da sala, perguntou por quanto tempo

[24] Aula disponível em: https://www.canva.com/design/DAGOmDnT1I8/N4xg3QLs4uWrDH06ZIdg8Q/edit?utm_content=DAGOmDnT1I8&utm_campaign=designshare&utm_medium=link2&utm_source=sharebutton

eu precisaria. Com base na minha resposta, ela marcou uma data para que eu finalizasse as atividades de ginástica. Ela me disse, de maneira muito educada, que só estava autorizando o uso por causa do meu estudo e que, depois, pediria ao zelador para retirar os tatames.

Nesse momento, fiquei feliz por ter conseguido o espaço para realizar minhas aulas de ginástica, mas também chateado por ter “oficialmente” perdido um local tão valioso para minhas aulas. Senti-me frustrado, pois, por minha omissão — e a dos meus colegas professores de Educação Física — ao não utilizarmos esse espaço, acabamos perdendo-o para alguns poucos alunos e professores.

Não que eu considere que os alunos que possuem laudo não mereçam toda a atenção e toda a estrutura que a escola pode oferecer a eles — não é isso. Porém, a escola dispõe de muitos outros espaços para desenvolver atividades com esses alunos, como a biblioteca, o refeitório e o pátio.

Outra coisa que percebi foi que alguns dos professores de apoio não receberam com muita satisfação a perda do espaço. Fizeram comentários carregados de ironia, demonstrando claramente o incômodo de perder o local onde poderiam trabalhar isolados com seus alunos.

Considero este um ponto positivo deste estudo, pois, ao revisar minha prática e ampliar as atividades que efetivamente desenvolvo com meus alunos, comecei a enxergar a escola e seus espaços sob uma perspectiva diferente. Enquanto antes eu focava apenas nas limitações, agora começo a perceber as possibilidades que a escola oferece, inclusive aquelas que foram perdidas.

Na quarta-feira, os horários voltaram a ser os oficiais, então ministrei aula para as mesmas turmas atendidas na segunda-feira. Assim, comecei a aula com a turma 603. A primeira parte da aula foi dedicada ao transporte e montagem dos tatames. Os alunos ficaram muito animados em levar os tatames do porão até a sala de jogos e me ajudaram bastante na montagem, conforme mostram as imagens abaixo:

Imagens 34 e 35: Alunos transportando e montados os tatames.





Fonte: Arquivo do autor

Após a montagem dos tatames, nossa sala de ginástica ficou assim:

Imagem 36: O tatame montado.



Fonte: Arquivo do autor

Neste ponto do texto, faço outra ressalva importante. Infelizmente, esses foram os únicos registros fotográficos que realizei das aulas de ginástica. As aulas foram tão intensas que, por precisar executar e demonstrar movimentos específicos aos alunos — seja para mostrar a técnica, seja para auxiliá-los na execução —, acabava tirando o celular do bolso e esquecendo de registrar as atividades.

A ausência desses registros fotográficos representa uma lacuna significativa, especialmente considerando a relevância histórica desse conteúdo para a instituição escolar. A não documentação dessas práticas corporais resulta na perda de um valioso acervo pedagógico, o que prejudica, inclusive, a elaboração do e-book, recurso educacional fundamental deste estudo.

Terminada a montagem do tatame, iniciamos a aula de alongamento. Realizei diversos exercícios de alongamento estático e dinâmico, começando pela panturrilha, subindo progressivamente e finalizando com a musculatura da coluna cervical.

Especialmente nesta aula com a turma 603, devido ao tempo disponível, limitei a demonstração a alguns tipos de rolamento, explicando que existem diferentes maneiras de rolar: para trás, para frente, com salto, além das variações usadas em lutas e ginástica. Após essa breve demonstração, esclareci que, para evitar acidentes, faríamos apenas o rolamento mais simples. Eu estaria ao lado de

cada aluno, colocando uma mão na coluna cervical e a outra na barriga para auxiliá-los durante o movimento.

Após demonstrar, expliquei que o aluno deveria posicionar os pés paralelos, flexionar levemente os joelhos, apoiar as duas mãos no tatame, encostar o queixo no peito e olhar para o umbigo, a fim de proteger a coluna cervical. Em seguida, deveria abaixar a cabeça lentamente até rolar naturalmente para frente.

Finalizada a demonstração, repeti as orientações para os alunos. A turma 603 realizou os rolamentos na aula seguinte.

Nas aulas das outras turmas, como havia mais tempo disponível, os alunos realizaram o movimento do rolamento já na primeira aula prática. Após a demonstração, eu perguntava aos alunos quem já tinha feito o rolamento antes e pedia que levantassem a mão. Em seguida, perguntava quem nunca havia realizado o movimento e também solicitava que levantassem a mão.

Nas turmas do sexto ano, a maioria dos alunos dizia que já havia brincado de virar cambalhota quando crianças e levantava a mão para responder afirmativamente. Poucos alunos levantavam a mão quando eu perguntava quem nunca havia feito rolamento. No entanto, percebia que alguns alunos não levantavam a mão em nenhuma das perguntas.

Muitos alunos sentiam vergonha de admitir que nunca tinham feito rolamento. Nesse momento, eu explicava que não precisavam ter medo, que bastava prestar atenção na explicação e que eu estaria ao lado deles para protegê-los. Depois disso, fazia uma última observação, dizendo:

“Eu sei que muitos de vocês ‘viraram cambalhota’ quando eram crianças e que fazem diferente do que eu estou ensinando, porém, hoje, vocês vão rolar do jeito que estou mostrando e, mesmo que você seja atleta da seleção brasileira de ginástica, a primeira vez que rolar será do meu jeito. Eu vou colocar minha mão no seu pescoço e na sua barriga, e todo mundo vai rolar, todo mundo. Se sobrar tempo no final da aula – e sempre sobrava – deixarei quem quiser rolar de maneira livre.” (Citação retirada do meu diário de campo, 14/08/2024).

Fico preocupado com o movimento de rolamento. A primeira vez que ensinei o rolamento aqui no Barão, há muitos anos, um aluno tentou executar o movimento, mas não conseguiu. Como ele não encostou o queixo no peito, ficou parado com a cabeça apoiada no chão e as pernas para cima, sem conseguir rolar para frente nem

para trás. Naquele momento, fiquei bastante assustado, mas agi rapidamente para auxiliá-lo a completar o movimento com segurança.

Confesso que fiquei um pouco traumatizado com essa situação. Por isso, hoje, quando ensino o rolamento, me preocupo muito com a segurança dos alunos. Outra questão que me preocupa são os alunos que dizem saber virar cambalhota e, por isso — em anos anteriores — eu os deixava rolar livremente, mas que faziam o movimento de forma incorreta, correndo o risco de se machucar. Por isso, enfatizo tanto a segurança com meus alunos e insisto que rolem “do meu jeito”.

Terminada a explicação, eu ficava ajoelhado no chão, ao lado dos alunos, e ia chamando um por um, alternando meninas e meninos, que estavam sentados nos cantos do tatame, para se dirigirem ao centro. Pedia que se posicionassem conforme eu havia explicado e demonstrado com um colega, para que eu pudesse colocar a mão na cervical e na barriga deles, ajudando-os a rolar. Quando os alunos terminavam o rolamento, eu, brincando, os rolava para o lado e dizia “próximo” (ou “próxima”).

Parte considerável dos alunos rolava com naturalidade. Porém, alguns tinham muito medo de rolar — alguns por nunca terem feito o movimento antes, outros por terem tido experiências negativas quando eram pequenos. Houve até o caso de uma aluna que contou que a mãe havia proibido ela de rolar. Também havia alunos que se recusavam a rolar, outros que tentavam mudar de lugar na fila para evitar o movimento, mas os próprios colegas os denunciavam. Nesses casos, eu chamava o aluno, conversava com ele, o acalmava, tentava passar segurança e explicava que eu estava ali para protegê-los e que eles iriam conseguir rolar.

A insegurança dos alunos em relação às atividades de ginástica ficou evidente na avaliação mensal, por meio do relato da aluna Sophie (turma 606). Tenho um carinho especial por ela, pois a conheço desde pequena — é filha do professor Max, que leciona História aqui no Barão. Mesmo antes de ser minha aluna, eu a encontrava com frequência na escola, seja nas festas, seja no dia a dia. Na avaliação mensal, solicitei aos alunos que relatassem suas experiências nas aulas de ginástica e avaliassem os movimentos aprendidos. A aluna Sophie respondeu da seguinte forma:

> Eu gostei, doeu um pouco fazer os alongamentos, mais eu lembrei de alguns e tô fazendo em casa, gostei dos movimentos que eu

> nunca tinha feito, nem rolamento, nem ponte, só que é engraçado pois você tem medo mais passa em um segundo, ri bastante também.

Todos os alunos executaram o movimento de rolar, sendo que alguns necessitaram de assistência para completá-lo, seja através do suporte no pescoço ou de um leve impulso nas costas. Aqueles que demonstraram capacidade para executar o rolamento de forma autônoma durante a primeira tentativa foram, ao final da aula, autorizados a fazê-lo sem auxílio.

Após a execução do movimento do rolamento, iniciei o desenvolvimento do movimento da ponte. Agi de forma semelhante ao procedimento adotado no rolamento: começava a aula com alongamentos, e ao final, pedia que os alunos se sentassem nas laterais do tatame. Em seguida, eu me posicionava no centro e convidava um aluno ou uma aluna para demonstrar o movimento.

Antes de iniciar a demonstração, eu explicava que a ponte é um movimento simples e que, com um pouco de treino e sendo feito corretamente, todos conseguiriam realizá-lo. Porém, enfatizava que, ao praticar em casa, deveriam tomar cuidado com a superfície: ela precisava estar seca e não escorregadia, preferencialmente sobre um colchonete ou tatame, para garantir o posicionamento correto da coluna cervical durante o movimento. Também recomendava que pedissem ajuda aos pais nas primeiras tentativas, a fim de evitar acidentes.

Feito isso, pedia para que o aluno ou aluna deitasse de costas no chão, com os joelhos flexionados, jogasse os braços para trás, dobrasse os cotovelos e colocasse as pontas dos dedos encostadas ou próximas aos ombros. Para facilitar o posicionamento das mãos, sugeria que imitassem um garçom segurando uma bandeja, com as palmas voltadas para cima e as pontas dos dedos direcionadas aos ombros.

Com o aluno corretamente posicionado, explicava que o movimento seria realizado em dois tempos. No primeiro tempo, ele deveria tirar o quadril do chão; nesse momento, eu colocaria minha mão direita sobre a coluna lombar do aluno para apoiá-lo. Em seguida, o aluno faria força com os braços para finalizar a ponte; nessa segunda etapa, eu colocaria minha mão esquerda sobre a região cervical para protegê-lo.

Assim, o aluno deveria relaxar o pescoço ao subir e dobrá-lo ao descer, até encostar o corpo todo no chão. Nesse instante, novamente girava o aluno de lado e chamava o próximo.

Da mesma forma que no rolamento, eu explicava para os alunos que, na primeira vez, todos fariam o movimento do meu jeito, e que, no final da aula, aqueles que quisessem poderiam realizá-lo livremente. Claro que, se eu percebesse que algum aluno não conseguisse fazer sozinho, eu não permitiria. Todos os alunos realizaram o movimento.

A percepção de parte dos alunos sobre o movimento da ponte pode ser, de certa forma, resumida na resposta que a aluna Emilly, da turma 602, deu à mesma questão respondida anteriormente pela Sophie. Emilly disse:

> Eu gostei muito das aulas, pois é um dos meus sonhos “i” na UFMG fazer ginástica, eu gostei dos movimentos e o meu movimento favorito é a ponte, pois realizo bastante lá em casa todos os dias eu faço ponte e estrelinha.

Destaco também a resposta do aluno Kauã da turma 607:

> As experiências foram muito boas mas eu ainda queria aprender mais movimentos de ginástica mais acrobacias mas tudo o que eu aprendi eu dei o meu melhor nas cambalhotas nas estrelinhas e até a ponte que eu não sabia fazer.

Terminada a prática do movimento da ponte, iniciamos o treinamento da roda, popularmente conhecida como “estrela”. Comecei a aula dizendo que, quando eu era criança — no milênio passado — fazia estrela muito bem, mas que, hoje, “duzentos anos depois” e com uns “duzentos quilos a mais”, já não conseguia fazer uma estrela tão bem feita.

Dizia ainda que, da última vez que tentei ensinar esse movimento para os alunos de outra escola, acabei caindo de “bumbum” no chão e passei a maior vergonha. Mesmo assim, eu iria demonstrar o movimento para eles, mesmo correndo o risco de “pagar o maior mico”. Naquele momento, eu fazia a demonstração: uma estrela “meio desmilinguida”, mas ainda assim, uma estrela. Normalmente, os alunos batiam palmas. Ah! E o mais importante: sem cair de “bumbum” no chão.

Para ensinar o movimento da roda, utilizei uma dinâmica semelhante à dos outros movimentos. Novamente, explicava o passo a passo do movimento,

convidava um aluno para ir ao tatame, demonstrava detalhadamente o que ele deveria fazer, posicionava-me ao seu lado, segurava-o e ajudava-o a girar no ar. Reforçava que, na primeira tentativa, todos deveriam fazer do meu jeito, mas que, caso sobrasse tempo, no final da aula poderiam realizar o movimento livremente.

Infelizmente, o mês de agosto passou muito rápido. Além de termos poucas aulas e um tempo limitado para utilizar a sala e o tatame, recebi autorização para usar o espaço por apenas um mês. Durante esse período, ainda enfrentamos alguns imprevistos: um feriado de dois dias, a aplicação da prova do CAED que retirou mais dois dias, o adiamento do campeonato de futebol para agosto, o que fez perdermos mais um dia, e a realização da avaliação mensal conforme o calendário da escola. Por conta de tudo isso, precisei alterar novamente o planejamento inicial e não conseguimos desenvolver mais movimentos de ginástica, ficando um claro “gostinho de quero mais”, tanto para os alunos quanto para mim.

Nas aulas finais de ginástica, conforme explicado anteriormente, ministrei uma aula teórica sobre ginástica de condicionamento físico e uma aula prática em que desenvolvemos as capacidades de força, velocidade, resistência e flexibilidade. Como os alunos já haviam vivenciado o conteúdo dos movimentos básicos de ginástica — que, segundo a BNCC, deve ser ministrado do 1º ao 5º ano no âmbito da ginástica geral — aproveitei para conversar com eles sobre as diferenças entre essas modalidades.

Compreendo que a ginástica é um conteúdo — amplo e enriquecedor — e que as divisões estabelecidas de forma arbitrária pela BNCC pouco contribuem, de fato, para a aprendizagem dos alunos. No entanto, naquele momento, considerei interessante destacar diferentes nuances dessa prática corporal, justamente para que os alunos pudessem reconhecer essas distinções. Contudo, ao refletir posteriormente, após uma conversa com a Cássia, percebi que poderia ter adotado uma abordagem diferente. Teria sido possível, por exemplo, utilizar nas aulas de condicionamento físico os próprios movimentos fundamentais da ginástica.

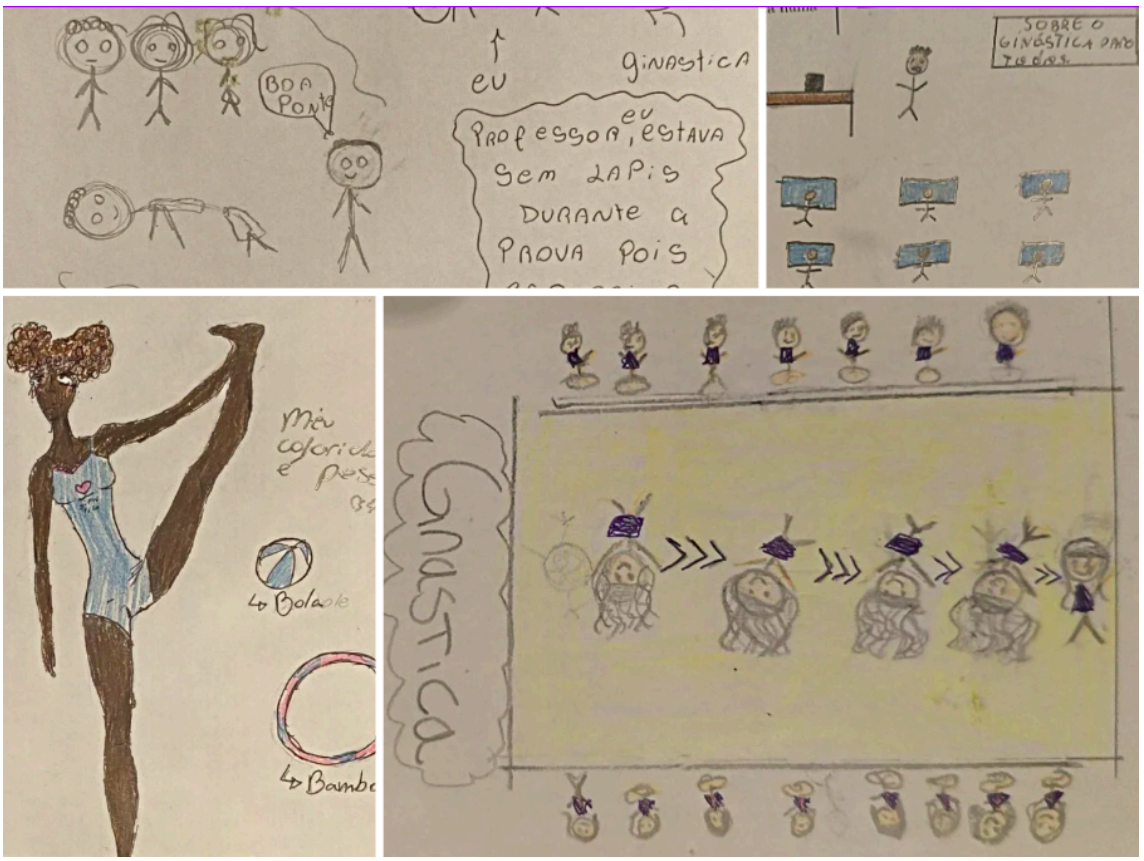
A maioria deles disse preferir estudar os movimentos de ginástica, alguns disseram que nunca haviam realizados movimentos como aqueles nas escolas em que estudavam anteriormente, e que gostaram muito de aprender tais movimentos. Uma questão que me chamou muita atenção foi que os alunos gostaram muito dos

alongamentos, há várias menções disso nas provas e nas conversas que tivemos. Para exemplificar isso cito a resposta aluna Nathália da turma 607:

> As aulas de ginástica foram muito boas pra mim. Porque elas me ajudaram com a minha auto-estima que tava péssima, e também ajudou muito no meu estilo de vida, contudo agora que eu decore todos os alongamentos e eu faço eles todos os dias.

Foi muito gratificante ter desenvolvido o conteúdo de ginástica com meus alunos, eles aprenderam muito e se divertiram bastante. Para o próximo ano terei como desafio reconquistar a nossa sala de jogos e desenvolver mais o conteúdo de ginástica com as novas turmas.

Imagem 37: Registro dos alunos das aulas de Ginástica



Fonte: Desenhos feitos por discentes - Arquivo do autor[25]

[25] Na primeira linha à esquerda: A ponte - Lucas Gil da Silva (608); à direita: Aula teórica de Ginástica - Isabelly Vitória Santana (601); Na segunda linha à esquerda: A Ginasta - Gabriela Castro (603), à direita: Aula de roda ou "estrela" no tatami: Débora Karoline - (601).

4.4 O PARKOUR

O Parkour está inserido na BNCC dentro das práticas corporais de aventura. Desenvolver essa prática nas aulas de Educação Física do Barão foi um grande desafio; contudo, foi o conteúdo que mais gerou reflexões e, consequentemente, renovações na minha prática pedagógica.

Em primeiro lugar, porque eu nunca havia desenvolvido diretamente nenhuma modalidade das Práticas Corporais de Aventura. Não tinha familiaridade com esses conteúdos e nunca havia praticado nenhuma das modalidades dessa unidade temática — com exceção do paraquedismo, que, no contexto deste estudo, não teve muita utilidade. Além disso, sentia medo de que meus alunos se machucassem durante as aulas e acreditava que a escola não dispunha da estrutura necessária para desenvolver atividades desse tipo.

Conhecia muito pouco sobre o Parkour. Meus únicos contatos com essa prática foram por meio do filme *Assalto à 13º DP*, um filme de ação de 2005 que apresentou o Parkour para o mundo, além de vídeos na internet mostrando praticantes executando movimentos extremamente complexos, que exigem alto grau de perícia e envolvem certo risco. Considerava esses movimentos demasiadamente complexos e perigosos para serem desenvolvidos na escola. Jamais imaginei que teria de trabalhar essa prática. Contudo, como os alunos escolheram essa modalidade, foi necessário que eu pesquisasse sobre o conteúdo, me aprofundasse na história e nos movimentos básicos e, o mais importante, procurasse na escola espaços adequados para desenvolver os movimentos dessa prática.

Esse foi o ponto mais importante e que provocou mudanças na minha prática pedagógica. Comecei a “enxergar a escola com outros olhos”, “reconhecendo” espaços e estruturas da escola e passando a vê-los como “equipamentos” para o desenvolvimento das práticas corporais. O banco que fica ao lado da quadra se tornou um ótimo lugar para a realização do *Precision Jump,* o minianfiteatro de repente se transformou em um ótimo equipamento para ensinar o *Safety Vault* e o *Lazy Vault*.

E o mais importante de tudo, a verdadeira “cereja do bolo”, foi ressignificar o cantinho abandonado da escola. No início deste estudo, um dos meus objetivos era utilizar esse espaço nas aulas de Educação Física, embora ainda não tivesse conseguido. Porém, foi exatamente ali que a maior parte das práticas de *Parkour* foi

desenvolvida. Nesse local, aprendemos os movimentos *Wall Run*, *Tic Tac*, além de técnicas de aterrissagem típicas do *Parkour*. No final, todo o pátio da escola se transformou em um grande circuito de *Parkour*.

4.4.1 Práticas Corporais de Aventura

Franco, Cavasini e Darido (2014) explicam que, ao longo dos séculos, a necessidade de superar os obstáculos e desafios impostos pela natureza resultou na criação de técnicas e equipamentos que hoje formam a base das Práticas Corporais de Aventura. O que no passado era uma necessidade, atualmente se transformou em um desejo de entrar em contato com a natureza, superar os próprios limites ou buscar o retorno à essência humana.

Cantorani e Pilatti (2005) explicam que, ao longo da história da humanidade, sempre existiram práticas que envolviam desafios, aventuras e fortes emoções. No entanto, essas práticas não se enquadravam na categoria de “esportes de aventura”, devido à ausência de um processo formal de esportivização, caracterizado pela institucionalização de normas específicas estabelecidas por órgãos reguladores.

Tahara e Darido (2016) destacam que as discussões sobre temáticas relacionadas ao meio ambiente, à natureza e às práticas corporais de aventura vêm se consolidando, nos últimos anos, no meio acadêmico e científico — e, com a Educação Física, não poderia ser diferente. As Práticas Corporais de Aventura passaram a integrar oficialmente os conteúdos obrigatórios da Educação Física escolar a partir da publicação da Base Nacional Comum Curricular (INÁCIO, 2021).

Segundo Alves e Corsino (2013, p. 248-249), o *Parkour* é uma prática corporal de aventura relativamente recente, surgida na França no final do século XX. Caracteriza-se por movimentos de transposição de obstáculos, saltos e aterrissagens. Trata-se de uma modalidade urbana, inserida no conjunto dos esportes de aventura, cuja proposta não está centrada na competitividade, mas na superação pessoal e no deslocamento eficiente pelo ambiente.

De acordo com os autores, a inserção do *Parkour* no currículo escolar está alinhada às novas perspectivas pedagógicas, promovendo a ressignificação das práticas curriculares tradicionais. Essa abordagem implica uma análise crítica do currículo e a adoção de atividades contemporâneas que dialogam com a realidade

corporal dos estudantes, incentivando a exploração e a criação de novas formas de movimento.

Pode-se afirmar que o *Parkour* representa uma releitura dos gestos presentes nas atividades competitivas, com a vantagem de não estar centrado na lógica da vitória ou da derrota, mas sim na busca pela autossuperação e na vivência das emoções proporcionadas por essa prática corporal de aventura urbana.

Essa breve contextualização inicial foi fundamental para que tanto eu quanto os alunos compreendêssemos um pouco mais sobre o Parkour e sua origem. No entanto, ela não se mostrou suficiente para que pudéssemos vivenciar, de forma segura e adequada, os movimentos específicos dessa prática corporal. Diante disso, percebi a necessidade de recorrer a outras fontes, menos tradicionais, para aprofundar o desenvolvimento desse conteúdo. Assim, foram utilizados vídeos disponíveis no *YouTube* e pesquisas em sites especializados na modalidade.

4.4.2 Conhecendo o Parkour

Iniciei este conteúdo com uma aula teórica[26] produzida no *Canva*. Nessa aula, fiz uma breve introdução sobre o que são as Práticas Corporais de Aventura, apresentando suas classificações — urbanas e rurais — conforme descritas na BNCC, e forneci alguns exemplos com o objetivo de tornar os conhecimentos mais concretos e acessíveis aos alunos.

Terminada essa parte inicial, foquei especificamente no Parkour. Falei brevemente sobre sua história e apresentei os movimentos básicos. Em seguida, exibi dois vídeos para os alunos. O primeiro foi um trecho do filme *Assalto à 13ª DP*. Como se trata de um filme com muitas cenas de violência e com classificação etária inadequada para meus alunos, selecionei apenas as partes que destacavam os movimentos de *Parkour*. Posteriormente, escolhi um vídeo no YouTube de um youtuber com idade semelhante à dos meus alunos, que ensinava movimentos básicos de *Parkour* em uma linguagem acessível e próxima à realidade deles. Durante a exibição, vários alunos reconheceram o *youtuber* e comentaram que já haviam assistido a seus vídeos. A apresentação e os links dos vídeos mencionados

[26] Apresentação disponível em: https://www.canva.com/design/DAGQNvBmPuo/43NJLBGavk5Jg6T2QsxWsw/edit?utm_content=DAGQNvBmPuo&utm_campaign=designshare&utm_medium=link2&utm_source=sharebutton

estão na apresentação do *Canva*[27]. Na segunda aula desta semana realizamos nossa avaliação bimestral.

Essa avaliação valia 7 pontos e foi composta por 7 questões, sendo 5 objetivas e 2 subjetivas. As questões objetivas abordavam as práticas corporais desenvolvidas ao longo do terceiro bimestre, especialmente a ginástica e o *Parkour*. Já as questões subjetivas tratavam da percepção dos alunos sobre a participação no campeonato de futebol e neste estudo, com ênfase na experiência de terem contribuído para a escolha dos conteúdos.

Na primeira aula prática de *Parkour*, realizamos o movimento chamado *Precision Jump.* Esse movimento consiste em saltar de um obstáculo, como um muro, para outro, com um espaço entre eles. Para executar o movimento corretamente, é necessário flexionar os joelhos, impulsionar os braços para cima com força e saltar, aterrissando do outro lado com os pés paralelos.

Ao chegar com os alunos ao lado da quadra, organizei uma fila e demonstrei o movimento uma vez. Em seguida, comecei a chamar os alunos para executar a atividade. Eles deveriam correr, parar sobre o banco ao lado da quadra, pular para um “murinho” próximo à rede, descer correndo e voltar para o final da fila, conforme mostrado na imagem abaixo:

Imagem 38: Aluna executando o movimento Precision Jump



[27] Apresentação disponível em: https://www.canva.com/design/DAGQOWrLXqw/OZtHFBfAlMdBm5a35jt1ww/edit?utm_content=DAGQOWrLXqw&utm_campaign=designshare&utm_medium=link2&utm_source=sharebutton

Fonte: Arquivo do Autor

No segundo exercício, o aluno realizava o movimento inverso, pulando do murinho para o banco, aumentando a complexidade devido à maior altura do banco em relação ao murinho.

Imagem 39: Aluno executando o movimento Precision Jump



Fonte: Arquivo do Autor

No último exercício, os alunos deveriam realizar os dois saltos consecutivamente antes de retornar à fila: primeiro, pular do murinho para o banco, parar e se posicionar de frente para o murinho; em seguida, saltar do banco para o murinho, descer correndo pelo murinho e voltar para o final da fila.

A maioria dos alunos teve facilidade em realizar esse movimento, especialmente o salto do banco para o murinho, pois a diferença de altura entre os dois facilitava a execução. Durante todo o exercício, eu permanecia ao lado do local onde os alunos realizavam o salto para orientá-los, oferecer feedback e auxiliar quem precisasse.

Alguns alunos sentiram um pouco de receio e tiveram mais dificuldade para realizar o segundo exercício da aula, que consistia em pular do murinho para o banco, justamente por causa da diferença de altura. Aqueles que se sentiam inseguros recebiam minha ajuda, segurando suas mãos para que conseguissem

realizar a tarefa uma vez; depois, eu pedia que tentassem sozinhos. Assim, quase todos os alunos conseguiram realizar o segundo salto.

Na segunda aula desta semana, ensinei dois novos movimentos: *Safety Vault e Lazy Vault.* Esses movimentos foram realizados entre o muro e o anfiteatro da escola. Como atrás do anfiteatro há uma árvore e um pequeno muro em volta da quadra, a altura entre esses elementos se tornou ideal para a execução dos movimentos, conforme mostra a imagem abaixo:

Imagem 40: Aluno realizando o movimento Safety Vault



Fonte: Arquivo do Autor

Ambos os movimentos são usados para superar obstáculos, porém de maneiras ligeiramente diferentes. O *Safety Vault* é mais simples: quando encontramos um obstáculo que queremos transpor, basta apoiar as duas mãos sobre ele, colocar um dos pés e saltar por cima.

Já no *Lazy Vault*, posicionamo-nos de lado em relação ao obstáculo, apoiamos sobre ele a mão mais próxima, chutamos com a perna do mesmo lado para cima, transpondo o obstáculo, e depois passamos a outra perna, conforme a imagem 37. Nesse movimento, trabalhamos os dois lados do corpo alternadamente. Após essa aula, alguns alunos disseram que gostaram tanto do movimento que passaram o recreio inteiro treinando e se divertindo com ele.

No Barão, de modo geral, os alunos dispõem de tempo e espaço limitados para o desenvolvimento de práticas corporais fora das aulas de Educação Física. A direção escolar restringe a prática de jogos com bola no pátio e mantém a quadra esportiva fechada durante os horários de entrada e durante o recreio. Além disso, o intervalo do recreio, com duração de apenas 20 minutos, revela-se insuficiente para que os alunos se alimentem adequadamente e utilizem as instalações sanitárias. Nesse contexto, a introdução do *Parkour* possibilitou a realização de práticas corporais durante o recreio, contribuindo para a dinamização e ressignificação do ambiente escolar.

Na aula seguinte — que ocorreu na semana seguinte — ensinei dois outros movimentos: o *Tic-Tac* e o *Wall Run*. Esses movimentos foram praticados no "cantinho abandonado" da escola. O *Tic-Tac* é bem simples e é utilizado quando se está correndo e se deseja mudar de direção rapidamente. O aluno corre, apoia o pé na parede, impulsiona-se contra ela e realiza a mudança de direção, conforme a sequência de imagens abaixo.

Imagem 41: Sequência de imagens do aluno realizando o movimento execução do Tic-tac



Fonte: Arquivo do Autor

Depois que todos os alunos realizaram o *Tic-Tac*, praticamos nosso último e mais complexo movimento do *Parkour*: o *Wall Run*. Esse movimento é utilizado para subir muros ou paredes e é realizado da seguinte maneira: corremos em direção ao obstáculo, e, ao chegar bem perto, apoiamos um dos pés na parede. Esse pé impulsiona o corpo para cima, como se fosse dar um passo, enquanto usamos os

braços para alcançar o topo do obstáculo. Ao agarrar o alto do muro, utilizamos braços e pernas para completar a escalada.

Imagem 42: Sequência de imagens de um aluno realizando o *Wall Run.*



Fonte: Arquivo do Autor

Quando planejei a aula desse movimento, imaginei que a maioria dos alunos realizaria corretamente e conseguiria subir no muro da escola. Contudo, na prática, a realidade foi diferente. Embora a maioria conseguisse executar o movimento corretamente, poucos conseguiram realmente subir no muro. Apenas um aluno conseguiu. Apesar disso, os demais não ficaram desanimados; pelo contrário, mostravam entusiasmo, pedindo para tentar várias vezes. Diante disso, decidi, nas aulas seguintes, criar um exercício intermediário para facilitar o aprendizado.

No ““cantinho abandonado” há um murinho localizado do lado oposto ao muro alto. Por ser bem menor, esse murinho era mais adequado para vivenciarmos a técnica do *Wall Run* pela primeira vez. Assim, nas aulas seguintes, depois de treinarmos o *Tic-Tac*, começávamos fazendo o movimento no murinho antes de tentar subir o muro mais alto. Dessa forma, quase todos os alunos conseguiram executar o movimento com técnica adequada, o que os deixou mais preparados para enfrentar o desafio do muro maior.

Imagem 43: Aluno realizando o *Wall Run* simplificado.



Fonte: Arquivo do Autor

Ainda neste movimento, ensinei os alunos a aterrissarem no chão. Eles deveriam pular e apoiar as duas mãos no solo ao cair. Essa forma de aterrissagem proporciona maior segurança e facilita a mudança de direção.

Imagem 44: Aluna realizando a aterrissagem.



Fonte: Arquivo do Autor

As turmas que praticaram o movimento no murinho primeiro apresentaram um maior número de alunos capazes de subir no muro maior. Foi interessante perceber que eu havia subestimado a dificuldade para meus alunos; imaginei que eles conseguiriam subir o muro da escola com facilidade, mas, ao perceber que o

movimento era mais complexo do que esperava, decidi simplificar a atividade, utilizando um obstáculo menor para que compreendessem o movimento com um grau de dificuldade menor, aumentando assim as chances de sucesso na subida do muro maior.

O mais interessante é que os alunos gostaram muito dessa atividade. Como sempre sobravam cerca de dez minutos ao final da aula, muitos pediam para tentar subir no muro alto, e, com essas tentativas extras, vários outros alunos e alunas conseguiram escalar o muro.

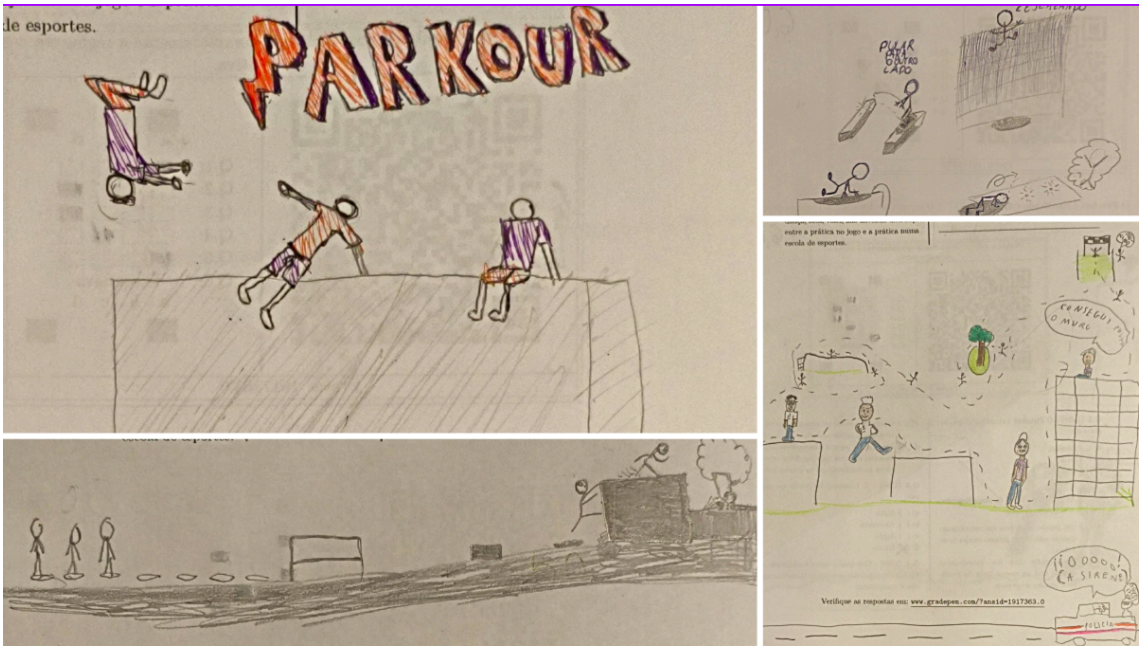
Após o ensino dos movimentos básicos do *Parkour*, planejei para a última aula um circuito que integrava todos os movimentos praticados, realizados em diferentes espaços da escola.

O percurso do circuito era o seguinte: os alunos iniciavam encostados no muro da escola, no cantinho abandonado. A partir daí, corriam em direção ao muro menor, onde realizavam o *Wall Run*, caminhavam por cima dele, saltavam e aterrissavam com as duas mãos no chão — nesse momento, o próximo aluno da fila iniciava o percurso. Em seguida, o aluno corria até a quadra e executava o *Precision Jump*, pulando do murinho para o banco e retornando para ele. Depois, descia em direção ao anfiteatro para realizar o *Safety Vault ou o Lazy Vault*. Após esse movimento, retornava ao cantinho abandonado passando por cima do murinho do jardim dos laboratórios, saltava, aterrissava e corria em direção ao muro baixo do cantinho abandonado, onde realizava o *Tic-Tac*. Finalmente, ficando de frente para o muro grande, corria em sua direção e tentava o *Wall Run*; caso conseguisse, descia do muro e encerrava o circuito. Os alunos levavam entre um e três minutos para completar todo o percurso.

O circuito de *Parkour* foi o último conteúdo desenvolvido neste estudo, marcando o encerramento do terceiro bimestre escolar. Particularmente, foi a atividade que mais gostei de desenvolver com meus alunos.

Foram vários os motivos dessa minha predileção. Em primeiro lugar, porque consegui desenvolver uma Prática Corporal de Aventura, algo que nunca havia trabalhado antes; em segundo lugar, por ter vivenciado e aprendido o básico do *Parkour* — uma prática muito interessante que agradou tanto a mim quanto aos meus alunos; e, por último, por ter aprendido um conteúdo que poderei ensinar novamente aos meus alunos nos próximos anos.

Imagem 45: Registros dos alunos das aulas de Parkour.



Fonte: Desenhos feitos por discentes - Arquivo do autor[28]

[28] Na primeira linha à esquerda: Parkour - Pedro Dias Faria (604); à direita: Movimentos de Parkour - Flávio Eduardo de Castro (601). Na segunda linha à esquerda: Pista de Parkour com obstáculos - Lucas Silva dias (601); à direita: Circuito final de Parkour - Isadora Souza Silva (605).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo elaborar um planejamento participativo, permitindo que a comunidade escolar, especialmente os alunos, contribuíssem na escolha das práticas corporais a serem desenvolvidas ao longo do segundo e terceiro bimestres de 2024.

A escolha pela construção de um planejamento participativo surgiu como uma forma de envolver a comunidade escolar na resolução de um problema enfrentado pela Escola Estadual Barão do Rio Branco. Esse problema consiste em como desenvolver as práticas corporais exigidas pelos documentos orientadores em uma escola que carece de espaços e materiais adequados para sua realização, levando em consideração também os anseios da comunidade escolar.

Nessa perspectiva, mais do que simplesmente cumprir as exigências dos documentos orientadores, este estudo buscou conhecer e ouvir os alunos da escola, para também atender aos seus desejos e sonhos.

Esse processo como um todo foi bastante desafiador. Em primeiro lugar, porque o ato de planejar, por si só, já é uma atividade complexa, que exige conhecer os documentos orientadores, a escola e os estudantes. Em segundo lugar, porque, além de planejar, tive que lidar com diversas questões externas à própria escola, como determinações da Secretaria de Educação, alterações no calendário, paralisações, avaliações, entre outras.

Em terceiro lugar, talvez o ponto mais desafiador de todo esse processo foi lidar com o “novo”. Isso se manifestou de diversas formas ao longo do estudo, desde aprender a ouvir os alunos até permitir que a vontade da maioria prevalecesse sobre os temas que eu gosto e nos quais tenho mais facilidade de desenvolver.

Mas esses desafios transformaram completamente a minha prática docente, especialmente no que diz respeito ao planejamento. Hoje, encaro essa questão com muito mais seriedade. Em muitas ocasiões no passado, para mim, planejar significava apenas produzir um documento burocrático — feito, na maioria das vezes, às pressas e com pouca boa vontade — para entregá-lo à supervisão da escola. Eu sabia que esse documento seria recebido, arquivado, guardado no fundo de uma gaveta e praticamente nunca mais utilizado.

Hoje, por outro lado, considero o planejamento algo fundamental, que dá sentido e enriquece minhas aulas, além de estimular a participação dos alunos. Quando desenvolvo um conteúdo, planejo, sistematizo e organizo, ele se torna muito mais interessante e dinâmico, e o tempo passa rapidamente, quase voando. Em várias ocasiões, eu tinha tanto para ensinar e vivenciar com os alunos que desejava que a aula tivesse alguns minutos a mais ou que eu dispusesse de mais encontros para aprofundar determinados conteúdos. Ficava sempre aquele “gostinho de quero mais” — e percebia que os alunos também sentiam o mesmo, querendo aprender e vivenciar ainda mais.

Ainda sobre o planejamento, tive que aprender também a ser flexível. Como antes eu o elaborava de forma bastante superficial, durante este estudo fui de um extremo ao outro, criando um planejamento muito rígido e fechado. Percebi, porém, que essa não foi uma boa opção. A escola tem uma dinâmica própria, uma vida própria, e há diversos fatores que interferem nas aulas e atividades — seja uma chuva, um dia de paralisação, uma alteração no calendário. Eu mesmo, ao longo deste ano, impactei bastante o cotidiano da escola, seja por causa dos ensaios para a Festa Julina, seja organizando uma apresentação de dança, ou levando todos os alunos do sexto ano para um campeonato de futebol fora da escola.

Além disso, precisei lidar com conteúdos que jamais havia desenvolvido. Iniciamos o ano conhecendo a história da escola e, posteriormente, vivenciamos o futebol, as danças urbanas (funk), a ginástica e o *Parkour*.

Conhecer a história da escola foi uma aventura apaixonante tanto para mim quanto para os alunos. Tudo começou devagar, com alguns documentos aqui, umas imagens ali, alguns artigos acolá. Esses pequenos achados, esses vestígios, foram ganhando corpo aos poucos e, no final, nos ajudaram a compreender o quão rica é a história da escola e como a Educação Física — pela presença da Gymnástica, da dança e de outras práticas corporais — se desenvolveu ao longo de mais de 100 anos. Reconhece-se, contudo, que esse conhecimento representa apenas uma pequena parte dessa história, permanecendo muitas lacunas e perguntas que demandam futuras investigações. Quanto aos alunos, percebo que eles se encantaram com a história da escola e, mais do que isso, compreenderam que também fazem parte dessa história, sentindo-se orgulhosos de estudar no Barão.

A escassez de tempo constituiu uma limitação significativa para o aprofundamento da pesquisa acerca da história da escola, restringindo a busca por evidências adicionais e o preenchimento de lacunas. Cumpre ressaltar que a elaboração desta dissertação coexiste com um conjunto muito diversificado de responsabilidades. Na esfera profissional, exerço a docência em duas instituições de ensino, totalizando uma carga horária de trinta e seis aulas semanais, além das demandas inerentes à preparação e correção de instrumentos avaliativos e atividades didáticas. Adicionalmente, durante as etapas iniciais do programa de mestrado, a participação em aulas nos fins de semana e a realização de diversas tarefas semanais, com postagem no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), demandaram tempo significativo. No plano pessoal, sou casado, pai de uma filha de nove anos que requer atenção constante. Filho de pais idosos, possuo um círculo social ativo e dedico-me à prática de artes marciais, sendo igualmente imprescindível reservar momentos para descanso. A conciliação dessas múltiplas esferas da vida demonstrou-se muito complexa e, consequentemente, a dedicação ao desenvolvimento deste estudo exigiu concessões em todas essas dimensões. Contudo, reconheço a relevância do esforço empreendido e manifesto minha gratidão pela compreensão demonstrada por todos aqueles que compartilham meu dia a dia.

Com relação às práticas corporais, vivenciamos o futebol em uma escola que dispõe apenas da nossa querida e famosa "gaiola" como espaço para as atividades. Em razão desse conteúdo, pude perceber a vontade de participação dos alunos, que se engajaram, refletiram, sugeriram, organizaram-se e contribuíram na construção deste aprendizado, cuja culminância foi um campeonato de futebol realizado em um campo.

Vivenciamos o Funk e realizamos uma apresentação de coreografias; jamais poderia ter imaginado que conseguiria fazer isso. A dança sempre foi um conteúdo que me incomodou — infelizmente, não gosto de dançar, sou muito desengonçado e sentia medo de me expor perante os meus alunos. Mas consegui, de certa forma, superar essas limitações. Contudo, faltou-me dedicar um pouco mais, principalmente ao festival. Deveria ter tido mais tempo para organizar melhor os alunos, realizar mais ensaios e definir papéis diferentes para aqueles que não iriam dançar — assim

como foi feito no campeonato de futebol. Reflito que deveria ter adiado a data do festival para termos mais tempo para sua produção.

A utilização do tatame para o desenvolvimento dos movimentos básicos de ginástica revelou-se uma prática pedagógica eficaz, proporcionando um ambiente seguro e confortável para os alunos. Essa segurança física contribuiu para que os alunos se sentissem mais à vontade na execução dos movimentos. Ressalta-se a perda do espaço destinado à sala de jogos. No presente ano letivo, embora o conteúdo específico de ginástica ainda não tenha sido abordado, eu, juntamente com a professora Iolanda — responsável pela disciplina de Educação Física dos alunos do sétimo ano — temos utilizado esse espaço para a condução de jogos e brincadeiras, conteúdo programático do primeiro bimestre. No segundo bimestre, pretendo utilizá-lo para o desenvolvimento de danças urbanas. Essa utilização configura-se, em parte, como uma estratégia de demarcação e apropriação do espaço em questão.

E, por fim, consegui desenvolver o Parkour. Jamais imaginei que meus alunos pudessem vivenciar essa prática, pois a considerava muito perigosa e sempre tive receio de que se machucassem. Além disso, essa foi a primeira vez que ministrei efetivamente a unidade temática de Práticas Corporais de Aventura. Achava que esse conteúdo não seria aplicável na minha escola, principalmente devido às condições objetivas de espaço e materiais disponíveis. Percebi que estava errado novamente.

Outra lição que aprendi foi que a Educação Física não precisa ficar limitada a um espaço específico da escola, como a quadra. Durante todo o desenvolvimento deste estudo — que durou aproximadamente seis meses — utilizei a quadra por apenas duas ou três semanas.

Aprendi que o espaço da Educação Física é a escola inteira: o pátio, a sala de aula, o auditório, a sala de jogos (que se transformou em sala de ginástica enquanto desenvolvíamos as aulas desse conteúdo), o laboratório de informática, o cantinho abandonado, a arquibancada, o muro da escola, o campo de futebol, a fachada da escola e, de vez em quando, a quadra também. Com isso, compreendi que, por mais limitações que a escola tenha, devemos buscar e “enxergar” as potencialidades que ela oferece.

Sobre a quadra e as práticas esportivas desenvolvidas nela, sei que os alunos sentiram falta da queimada e do “fut”. No entanto, percebi que, de maneira geral, eles gostaram muito de aprender novos conteúdos e que, diante disso, não foi “tão sofrido assim” nem “tão chato” ficar sem praticar essas atividades tradicionais. Parece que, assim como eu, eles também compreenderam que lidar com o novo pode ser muito divertido e gratificante.

Mas, de tudo o que aprendi, sem sombra de dúvida, o mais importante foi ouvir os meus alunos. Neste ano, tive uma relação mais próxima com eles. Precisei me abrir um pouco mais, e também deixei que eles se aproximassem de mim. Eles foram fundamentais para o desenvolvimento deste estudo, ajudando-me muito, sempre demonstrando muita boa vontade em participar das atividades, engajando-se nas discussões e no desenvolvimento das tarefas, trazendo sugestões para as aulas. Sem dúvida alguma, posso dizer que eles sempre estiveram ao meu lado.

O desenvolvimento do estudo revelou a necessidade de revisão de alguns aspectos metodológicos e pedagógicos. A implementação de um sistema de votação alternativo, que não dependa dos dispositivos pessoais ou da internet dos alunos — como a utilização do laboratório de informática da escola — facilitaria o processo e ampliaria a participação de todos.

Além disso, a experiência evidenciou a importância de uma atenção redobrada às vulnerabilidades socioeconômicas dos estudantes, demandando um planejamento ainda mais cuidadoso para evitar exclusões em atividades, como ocorreu no campeonato de futebol. A sensibilidade nas interações, especialmente em relação às questões de gênero, é fundamental para garantir um ambiente de aprendizado inclusivo e respeitoso.

A implementação do estudo também revelou grandes desafios na organização do conteúdo programático, o que ocasionou momentos de desorientação. Ainda assim, avalio que o objetivo de proporcionar aos alunos experiências enriquecedoras no domínio da cultura corporal do movimento foi plenamente alcançado.

Outro momento que merece destaque neste estudo foi a participação da escola na exposição “A Educação Física nas Escolas da Cidade”. Foi uma experiência de grande aprendizado, na qual tive a oportunidade de conhecer mais profundamente a história do Barão e, mais ainda, descobrir as trajetórias de outras

escolas. Essas foram apresentadas por professoras de Educação Física dedicadas, que também se empenharam em estudar as instituições onde atuam, buscando mostrar como as práticas corporais são e foram desenvolvidas em diferentes realidades e contextos.

Além disso, a exposição, de certa forma, “mostrou para o mundo” registros — por meio de imagens, vídeos e áudios — que contam como a Educação Física aconteceu no passado e acontece no presente no Barão. São registros que, provavelmente, jamais teriam saído de uma cristaleira localizada na entrada da escola, trancados com uma chave que fica sobre a mesa da vice-diretora.

Registros tão belos e inspiradores quanto aqueles que construí com meus alunos durante este estudo, os quais narram o presente e revelam um pouco do cotidiano da escola, das aulas de Educação Física e de como este estudo possibilitou uma mudança na percepção dos alunos sobre a disciplina, além de mostrar como eles podem contribuir para a construção do planejamento.

Esses registros, somados aos produzidos durante este estudo por mim e pelos alunos, ou com a participação deles, constituem a base do recurso educacional desenvolvido ao longo deste trabalho. Esse e-book é complementar ao texto desta dissertação, apresentando um caráter mais leve e descontraído, e contará com recursos audiovisuais que aproximam o leitor das atividades realizadas neste estudo.

Toda essa pesquisa, todo este estudo teve impactos significativos na minha prática pedagógica. Como professor-pesquisador, ao estudar a minha própria prática, percebi que era necessário melhorar e, principalmente, me lançar ao desafio de mudar, de refletir e de questionar diversos aspectos. Para isso, foi preciso transformar a forma como planejo minhas aulas, como interajo e escuto meus alunos, como enxergo a escola em que trabalho e como avalio meus estudantes.

Essas mudanças — em grande parte — tiveram um impacto tão significativo que hoje fazem parte da minha prática pedagógica cotidiana. Atualmente, elaboro meus planejamentos escolares com muito mais segurança e de forma mais eficaz. Também aperfeiçoei minha maneira de avaliar os alunos, tornando o processo avaliativo mais eficiente e significativo.

Mais do que apenas medir a aprendizagem de conceitos e regras, a avaliação passou a ser um momento em que o aluno pode se expressar, por meio da inclusão

de questões subjetivas que o convidam a refletir sobre sua conduta nas aulas, sua percepção sobre os conteúdos trabalhados e sua vivência nas atividades propostas.

Em outras palavras, a avaliação tornou-se um espaço de diálogo e escuta, no qual os alunos podem se abrir comigo — algo que, no cotidiano escolar, nem sempre é possível, especialmente devido à falta de tempo para ouvi-los com a atenção que merecem.

Ou seja, o mestrado me proporcionou algo de grande relevância: o aprimoramento da minha prática pedagógica. Nesse sentido, recordo-me de uma frase do professor José Ângelo Gariglio — atual coordenador do ProEF no campus da UFMG — que, em uma das aulas do programa, afirmou: *"Com o mestrado, se você conseguir melhorar a sua própria prática pedagógica, tá bom demais."*

E, finalmente, respondendo à pergunta que norteou todo o desenvolvimento deste estudo: é possível construir um planejamento participativo para, juntos, desenvolvermos as práticas corporais determinadas pelos documentos orientadores em uma escola com carência de espaços e materiais?

A resposta é: sim, é possível. Porém, mais importante do que simplesmente afirmar essa possibilidade, foi perceber que talvez a escola nunca tenha sido, de fato, tão carente de espaços e materiais quanto se imaginava. Talvez o que realmente precisasse acontecer fosse o reconhecimento de que, apesar das limitações, a escola também possui inúmeras potencialidades — e que essas potencialidades precisam e devem ser reconhecidas para que possam ser exploradas... assim como fizeram os professores de outras épocas.

O planejamento participativo, algumas considerações especiais se fazem necessárias. Embora a maioria dos autores que tratam do tema destaque a promoção de mudanças na comunidade em que a escola está inserida como um dos pilares desse modelo no ambiente educacional, é importante reconhecer que se trata de um processo que exige um prazo mais longo para que tais transformações se concretizem de maneira efetiva.

Diante do exposto, defendo que, apesar das limitações inerentes ao processo – principalmente no que se refere ao tempo necessário para que mudanças mais profundas se concretizem e à participação menos expressiva de outros atores da escola (os quais, embora convidados, não se engajaram no processo) –, tenho convicção de que, assim como para mim, para os meus alunos o planejamento

utilizado nesta pesquisa proporcionou, de fato, uma participação ativa na definição dos rumos das aulas durante os dois bimestres em que se desenvolveu a etapa principal deste estudo. Mais do que apenas eleger os conteúdos a serem abordados, os alunos se organizaram e se envolveram ativamente, seja na preparação para o campeonato de futebol, seja na apresentação da coreografia de dança, seja na formulação de sugestões para o desenvolvimento do projeto “Futebol do Barão".

Em decorrência disso, percebi que os alunos refletiram sobre a importância de participar — e não simplesmente por participar, mas de fazê-lo com responsabilidade e consciência —, uma vez que o voto da maioria moldou os temas e as atividades executadas durante este estudo. Isso demonstra que os alunos amadureceram tanto pessoal quanto politicamente, o que, com certeza, contribuiu para o desenvolvimento de sua autonomia e de uma participação mais ativa e consciente.

Considero que cometi alguns erros na condução deste estudo, principalmente em relação à realização de registros, em especial das aulas de ginástica. Essa ausência gerou uma lacuna no desenvolvimento deste texto e do recurso educacional. A não participação de alguns alunos no campeonato de futebol também me deixou bastante chateado, mesmo tendo consciência de que fiz o que estava ao meu alcance. Ainda assim, não foi suficiente. Por outro lado, essa falha demonstra, de certa maneira, que os instrumentos avaliativos utilizados neste estudo foram assertivos, pois permitiram que o aluno expressasse seu descontentamento com a situação — algo que talvez não tivesse feito de forma mais direta em um diálogo comigo. O fato de o festival de funk ter ocorrido de maneira abrupta também dificultou a participação de alguns alunos e, de certa forma, diminuiu a potência do evento. De qualquer maneira, foram erros que aconteceram enquanto eu tentava acertar e dar o meu melhor, principalmente em respeito aos meus alunos.

Concluindo, o percurso do mestrado profissional me fez aprender, refletir, rever e reconstruir importantes elementos da minha identidade docente. Aprendi a confiar mais nos meus alunos, percebi que é possível ampliar os conteúdos que desenvolvo com eles, aprimorei minha capacidade de escutá-los, desenvolvi minhas habilidades de planejamento de aulas e constatei que é viável ensinar e aprender novos conteúdos, expandindo a compreensão dos meus alunos sobre a cultura corporal do movimento e contribuindo para a formação deles enquanto cidadãos.

REFERÊNCIAS

ALVES, C. S. R.; CORSINO, L. N. O parkour como possibilidade para a educação física escolar. *Motrivivência*, Florianópolis, n. 41, p. 247–257, 2013. DOI: https://doi.org/10.5007/2175-8042.2013v25n41p247. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2013v25n41p247. Acesso em: 23 jan. 2025.

BETTI, M. A versão final da Base Nacional Comum Curricular da educação física (Ensino Fundamental) : menos virtudes, os mesmos defeitos. *Rev. Bras. Educ. Fís. Escolar*, Ano IV, v. 1, jul. 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/329244831. Acesso em: 13 set. 2023.

BETTI, I. C. R. *Esporte na escola: mas é só isso, professor?* **Motriz**, Rio Claro, v. 1, n. 1, p. 25-31, jun. 1999.

BARÃO CENTENÁRIO. *100 anos da Escola Estadual Barão do Rio Branco*. Belo Horizonte, 2006.

BARROSO, A. L. R. Inquietações no tratamento do esporte na Educação Física escolar. In: ALBUQUERQUE, D. I. P.; DEL-MASSO, M. C. S. (org.). *Desafios da Educação Física Escolar: temáticas da formação em serviço no ProEF*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020.

BOCCHINI, D. Desvelando o funk nas aulas de Educação Física. 2012. Apresentação de trabalho/seminário. Disponível em: http://www2.fe.usp.br/~gpef/semef2012/poster_Daniel_Bocchini.pdf. Acesso em: 21 jan. 2025.

BRACHT, V. *Educação Física e aprendizagem social*. 2. ed. Porto Alegre: Magister, 1997.

BRASIL. [Constituição (1988)]. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília, DF: Presidente da República, [2016]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 5 dez. 2023.

BRASIL. *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 5 dez. 2023.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs): Introdução – Ensino Fundamental*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.

CALLAI, A. N. A.; BECKER, E. P.; SAWITZKI, R. L. Considerações acerca da Educação Física escolar a partir da BNCC. *Conexões*, Campinas, SP, v. 17, p. e019022, 2019. DOI: https://doi.org/10.20396/conex.v17i0.8654739. Disponível em:

https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8654739. Acesso em: 5 dez. 2023.

CANDAU, V. M. A formação de educadores: uma perspectiva multidimensional. *Em Aberto*, Brasília, v. 1, n. 8, p. 19–21, ago. 1982.

CANTORANI, J. R. H.; PILATTI, L. A. O nicho esportes de aventura: um processo de civilização ou descivilização? *EFDeportes*, Buenos Aires, ano 10, n. 87, 2005. Disponível em: http://www.efdeportes.com/efd87/aventur.htm. Acesso em: 20 jan. 2025.

CARVALHO, J. S. F. Algumas reflexões sobre o papel da escola de 2º grau. *Revista Paulista de Educação Física*, São Paulo, SP, supl. 2, p. 36–39, 1996.

CHAVES, E. Uma escola de graça, saúde e beleza: Natália Lessa, a dança e a educação da feminilidade. 2013. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino de educação física*. São Paulo: Cortez, 1992.

DALMÁS, A. *Planejamento participativo na escola: elaboração, acompanhamento e avaliação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. 142 p.

DEBORTOLI, J. A.; LINHARES, M. A.; VAGO, T. M. Infância e conhecimento escolar: princípios para a construção de uma educação física “para” e “com” as crianças. *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 5, p. 92–105, 2006. DOI: https://doi.org/10.5216/rpp.v5i0.48. Disponível em: https://revistas.ufg.br/fef/article/view/48. Acesso em: 21 nov. 2023.

EHRENBERG, M. C. A dança como conhecimento a ser tratado pela educação física escolar: aproximações entre formação e atuação profissional. 2003. 129 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, SP. Disponível em: https://hdl.handle.net/20.500.12733/1594865. Acesso em: 20 jan. 2025.

ESSINGER, S. *Batidão: uma história do funk*. Rio de Janeiro: Record, 2005. 292 p.

FARIA FILHO, L. M. de. Dos pardieiros aos palácios : forma e cultura escolares em Belo Horizonte (1906/1918). 1996. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996. Acesso em: 29 set. 2024.

FARIA FILHO, L. M. de. A escola no movimento da cidade: os grupos escolares de Belo Horizonte. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, n. 26, dez. 1997. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/edrevista/article/view/42589/32430. Acesso em: 8 out. 2024.

FORNI, E. P. D. *Educação e Educação Física escolar: em questão, o Funk*. 2024. 104 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Bauru, 2024.

FRANÇA, J. L.; VASCONCELLOS, A. C. de. *Manual para normalização de publicações técnico-científicas*. 10. ed. comemorativa dos 30 anos. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2019.

FRANCO, L. C. P.; CAVASINI, R.; DARIDO, S. C. Práticas corporais de aventura. In: GONZÁLEZ, F. J.; DARIDO, S. C.; OLIVEIRA, A. A. B. de (Org.). *Lutas, capoeira e práticas corporais de aventura*. Maringá: Eduem, 2017. p. 101–135.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1987. 107 p.

GANDIN, D. *A prática do planejamento participativo: na educação e em outras instituições, grupos e movimentos dos campos cultural, social, político, religioso e governamental*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

GANDIN, Danilo. A posição do planejamento participativo entre as ferramentas de intervenção na realidade. *Currículo sem Fronteiras*, v. 1, n. 1, p. 81–95, jan./jun. 2001. Disponível em: http://www.curriculosemfronteiras.org. Acesso em: [inserir data de acesso].

GOMES, Izaú Veras; MOREIRA, Eduardo Vinícius. “Por favor deixa eu passar”: Funk na Educação Física escolar. In: NICÁCIO, Luiz Gustavo et al. (org.). *Formação na prática*. Belo Horizonte: UFMG/Pró-Reitoria de Extensão, 2020. p. 27–48.

GONZÁLEZ, F. J.; DARIDO, S. C.; OLIVEIRA, A. A. B. de. Lutas, capoeira e práticas corporais de aventura. In: GONZÁLEZ, F. J.; DARIDO, S. C.; OLIVEIRA, A. A. B. de (Org.). *Lutas, capoeira e práticas corporais de aventura*. Maringá: Eduem, 2014. cap. 1, p. 101–135.

GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. Entre o “não mais” e o “ainda não”: pensando saídas do não-lugar da EF escolar II. *Cadernos de Formação RBCE*, Porto Alegre, RS, v. 1, n. 2, p. 10–21, mar. 2010.

GONZÁLEZ, F. J.; FRAGA, A. B. *Afazeres da Educação Física na escola: planejar, ensinar, partilhar*. Erechim: Edelbra, 2012.

GOTSCHALG, J. V. *A professora Guiomar Meirelles Becker: um percurso no ensino da ginástica em Minas Gerais*. 2013. 132 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Educação, Belo Horizonte, 2013.

IEPHA. *Guia de Bens Tombados*. 2. ed. Belo Horizonte, v. 1, 2014. Disponível em: https://issuu.com/iephamg/docs/gbt_v1/285. Acesso em: 14 out. 2024.

IMPOLCETTO, F. M.; DARIDO, S. C. Educação Física como componente curricular da Educação Básica: aspectos legais. In: ALBUQUERQUE, D. I. P.; DEL-MASSO, M. C. S. (Org.). *Desafios da Educação Física Escolar: temáticas da formação em serviço do ProEF*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020.

IMPOLCETTO, F. M.; MOREIRA, E. C. A educação física escolar na BNCC: avanços e desafios. *Corpoconsciência*, [S. l.], v. 27, p. e15228, 2023. DOI: https://doi.org/10.51283/rc.27.e15228. Disponível em: https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/15228. Acesso em: 18 jan. 2025.

INÁCIO, H. L. de D. Proposta de classificação das práticas corporais de aventura para o ensino na educação física escolar. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Goiânia, n. 43, p. 1–8, 2021. DOI: https://doi.org/10.1590/rbce.43.e005321. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbce/a/JBt8mVCrp38pdD6KxPWjPZM/?lang=pt. Acesso em: 20 jan. 2025.

KIOURANIS, T. D. S. Dança. In: GONZÁLEZ, F. J.; DARIDO, S. C.; OLIVEIRA, A. A. B. de (Org.). *Ginástica, danças e atividades circenses: práticas corporais e a organização do conhecimento*. 2. ed. Maringá: Editora da Universidade Federal do Paraná, 2017. v. 3, cap. 4, p. 109–164. Disponível em: http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/acta/article/view/3690/2967. Acesso em: 10 jan. 2025.

JUBILEU DE OURO DO GRUPO ESCOLAR BARÃO DO RIO BRANCO. Belo Horizonte, 1956.

KUNZ, E. *Transformação didático-pedagógica do esporte*. 8. ed. Ijuí: Unijuí, 2014. 160 p.

LAROSSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, p. 20–28, 2002.

LIBÂNEO, J. C. *Didática*. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2018.

MENDEL, M. M. Além do “quarteto fantástico”: a diversificação dos conteúdos da Educação Física por meio de um planejamento participativo. 2023. 112 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física Escolar em Rede – ProEF) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023.

MENEGOLLA, M.; SANT’ANNA, I. M. *Por que planejar? Como planejar?* Petrópolis: Vozes, 2022.

MORENO, A.; VAGO, T. M. Nascer de novo na Cidade-Jardim da República: Belo Horizonte como lugar de cultivo de corpos (1881–1930). *Pro-Posições*, Campinas, v. 22, n. 3 (66), p. 67–80, set./dez. 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pp/a/cX6ppcB9MCLzm5npKv5LVsq/?lang=pt. Acesso em: 28 set. 2024.

NEIRA, M. G. Incoerências e inconsistências da BNCC de Educação Física. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 40, n. 3, p. 215–223, jul. 2018.

PENTEADO, Heloísa Dupas; GARRIDO, Elisa. *Pesquisa-ensino: uma modalidade de pesquisa-ação*. Tradução. São Paulo: Paulinas, 2010. Acesso em: 10 out. 2024.

REZER, R. Pressupostos orientadores para o ensino dos “futebóis” na Educação Física escolar. *Cadernos de Formação RBCE*, p. 71–87, set. 2009.

RIANCHO, A. Por montes e vales. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Belo Horizonte, v. 36, p. 23–198, 1894. Disponível em: http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/rapm_pdf/1666.pdf. Acesso em: 28 set. 2024.

ROCHA, F. C. C. da. *A Reforma João Pinheiro nas práticas escolares do Grupo Escolar Paula Rocha/ Sabará (1907–1916)*. 2008. 144 f. Dissertação (Mestrado em Educação: Conhecimento e Inclusão Social) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

SANTOS, E. W. S. dos. *O planejamento participativo como possibilidade de uma Educação Física escolar mais democrática*. 2024. 59 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física Escolar em Rede – ProEF) – Instituto de Educação Física e Esportes (IEFEs), Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2024.

SIEDENTOP, D. *Sport Education*. Champaign, IL: Human Kinetics, 1994.

SOUZA, C. A. de; MALDONADO, D. T.; NEIRA, M. G. Círculo de cultura e educação física: a tematização do funk na escola. *Revista Kinesis*, Santa Maria, v. 36, n. 1, p. 116–129, jan./abr. 2018. Disponível em: https://repositorio.usp.br/item/003061373. Acesso em: 10 jan. 2025.

SOUZA, E. B. das G. B. de. *Planejamento participativo nas aulas de Educação Física em uma escola da rede estadual de Minas Gerais*. 2024. 70 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física Escolar em Rede – ProEF) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2024.

SOUZA JUNIOR, O. de O. A Educação Física e a questão de gênero. In: ALBUQUERQUE, D. I. P.; DEL-MASSO, M. C. S. (org.). *Desafios da Educação Física Escolar: temáticas da formação em serviço do ProEF*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020.

TABORDA DE OLIVEIRA, M. A. O esporte brasileiro em tempos de exceção: sob a égide da Ditadura (1964–1985). In: DEL PRIORE, M.; MELO, V. (org.). *História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais*. São Paulo: UNESP, 2009.

TAHARA, A. K.; DARIDO, S. C. Práticas corporais de aventura em aulas de Educação Física na escola. *Conexões*, Campinas, v. 14, n. 2, p. 113–136, 2016. DOI: 10.20396/conex.v14i2.8646059. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8646059. Acesso em: 22 jan. 2025.

TEMPO E EDUCAÇÃO: Escola Barão do Rio Branco. Belo Horizonte, v. 1, n. 1, out. 1976.

VAGO, T. M. *Cultura escolar, cultivo de corpos: educação física e gymnastica como práticas constitutivas dos corpos de crianças no ensino público primário de Belo Horizonte*. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

VAGO, T. M. *Histórias de Educação Física na escola*. 1. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.

VAGO, T. M. Pensar a Educação Física na escola: para uma formação cultural da infância e da juventude. *Cadernos de Formação RBCE*, v. 1, n. 1, p. 25–42, 2009. Disponível em: https://cev.org.br/media/biblioteca/4032829.pdf. Acesso em: 21 nov. 2023.

VIANNA, I. O. de A. *Planejamento participativo na escola: um desafio ao educador*. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: EPU, 2000.

VILETE, A. P. *O planejamento participativo e a importância da Educação Física na formação dos alunos: uma proposta pedagógica*. 2020. 145 p. Dissertação (Mestrado em Educação Física Escolar) – Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória, 2020.

ZAIDAN, S.; FERREIRA, M. C. C.; KAWASAKI, T. F. A pesquisa da própria prática no mestrado profissional. *Plurais – Revista Multidisciplinar*, Salvador, v. 3, n. 1, p. 88–103, 2018. DOI: 10.29378/plurais.2447-9373.2018.v3.n1.88-103. Disponível em: https://revistas.uneb.br/index.php/plurais/article/view/5251. Acesso em: 11 out. 2024.

APÊNDICES

APÊNDICE 1: CARTA DE ANUÊNCIA

E.E. BARÃO DO RIO BRANCO
ENSINO FUNDAMENTAL
Lei nº 439 de 28/09/1906 - Decreto
de criação de 1980 de 16/12/1905 -
Resolução SEE/MG nº 7611/95
Av. Getúlio Vargas, 1059
Funcionários - 30112-025 - Bel/MG
Tel.: 3...1-3356

CARTA DE ANUÊNCIA

Eu Valéria de Cássia Rodrigues Medeiros Severo, diretora da Escola Estadual Barão do Rio Branco, autorizo a realização da coleta de dados nas dependências da escola para a pesquisa de mestrado intitulada: "Que Educação Física Para Qual Barão? Construção de um Planejamento Participativo para/com os Alunos Do 6º Ano da Escola Estadual Barão Do Rio Branco", orientada pela Profª. Dra. Cássia Danielle Monteiro Dias Lima e realizada pelo discente Giovanni Paolo de Jesus Donadia,

Entendo e concordo com os termos relacionados abaixo para autorização da realização do referido projeto:

1. Entendo que os alunos da escola serão convidados a participarem de forma voluntária da pesquisa e poderão desistir a qualquer momento, sem apresentar justificativa.

2. Entendo que os horários de participação deverão ser estabelecidos de acordo com disponibilidade do voluntário, sem que haja gastos adicionais com deslocamento.

3. Entendo que os voluntários receberão informações sobre os procedimentos a serem realizados, e caso concordem em participar, assinarão o termo de assentimento livre e esclarecido, e os responsáveis assinarão o termo de consentimento livre e esclarecido.

4. Entendo que os dados dos voluntários serão mantidos em anonimato e autorizo a publicação dos resultados em revistas científicas de Educação Física.

5. Entendo que as filmagens serão utilizadas somente para fins de pesquisa e que apenas os pesquisadores terão acesso a elas. Entendo também que os responsáveis pelos voluntários estão cientes e autorizam o uso das filmagens para fins de pesquisa.

Valeria de Cássia R. Medeiros Severo
Diretora MASP: 897129-3
Nomeação: MG 02/01/2023
Posse de 04/11/2023

28 / 02 / 24

Valéria de Cássia Rodrigues Medeiros Severo — Data

Diretora da Escola Estadual Barão do Rio Branco

Profª. Dra. Cássia Danielle Monteiro Dias Lima
Responsável pela pesquisa

APÊNDICE 2: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Eu Giovanni Paolo de Jesus Donadia, mestrando, professor de Educação Física da Escola Estadual Barão do Rio Branco venho, por meio deste, convidar seu filho(a) a participar da pesquisa intitulada **"QUE EDUCAÇÃO FÍSICA PARA QUAL BARÃO?: CONSTRUÇÃO DE UM PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO PARA/COM OS ALUNOS DO 6ºANO DA ESCOLA ESTADUAL BARÃO DO RIO BRANCO"** de minha autoria. Aceitando esse convite o senhor(a) permitirá que seu filho participe na condição de colaborador(a) voluntário(a) da pesquisa. A participação do seu filho(a) não é obrigatória e, a qualquer momento, seu filho (a) poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Se o senhor(a), após ler esse termo, estiver de acordo solicitamos que o assine, por gentileza. Também, será entregue ao senhor(a) uma cópia deste Termo.

APRESENTAÇÃO DA PESQUISA: A Escola Estadual Barão do Rio Branco foi o primeiro grupo escolar da cidade de Belo Horizonte. Inaugurada em 1906 e transferida para o atual prédio em 1914. A centenária escola possui um belo projeto arquitetônico, patrimônio da cidade, todavia, infelizmente, conta com poucos espaços e materiais para que o desenvolvimento das aulas de Educação Física esteja de acordo com a legislação educacional, limitando a prática de vários conteúdos obrigatórios e, dessa forma, influenciando negativamente o aprendizado dos/as alunos/as. Para lidar com essas questões, iremos construir um planejamento participativo, que contará com envolvimento de toda a comunidade escolar (alunos, familiares, professores, direção, supervisão e funcionários) que colaborarão na seleção dos conteúdos levando em conta a legislação educacional, a história da escola e as preferências dos membros da comunidade escolar.

OBJETIVO DA PESQUISA: Este estudo tem por objeto construir um planejamento participativo para/com os alunos do 6º ano da Escola Estadual Barão do Rio Branco, levando em consideração a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o Currículo Referência de Minas Gerais (CRMG), buscando conciliá-los às condições de espaço e material oferecidos por esta Escola.

PROCEDIMENTOS DA PESQUISA: A Escola Estadual Barão do Rio Branco oferece turmas a partir do sexto, por isso, como forma de receber e acolher os alunos recém matriculados, iniciaremos este estudo conhecendo um pouco mais sobre eles, buscando informações sobre as práticas corporais que eles realizam e quais práticas eles gostariam de realizar. Feito isso, faremos um *tour* por toda a escola, dando especial atenção aos espaços destinados à realização das aulas de Educação Física, e à rica história da escola. Dando continuidade ao nosso estudo, apresentaremos aos alunos os conteúdos que iremos trabalhar durante os dois bimestres, conteúdos esses, que são determinados pela legislação educacional, especialmente a BNCC e CRMG. Conhecidos os conteúdos, iremos solicitar que os alunos e toda a comunidade escolar selecionem, a partir de um formulário, quais as práticas corporais gostariam que desenvolvêssemos. Após a seleção das atividades, iremos planejar as aulas com base nessas práticas. Na última etapa do estudo, realizaremos um grande festival denominado: Práticas Corporais do Barão que será organizado pelos alunos, com a minha supervisão, com o objetivo de apresentarmos as práticas corporais que desenvolvemos ao longo do estudo.

Durante todo esse processo, como forma de documentar as atividades desenvolvidas durante este estudo, poderá ser necessário realizar alguns registros de imagens, sons, vídeos para que sejam incorporados ao trabalho. Cabe destacar, que esses registros buscarão sempre respeitar a intimidade e a imagem dos alunos, procurando focar nas atividades desenvolvidas de forma coletiva e não determinado aluno ou aluna.

_____ _____

Rubrica do Participante Rubrica do Pesquisador

CUSTO/REEMBOLSO PARA O COLABORADOR: Você não arcará com nenhum gasto decorrente da sua participação e também não receberá qualquer espécie de gratificação devido à participação de seu filho (a) na pesquisa.

BENEFÍCIOS DA PESQUISA: Com este estudo queremos contribuir para o desenvolvimento de uma escola democrática. Para isso, daremos a oportunidade de que a comunidade escolar contribua na seleção dos conteúdos estudados durante o ano de 2024, na disciplina de Educação Física. Desenvolvendo a participação política e a autonomia dos nossos alunos.

RISCOS DA PESQUISA: A pesquisa possui baixo grau de risco, uma vez que acontecerá durante as aulas de Educação Física. Incidentes de baixa gravidade podem ocorrer durante as aulas mas serão minimizados pela supervisão constante e pelo acompanhamento do professor (pesquisador). Os ricos citados não possuem relação direta com a pesquisa, mas guardam relação com as atividades desenvolvidas no cotidiano das aulas de Educação Física. Em caso de danos, provenientes da pesquisa, você poderá buscar indenização nos termos da Res.466/12.

CONFIDENCIALIDADE DA PESQUISA: Asseguramos sigilo e privacidade quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa. Os dados construídos por meio do registro das atividades que conte com a participação do seu filho(a) somente serão divulgados com o seu consentimento, bem como a sua identificação no texto da pesquisa.

CONTATOS:
O senhor(a) poderá entrar em contato conosco em qualquer momento para esclarecer dúvidas gerais da pesquisa ou para qualquer outra demanda:

- Giovanni Paolo de Jesus Donadia

Endereço: Rua Tomé de Souza, 679 - Bairro Funcionários - Belo Horizonte - MG
Telefone: (31) 98561-0640

- Cássia Danielle Monteiro Dias Lima

Endereço: Rua Juncal 1, nº 311A,São Caetano, Betim
Telefones: 31 98204-2275

Para esclarecimento de dúvidas sobre ética da pesquisa, favor entrar em contato com:

- Comitê de Ética na Pesquisa da UFMG

Endereço: Av. Antônio Carlos, nº 6627. Pampulha/ BH. Unidade Administrativa II - 2º andar - Sala 2005.
Telefone: 3409 4592

CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu,_____ li o texto acima e compreendi a natureza e objetivo do estudo do qual meu filho(a) _____ turma (60) foi convidado a participar. A explicação que recebi menciona os riscos e benefícios do estudo. Eu entendi que sou livre para interromper a participação do meu filho(a) no estudo a qualquer momento sem justificar minha decisão. Eu concordo voluntariamente que meu filho participe deste estudo. Este termo seguirá em duas vias, sendo que uma deverá ser devolvida e outra ficará com você participante.

_____
(Assinatura do Participante)

_____
(Assinatura do Pesquisador)

APÊNDICE 3: TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

PROGRAMA MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA EM REDE NACIONAL, POLO UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (ProEF/UFMG)

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)

Olá, querido aluno, gostaria de convidá-lo a fazer parte de um estudo que irei realizar na nossa escola durante o ano de 2024. Neste estudo, iremos construir juntos o planejamento de dois dos nossos bimestres. Para isso, iremos nos conhecer melhor. Ao começar o projeto, irei fazer algumas perguntas sobre você, sobre o que é Educação Física e o que ele representa para você, se você pratica alguma atividade esportiva ou cultural fora da nossa escola, e além disso, e, mais importante, quais práticas corporais você gostaria de participar nas aulas de Educação Física.

Você terá um papel fundamental nessa pesquisa, pois ajudará a selecionar quais atividades iremos desenvolver. Feito isso, você irá conhecer e participar de muitas atividades novas e interessantes.

Para que você participe da pesquisa, basta assinar este termo e autorizar que façamos alguns registros, de imagem, som e vídeo, para que eu os utilize na construção deste estudo. Mas fique tranquilo, os registros ficarão sob minha responsabilidade, e não serão divulgados a outras pessoas. Caso eu precise fazer algum registro de vídeo ou de imagem eu cuidarei da sua intimidade e não registrei fotos de um aluno específico, mas sim nas atividades desenvolvidas de forma coletiva.

Caso você queira participar do nosso estudo, ficarei muito agradecido, mas, caso você não esteja disposto a participar, não se preocupe, não haverá nenhum tipo de punição para você, além disso, você participará de todas as aulas e atividades desenvolvidas nas nossas aulas da mesma forma que o restante dos colegas.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo que iremos desenvolver ou sobre qualquer outra coisa, basta me procurar durante a aula de Educação Física, ou, até mesmo fora dela, que eu terei o maior prazer em conversar com você e te esclarecer.

Um forte abraço.

Atenciosamente,

Giovanni Donadia, professor de Educação Física do 6º ano.

_____ Turma: 60 .

(Assinatura do Participante/Aluno)

_____

(Assinatura do Professor/Pesquisador)

APÊNDICE 4: FORMULÁRIO PARA APRESENTAÇÃO DOS ALUNOS

ESCOLA ESTADUAL BARÃO DO RIO BRANCO

AV. Getúlio Vargas,1059- Funcionários –CEP: 30112020 - Belo Horizonte – MG
Email: escola.1945@educacao.mg.gov.br
Tel.: (31) 3221-3356

Turma: _60__ Data: ____/_____/_____

	Nome do Aluno	Gosta da aula	Faz Escolinha	O que quero ser quando crescer	Parentes que estudaram no Barão
1)					
2)					
3)					
4)					
5)					
6)					
7)					
8)					
9)					
10)					
11)					
12)					
13)					
14)					
15)					
16)					
17)					
18)					
19)					
20)					
21)					
22)					
23)					
24)					
25)					
26)					
27)					
28)					
29)					
30)					
31)					
32)					
33)					
34)					
35)					
OBSERVAÇÕES:					

APÊNDICE 5: TABELA DAS PROFISSÕES CITADAS PELOS ALUNOS

Tabela de Profissões dos alunos									
Profissão	601	602	603	604	605	606	607	608	TOTAL
Jogador de Futebol	11	3	2	7	3	4	9	8	47
Policial	3	4	6	2	1		5	2	23
Veterinário	5	4	1	2	4	2	2	3	23
Médico	3	3	5	6	3				20
Advogado	1	6		2	1	3	2	2	17
Atleta de Lutas	1				1				2
Atleta de Natação						1			1
Nutricionista						1			1
Fisioterapeuta	1								1
Mecânico	1							1	2
Maquiadora	1								1
Confeiteira	1							1	2
Informática	1								1
Estilista		1						1	2
Piloto de Avião		1							1
Barbeiro		1							1
Cientista		1							1
Jogador de Vôlei								1	1
Jogador de Basquete		1		1		1		1	4
Desembargador/Juiz		1			1		1	1	4
Bombeiro		1					1		2
Empresário			1		3	1	1	2	8
Biologia Marinha			1						1
Marinheiro					1				1
Dançarina			1						1
Artista			1				1	1	3
Atleta de Parkour			1						1

Cantora			2						2
Piscólogo					1			1	2
Rico						1			1
Engenheiro				1	1				2
Cineasta								1	1
Cabelereiro				1					1
Publicidade					1				1
Professor					3				3
Professor de História				1					1
Professor de Educação Física			1						1
Robótica					1				1
Astrônomo				1					1
Desenhista				1					1
Fotógrafa								1	1
Não sabe	1	5	7	2	2	12	5	1	35
TOTAL	30	32	29	27	27	26	27	28	226

APÊNDICE 6: *FOLDER* COM O *QR CODE* PARA ACESSAR O LINK DE ACESSO DO PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO.

PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO
EDUCAÇÃO FÍSICA - 6º ANO

PARTICIPE!!!



APÊNDICE 7: FICHA DE INSCRIÇÃO PARA O TORNEIO DE FUTEBOL

ESCOLA ESTADUAL BARÃO DO RIO BRANCO
AV. Getúlio Vargas,1059- Funcionários –CEP: 30112020 - Belo Horizonte – MG
Email: escola.1945@educacao.mg.gov.br Tel.: (31) 3221-3356

FICHA DE INSCRIÇÃO TORNEIO DE FUTEBOL 6º ANO (2024)

TURMA: _____	
REPRESENTANTE:	
NOME DA EQUIPE:	
COR DO UNIFORME:	

EQUIPE MASCULINA			EQUIPE FEMININA
TÉCNICO (a): _____			TÉCNICO (a): _____
TITULARES		TITULARES	
1		1	
2		2	
3		3	
4		4	
5		5	
6		6	
7		7	
RESERVAS		RESERVAS	
8		8	
9		9	
10		10	
11		11	
12		12	

EQUIPE TÉCNICA	
ÁRBITROS:	
PLACAR:	
ENTREVISTAS:	
MARKETING (DIVULGAÇÃO):	

APÊNDICE 8: SÚMULA DO CAMPEONATO DE FUTEBOL.

TORNEIO DE FUTEBOL BARÃO DO RIO BRANCO

JOGO N: __06__(SEMI-FINAL 02)

DATA: 28/08/2024 **Horário: 15:35**

VEN. JOGO 03: _____					VEN. JOGO 04: _____				
TÉCNICO (A) :					**TÉCNICO (A):**				
N	ATLETAS	G	CA	CV	N	ATLETAS	G	CA	CV
1					1				
2					2				
3					3				
4					4				
5					5				
6					6				
7					7				
	RESERVAS					RESERVAS			
8					8				
9					9				
10					10				
11					11				
12					12				
13					13				
14					14				

PLACAR FINAL: _____ x _____